

**Lanna Beatriz Lima Peixoto**

**CIDADE NAS ÁGUAS**  
**Um estudo sobre o imaginário em Salvaterra-PA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES  
NA AMAZÔNIA**

**LANNA BEATRIZ LIMA PEIXOTO**

**CIDADE NAS ÁGUAS**  
**Um estudo sobre o imaginário em Salvaterra-PA**

**Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia.**

**Orientador: Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira**

**Bragança, Pará**

**2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES  
NA AMAZÔNIA**

**LANNA BEATRIZ LIMA PEIXOTO**

**CIDADE NAS ÁGUAS - Um estudo sobre o imaginário em Salvaterra-PA**

**Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia.**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira**  
**Orientador (PPGLS/UFPA)**

---

**Prof. Dr. Luis Junior Costa Saraiva**  
**Examinador interno (PPGLS/UFPA)**

---

**Profa. Dra. Edna Maria Ramos de Castro**  
**Examinadora externa (NAEA/UFPA)**

---

**Profa. Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha**  
**Examinadora externa (FEEVALE/UFRGS)**

**Apresentado em : \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_**

**Conceito: \_\_\_\_\_**

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a todas as Deusas e Deuses, orixás, santas e santos, ao “povo do mar sagrado”, que abriram meu caminho, esse caminho, o caminho das águas. Guardaram-me e ampararam nos momentos mais difíceis como em águas maternas. Transportaram-me por essa viagem, ora em calma, ora em turbulência pela superfície das águas às suas profundezas, ou minhas. Deram-me licença para o banho nas águas de Salvaterra, me deram de beber suas paisagens e possibilitaram essa viagem por tempos, espaços, pessoas e encantarias.

Agradeço aos mestres que tive oportunidade de conhecer em Salvaterra, especialmente à dona Oneide, dona Joana, seu Lélío, seu Domingos, seu Cabo, seu Orlando, dona Marcíria, dona Eunice, Meire, Manoel, seu Miranda, dona Riso, dona Sebastiana, Damasceno, Silvando, seu Martinho, Bira Marajó, dona Mica, Ingrid, ao povo de Mangueiras, seu Japão, seu Napoleão e tantos outros salvaterrenses ou papas-coró, como são chamados e se autodesignam os que nascem e habitam Salvaterra. Pela generosidade de abrir uma parte do seu mundo para o estrangeiro, por me doarem seus olhares sobre ele.

Agradeço à minha família, por todo amor, companheirismo e paciência a mim dedicados. À minha mãe Beatriz Lima por desde cedo me ensinar a respeitar e gostar de ouvir histórias e aprender com elas como se meu próprio corpo as tivesse vivido. À Luana Beatriz pelas trocas, pelas palavras ditas e escutadas, por tecer ao meu lado tantas das linhas que compõem a minha vida. À Eliton Peixoto, meu pai, pelas palavras, olhares e carinhos presentes e ausentes.

Agradeço à Francisca Ferreira, pilar da família, minha avó, que com força, dedicação e serenidade guardou por anos nossas memórias, assim como até hoje guarda e vela por todos nós. Por ter dado início a tessitura de nossas vidas com mãos firmes, cautelosas e cheias de amor, mãos essas que nos ampararam e ainda hoje podemos senti-las quando dela lembramos. Por todos os olhares falantes, por todas as palavras imagéticas, os sorrisos infantis, por todos os ensinamentos, por toda inspiração, por guardar durante anos no mais profundo azul dos seus olhos a força feminina que irradiou por todas as mulheres da família e que sinto vibrar em mim a cada manhã.

Agradeço a Rafael Diaz, por me apontar com amor o caminho das águas e me dar a mão nesse mergulho. Agradeço a ele também por todo amor, paciência e dedicação que aquecem meus dias.

Sou sempre grata aos amigos que seguem comigo por serem quem são e estarem no lugar que estão, mas também: Manoel Cláudio, meu irmão, pela irmandade e companhia que me dedica quando o procuro, seja em crises ou no descanso delas; pelas várias conversas que me ajudaram a compor esse trabalho. Lorena Mendes, Nayane Muniz e Sammy Sales, por serem meu refúgio de cumplicidade e amizade, um respiro quando tudo vai mal, um sorriso quando tudo vai bem, por estarem ao meu lado a cada ciclo que se inicia.

Sou grata também a Camila Aranha e Duda Canto, que com Luana Beatriz e Manoel Cláudio compõem a equipe do Projeto D'água-palavra. Por construírem comigo esse trabalho e compartilharem comigo seus olhares sobre o Marajó em uma estadia encantada em Salvaterra. Agradeço também a PROEX, pelo Prêmio PROEX de Arte e Cultura, que viabilizou financeiramente a pesquisa de campo desse trabalho, e a expansão desse trabalho para além da academia.

Agradeço aos colegas de mestrado, que estiveram ao meu lado neste caminho de aprendizado: Emerson Campos, por toda força e companhia que deram leveza às minhas estadias em Bragança; agradeço a Cícero Junior, por deixar acontecer encontros de amizade; serei sempre grata a Gleubia Sousa pela companhia e serenidade dos dias que passamos juntas em Bragança; agradeço a André de Aquino, pelas conversas de doçura e inspiração que me convidaram a emergir poeticamente.

Agradeço também à dona Elisa, responsável pelo alojamento da UFPA de Bragança, esquecido e desprezado pela coordenação do Campus, que tornou possível minha estadia na cidade, por consequência minha continuidade no mestrado. Dona Eliza facilitou e tornou suportável os dias que ali passei, pela dedicação e zelo com o lugar, que merecia mais cuidado e uma gestão mais democrática que viabilizasse a estadia de outros alunos – não somente professores – que, como eu, vêm de outros municípios para estudar na universidade.

Ainda no âmbito da universidade, sou grata ao Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, em particular à Renan Costa e Profa. Dra. Cristina Caldas pela dedicação que tornam possível a manutenção do mestrado com todas as dificuldades enfrentadas pela educação institucional no interior da Amazônia.

Agradeço também aos mestres que encontrei pelo caminho acadêmico, por transbordarem-no: Profa. Edna Castro, por todo apoio e inspiração, por inaugurar, e ser ícone do grupo de mulheres que me inspiram a seguir na academia. À outra grande mulher, Profa. Ana Alencar, pela poesia dos momentos que passamos durante sua disciplina, a mais interessante, desafiadora e bonita no âmbito do mestrado, que me mostrou onde estavam os silêncios que em vão procurava nos textos acadêmicos.

E por falar em mestres, um pouco antes de começar o mestrado, uma previsão astrológica indicou um mestre em meu caminho, alguém com quem eu já estivera em contato, mas cuja influência se consolidaria sobre minha vida durante os próximos anos. Creio que não poderia ser outra pessoa. Agradeço ao Prof. Flávio Leonel, por toda atenção a mim e a meu trabalho, não só pelas densas lições intelectuais, mas por posicionamentos perante a academia, o outro, a vida, que fizeram com que eu me encontrasse ao seu lado em diversos sentidos. Agradeço por ter me incentivado a ouvir as estrelas, dar atenção às coincidências, deixar fluir os sentidos e o Outro no trabalho como um todo, na escrita, e por me permitir desatar algumas amarras tão incômodas.

O menino espiava: o rio, com efeito, chegara até o soalho, crescendo em sua escuridão poderia, de súbito e silenciosamente, desaparecer o chalé. Também o rio, pela mesma fenda, espiava o telhado sem forro, a corda de roupa rente da janela fechada que dava para a despensa, aquele alguidar cheio d'água para apanhar caturras, à luz do candeeiro na mesa de jantar.

[...]

Rio e menino continuavam se espiando (Três casas e um rio – Dalcídio Jurandir).

## RESUMO

Salvaterra é um município localizado no Arquipélago do Marajó, Estado do Pará, envolvido em águas, teve sua vida cultural, econômica, política estruturada em torno do diálogo entre humanos e os rios. Uma relação nem sempre harmoniosa, mas que constituiu um universo aquático rico em imagens, narrativas, saberes e fazeres sobre o lugar habitado, lugar esse aqui entendido a partir da extensão da experiência de moradores da terra para as águas. Neste trabalho investigo a formação dessas imagens e narrativas geradas nos rios da região, considerando seus entrelaçamentos, e o processo criativo que dá sentido a existência afetiva no tempo e no espaço. Para isso mergulho no cotidiano das criações minúsculas e do fértil terreno das repetições, nas narrativas encharcadas, me abandono ao fluxo da memória para compreensão e adesão às paisagens de antigos moradores, filhas e filhos de Salvaterra, mais especificamente da área urbana da sede do município, de 70 anos ou mais, que guardam os segredos da constituição de território físicos e subjetivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Salvaterra; Rios; Água; Imaginário; Narrativa.

## **ABSTRACT**

Salvaterra is a city of Marajó Archipelago, in the Pará state, involved in water, had its cultural, economic and political life, structured around the dialogue between humans and rivers. A relationship not always smooth, but which composed an aquatic universe rich in images, narratives, knowledges and practices about the inhabited place, this place is here understood from the extent of experience inhabitants, from the land to the water. In this work I investigate the formation of these images and narratives conceived in the region rivers, its entanglements, and the creative process that gives meaning to existence affectionate in time and space. Therefore I immerse in everyday tiny creations and in fertile land of repetitions, in the wet narratives, I abandon myself to the memory flow to understand and adhere the residents landscapes, daughters and sons of Salvaterra, more specifically in the county seat urban area, who hold the secrets of physical and subjective territory construction.

**KEYWORDS:** Salvaterra; Rivers; Water; Imaginary; Narrative.

## ÍDICE DE IMAGENS

### INTRODUÇÃO

Imagem 1: Município de Salvaterra ( <a href="http://salvanativa.blogspot.com.br/2011">http://salvanativa.blogspot.com.br/2011</a> )	16
Imagem 2: Localização de Salvaterra 1 ( <a href="https://maps.google.com.br/2014">https://maps.google.com.br/2014</a> )	17

### I CAPÍTULO - ÀS ÁGUAS DO MUNDO

Imagem 3: Igarapé Salazar - Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2014)	24
Imagem 4: O silêncio do rio - Salvaterra (Lanna Lima. setembro de 2011)	25
Imagem 5: Localização de Salvaterra 1 ( <a href="https://maps.google.com.br/2014">https://maps.google.com.br/2014</a> )	28
Imagem 6: A ponte - Salvaterra (Lanna Lima. dezembro de 2013)	33
Imagem 7: O silêncio da rua - Salvaterra (Lanna Lima. maio de 2012)	34
Imagem 8: Descanso dos pés - Travessia Belém-Camará (Lanna Lima. dezembro de 2013)	41
Imagem 9: Na rede - Travessia Belém-Camará (Lanna Lima. dezembro de 2013)	41
Imagem 10: Chegada - PA154 (Lanna Lima. dezembro de 2012)	41
Imagem 11: Bem vindo a Salvaterra – PA154 (Lanna Lima. dezembro de 2012)	41
Imagem 12: Segunda Rua – Salvaterra (Lanna Lima. dezembro de 2012)	43
Imagem 13: Praia Grande – Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2010)	44
Imagem 14: Prainha – Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2010)	44
Imagem 15: Praia dos barcos – Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2010)	44
Imagem 16: Croqui de localização da área estudada – Salvaterra (Lanna Lima. 2012)	45
Imagem 17: Crianças no Igarapé Salazar – Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2014)	46
Imagem 18: A roda gigante – Salvaterra (Lanna Lima. dezembro de 2012)	49
Imagem 19: A pulsão do rio – Salvaterra (Duda Canto. janeiro de 2014)	51
Imagem 20: Guardiões 1 – Salvaterra (Seu Domingos, Seu Cabo, Dona Eunice, Seu Napoleão, Seu Miranda, Dona Riso)	52
Imagem 21: Guardiões 2 – Salvaterra (Dona Marcéria, Seu Martinho, Dona Oneide, Damasceno, Seu Japão, Seu Lélío, Seu Orlando)	53
Imagem 22: (re) criar: Meninos na Praia Grande – Salvaterra (Lanna Lima.	55

maio de 2013)

## **II CAPÍTULO - O FLUXO E O RITMO**

Imagem 23: Sobre a Praia Grande – Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2010)	56
Imagem 24: Dona Oneide – Salvaterra ( Lanna Lima. dezembro de 2013)	58
Imagem 25: Seu Martinho – Salvaterra ( Lanna Lima. janeiro de 2014)	59
Imagem 26: Seu Domingos – Salvaterra ( Lanna Lima. maio de 2013)	59
Imagem 27: Seu Orlando/ Cabo – Salvaterra ( Lanna Lima. maio de 2013)	60
Imagem 28: Dona Eunice – Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2014)	61
Imagem 29: Dona Marcília – Salvaterra (Manoel Rocha. janeiro de 2014)	62
Imagem 30: Dona Joana – Salvaterra (Lanna Lima. dezembro de 2013)	62
Imagem 31: Seu Lélio – Salvaterra (Lanna Lima. dezembro de 2012)	62
Imagem 32: Seu Orlando – Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2014)	63
Imagem 33: O movimento da fala (Lanna Lima. dezembro de 2012)	66
Imagem 34: Mangue – Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2014)	85
Imagem 35: Imagem da cabocla Mariana com os presentes lhe dados por clientes da Casa Iemanjá (Lanna Lima. janeiro de 2014)	91
Imagem 36: Série Círio: Senhora do mar - Salvaterra (Lanna Lima. dezembro de 2013)	92
Imagem 37: Série Círio: Navegantes – Salvaterra (Lanna Lima. dezembro de 2013)	92
Imagem 38: Série Círio: Peixes – Salvaterra (Lanna Lima. dezembro de 2013)	92
Imagem 39: Série Círio: Berlinda – Salvaterra (Lanna Lima. dezembro de 2013)	92
Imagem 40: Série Círio: Senhora do céu – Salvaterra (Lanna Lima. dezembro de 2013)	92
Imagem 41: Série Círio: Anjo – Salvaterra (Lanna Lima. dezembro de 2013)	92
Imagem 42: O menino no barco – Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2010)	94

## **III CAPÍTULO - “LUGAR QUE É PRÓPRIO PRA SE VIVER”**

Imagem 43: Casa em Mangueiras – Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2014)	98
Imagem 44: Quadro de imagens: Casas de Salvaterra – Salvaterra (Duda Canto. janeiro de 2014)	101

Imagem 45: Poça na Quarta Rua – Salvaterra (Leandro Leandro Haick. janeiro de 2014)	103
Imagem 46: Croqui de mapeamento de relatos (Lanna Lima. 2012)	109
Imagem 47: Igreja de Salvaterra em 1911 ( <a href="http://pascomsalvaterra.blogspot.com.br/2014">http://pascomsalvaterra.blogspot.com.br/2014</a> )	109
Imagem 48: Seu Orlando e família em frente à antiga casa (Acervo de seu Orlando)	109
Imagem 49: Seu Orlando na costa da cidade, hoje em processo de erosão (Acervo de seu Orlando)	109
Imagem 50: Seu Orlando em um lago próximo à Praia Grande (Acervo de seu Orlando)	109
Imagem 51: Ida ao farol – Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2010)	113
Imagem 52: A cidade vista do farol – Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2010)	113
Imagem 53: Ilha dos Amores – Salvaterra (Luana Peixe. janeiro de 2014)	116
Imagem 54: Bailarina – Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2010)	124
Imagem 55: Rastros de Damasceno – Salvaterra (Lanna Lima. dezembro de 2012)	126
Imagem 56: Díptico: A menina na Prainha – Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2010)	127
Imagem 57: Ingrid – Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2014)	130
Imagem 58: Mônica na Praia dos Barcos - Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2014)	131
Imagem 59: O olhar de Mônica 1 – Salvaterra (Mônica. janeiro de 2014)	131
Imagem 60: O olhar de Mônica 2 – Salvaterra (Mônica. janeiro de 2014)	131
Imagem 61: O olhar de Mônica 3 – Salvaterra (Mônica. janeiro de 2014)	131
Imagem 62: O olhar de Mônica 4 – Salvaterra (Mônica. janeiro de 2014)	131
Imagem 63: Fotografando – Mangueiras/ Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2014)	132
Imagem 64: Sobre o olhar das meninas de Mangueiras 1 – Mangueiras/ Salvaterra (Meninas de Mangueiras. janeiro de 2014)	133
Imagem 65: Sobre o olhar das meninas de Mangueiras 2 – Mangueiras/ Salvaterra (Meninas de Mangueiras. janeiro de 2014)	133
Imagem 66: Sobre o olhar das meninas de Mangueiras 3 – Mangueiras/	133

Salvaterra (Meninas de Mangueiras. janeiro de 2014)	
Imagem 67: Sobre o olhar das meninas de Mangueiras 4 – Mangueiras/ Salvaterra (Meninas de Mangueiras. janeiro de 2014)	134
Imagem 68: Sobre o olhar das meninas de Mangueiras 5 – Mangueiras/ Salvaterra (Meninas de Mangueiras. janeiro de 2014)	134
Imagem 69: Oiara – Igarapé São João/Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2014)	140
Imagem 70: Entrada – Rio Mangueiras/ Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2014)	141
Imagem 71: Ilha Cagada – Igarapé Salazar/ Salvaterra (Lanna Lima. janeiro de 2014)	142

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
<b>I CAPÍTULO - ÀS ÁGUAS DO MUNDO</b>	<b>24</b>
1. O SILÊNCIO, ESSE LUGAR	25
1.1 Do que precede o mergulho	27
1.2 Limes	30
1.3 Por uma “razão sensível”	33
2. ELA E O MAR	35
2.1 Impulso	35
2.2 Imagens	37
2.3 Umidade nos pés	39
3. D’ÁGUA A PALAVRA	47
3.1 Sobre a voz	47
3.2 À hora do conto	47
3.3 Sobre o contar	52
<b>II CAPÍTULO - O FLUXO E O RITMO</b>	<b>56</b>
1. OS ANTIGOS	57
1.1 Fotografias	58
1.2 Fez-se no ancestral	64
1.3 Sobre velhos, olhos e lagos	66
2. ÁGUA VIVA	69
2.1 Olhar o tempo	70
2.2 Repetição e criação banham o dia	75
2.1 (R)evolucionar	79
3. SENTIDOS NAS ÁGUAS	83
3.1 A água e a vida	85
3.2 A sacralidade da água	88
3.3 Água que alimenta	93
<b>III CAPÍTULO - “LUGAR QUE É PRÓPRIO PRA SE VIVER”</b>	<b>98</b>
1. “LUGAR QUE É PRÓPRIO PRA SE VIVER”	99

<b>1.1 Morada</b>	100
<b>1.2 Sobre o lugar do tempo habitado</b>	105
<b>1.3 Água-morada</b>	111
<b>2. A CIDADE É UM DESEJO</b>	118
<b>2.1 A navegar</b>	120
<b>2.2 Paisagem urbana</b>	124
<b>2.3 A apreensão do instante</b>	128
<b>3 “SALVATERRA É SEGREDO”</b>	135
<b>3.1 O espaço dos encantados</b>	136
<i>A praia</i>	139
<i>O igarapé</i>	139
<i>A ilha</i>	141
<b>3.2 “Tudo é respeito, sabe?”</b>	143
<b>3.3 “Se o povo não respeita, a natureza vai lá e toma”</b>	147
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS - TUDO DESÁGUA NO MAR</b>	152
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	154

## INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a um estudo sobre as relações entre memória e imaginário em uma pequena cidade da Amazônia, com foco nas relações estabelecidas entre a sociedade e os cursos d'água em Salvaterra, Pará, mais especificamente na área urbana da sede do município. Tem como objeto as memórias dos moradores em torno do espaço das águas, suas paisagens e inúmeras significações, a fim de compreender a variedade e a riqueza das dimensões da apreensão simbólico-práticas relacionadas aos rios em um ambiente urbano pelos olhos daqueles que o vivenciam. Assim, busco contribuir para o avanço da discussão sobre os saberes locais, e sua relação com os usos da água, as práticas a ela relacionadas, e ainda revelar regras sociais e estratégias de conservação do elemento água por parte dessa sociedade.

A pesquisa de mestrado dá continuidade ao estudo desenvolvido desde o início de 2009 na graduação do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, intitulado “Salvaterra e o papel dos cursos d'água em um contexto de mudanças”, e deu origem ao meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Salvaterra, a margem do rio”. Pesquisa ligada ao projeto “Cidades ribeirinhas da Pan-Amazônia e o papel dos cursos d'água na integração de fronteiras em um contexto de mudanças” (CNPq; Processo nº.504643/2007-0), coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edna Maria Ramos de Castro. O projeto desenvolveu estudos articulados para entender o que representam as recentes mudanças nas áreas urbanas na Amazônia e quais as novas dinâmicas estabelecidas com o território e os cursos aquáticos. É importante considerar que essa dissertação de mestrado não seria possível sem o acúmulo da discussão sobre cidades na Amazônia desenvolvida desde o Projeto MEGAM – Estudo das mudanças Socioambientais no estuário amazônico (2006), também coordenado pela Profa. Dra. Edna Castro.

Salvaterra está localizada no arquipélago do Marajó, o maior em águas fluvio-marinhas do mundo, por isso a cidade é banhada por água ora salgada por grande influência do oceano Atlântico, de junho a novembro durante o verão, ora doce, de dezembro a maio durante o inverno. Salvaterra possui como limites o município de Soure ao norte, do qual está separado pelo rio Paracauari; ao sul o município de Cachoeria do Arari, separado pelo rio Camará; à leste a baía de Marajó; ao sul a baía de Marajó e o município de Cachoeira do Arari; e a oeste este mesmo município. É ainda em torno das águas que Salvaterra desenvolve suas principais atividades econômicas, de transporte e culturais.



Salvaterra é, portanto, mais do que margem, é encruzilhada de mundos: os das águas – doce e salgada – com o mundo terrestre, e ainda esse mundo simbólico que dá sentido a todas as coisas que configuram as suas paisagens. As relações entre estes mundos, a alquimia, estabelecem limites moventes, biodiversos, onde os homens e as mulheres desses territórios



exercem papel de comunicadores: travessias, pontes, entrecruzam elementos e fecundam a vida de sentidos. Desta troca emergem subjetividades, estabelecem-se territorialidades, e a atmosfera que a engloba. Adentrá-la requer atenção aos rastros deixados pelas águas no cotidiano dos que a experienciam.

Hoje a realidade da Amazônia no que diz respeito aos recursos hídricos está marcada pela perda quantitativa e qualitativa de fontes de água e de alimentos; de gestão muitas vezes contraditória e incompatível com a preservação desses recursos. Porém, para além da análise dos efeitos e mudanças sociais ocasionadas por uma “modernidade” na Amazônia, podemos refletir sobre a relação de amazônidas com os rios segundo uma lógica peculiar e sensível de apreensão e habitação de espaços, que refletem o processo criativo de resistência à adequação e submissão a modelos exógenos de gestão e interpretação, os quais não dão conta da riqueza e da diversidade da experiência social.

A relação entre humanos e águas na região remete a um processo de territorialização<sup>1</sup> histórico. A ocupação humana da área estuarina<sup>2</sup> em que Salvaterra está localizada remonta à fase pré-colonial de ocupação da Amazônia, cuja cultura dos primeiros habitantes deixou um legado sociocultural para as populações contemporâneas (FURTADO & SOUZA; 2006),

<sup>1</sup> Território aqui relacionado não só com a “extensão territorial, e os recursos naturais nele existentes, mas também pelos símbolos que representam a ocupação de longa data” (DIEGUES, 2005, p.1).

<sup>2</sup> De acordo com Vera Braz (2006) as cidades estuarinas caracterizam-se por serem áreas de transição entre a terra e o mar, entre água doce e salgada. As águas se formam quando águas doces provenientes de rios e córregos fluem até o oceano e misturam-se com a água salgada do mar. Estas áreas estão entre as mais produtivas da terra.

marcado pela composição de um universo aquático rico em detalhes, saberes, técnicas, narrativas e seres fantásticos, que podem ser interpretados de acordo com sua lógica intrínseca de produção e reprodução de significados, que transgride visões reducionistas e, mesmo, folclorizantes.

A questão que se coloca é a de compreender as culturas e os saberes em sua complexidade, enquanto patrimônios acumulados por gerações, mas em constante movimento e diferenciação. E, assim, privilegiar e adentrar fundo nos segredos e mistérios em detrimento de problemas de uma ciência positiva (DURAND, 2008, 45). Reintegrar valores e conhecimentos baseados nos saberes da tradição (DURAND, 2008) implica a inserção das culturas preteridas pelo paradigma dominante da ciência no debate acadêmico concernente à produção do saber. Significa aceitarmos no campo científico que há outras concepções de mundo, capazes de repensá-lo, reestruturá-lo. E principalmente admitir que:

o homem movimenta a sua criatividade, porque ele não é totalmente prisioneiro do real, da lógica, do código genético, da cultura, da sociedade. O pensamento, a ciência, as artes são irrigadas pelas forças da afetividade, pelos sonhos, pelas inquietações, desejos e crenças. (PINTO, 2008, s/n)

A habitação de qualquer território pelo humano se dá por uma perene produção criativo-imaginária do espaço, que por sua vez movimenta uma ética-estética de atuação e interação com o lugar. Em Salvaterra, a relação não intermediada entre humanos e águas construiu uma teia de afetos em torno dos elementos da natureza. Como afirma Antonio Carlos Diegues (1998, p.116):

A importância do espaço é fundamental para a construção de um sentimento forte de pertencer. A memória coletiva só pode ter como ponto de partida os elementos fundadores: o mar em torno da ilha, a terra, a água, a viagem. O mar em torno da ilha e a terra vista da imensidão marítima, tal é a configuração física que constitui os elementos materiais e cognitivos da identidade insular. Cada um leva em si mesmo certa representação da toposfera, do espaço onde se insere.

Isso ocasiona uma (r)e(s)istência, no modo de vida, de um ritmo produzido na encruzilhada, onde estão contidos elementos estratégicos de preservação que escapam aos olhos da academia ou representantes políticos. É neste sentido que este trabalho pode ajudar a compor um leque de possibilidades de interpretação e diversificação epistemológica dentre as bibliografias sobre o assunto.

Este trabalho foi elaborado em diálogo com um conjunto de bibliografias que deram suporte às discussões aqui apresentadas. Autores e teorias que me ajudam a pensar Salvaterra a partir de uma lógica cotidiana de reprodução e criação da vida; a cidade para além da faixa

de terra, seu espelho nas águas, o lugar dos afetos, as paisagens, o imaginário; os fazeres e saberes sobre o mundo das águas expressos nas memórias de moradores; a palavra e a imagem, a imagem e a palavra, a imagem que é gestante do verbal, a palavra que escorre imagens; os ciclos e ritmos das águas e dos homens, os toques dessas trajetórias.

Para tanto me lanço sobre o caminho da interdisciplinaridade para a investigação teórico-metodológica, o que pressupõem incansável pesquisa bibliográfica com temas transversais a diversas áreas do conhecimento: imaginário, paisagem, memória, narrativa, literatura, tempo, espaço, cotidiano, cidades, etc., ainda com relação ao município de Salvaterra e ao Marajó como um todo. A questão da água é transversal no sentido de triar material interessante ao estudo.

A esta revisão de literatura foi incorporado um conjunto de procedimentos e técnicas de pesquisa diversas, empreendidas em várias visitas a campo entre setembro de 2012 e janeiro de 2014, dentre elas, a mais longa, morei durante um mês na cidade. Dentre esses procedimentos estão: a etnografia dos espaços e fazeres da cidade<sup>3</sup>; observação participante, a fim de mergulhar no cotidiano daquele urbano, apreender e compartilhar do seu ritmo. Análise semiológica dos espaços da cidade, entendendo-a como texto (BARTHES, 2007), a fim de mergulhar em seus signos aderir a eles, mas também interagir, admitindo sua significância e ainda o papel de pesquisadora imaginante, criadora, que se insere e aprende no processo de produção criativa do imaginário.

A narrativa deste trabalho será construída no entrecruzar de vozes, toda intertexto. Os protagonistas serão “filhas e filhos de Salvaterra”, senhoras e senhores apontados como “os antigos”, nascidos e criados na cidade ou que há muito tempo escolheram Salvaterra para “se plantar”<sup>4</sup>, que me entregam seus olhares sobre a vida na cidade durante a pesquisa: “guardiões da memória” (BENJAMIN, 1980), mestres no trabalho artesanal da memória, que deixam transparecer as fontes dos modos de agir no e com o lugar de um grupo e seus sentidos (BOSI, 1994, p. 75). Pretendo pensar a partir dessas narrativas em que contextos as águas escorrem nas palavras, como os moradores percebem o espaço das águas ao longo do tempo e que imagens e paisagens são atribuídas a eles.

Como instrumento de experimentação e interpretação da relação dialógica entre a palavra e a imagem, insiro a fotografia no âmbito metodológico deste trabalho. A fotografia é importante instrumento de exploração e interpretação de dinâmicas sociais. As palavras e as

---

<sup>3</sup> Compreendida não só em sua porção terrestre, mas sua extensão nas águas.

<sup>4</sup> Expressão utilizada para designar quem escolheu a cidade para viver, mesmo sem ter nascido ali.

imagens, “em seus entrelaçamentos, querem garantir a circulação dos significantes” (BARTHES, 2007, p. 05), portanto não ilustram meu texto, ou minha experiência em campo, tampouco as palavras às comentam. Por isso também concebo o texto como instrumento dessa experimentação, os silêncios, metáforas, o suscitar imagens, o tempo e o ciclo são pensados neste trabalho na relação com os sujeitos do estudo, e comigo mesma, a fim de transcender alguns limites possíveis da palavra acadêmica.

Este projeto ainda foi desenvolvido em conjunto com outro de minha autoria, intitulado “D’água à palavra – ao percurso imagético de narrativas orais em Salvaterra”, contemplado com o Prêmio PROEX de Arte e Cultura 2013, da Universidade Federal do Pará. Ele teve como objetivo investigar o território das águas por meio de linguagens audiovisuais – como a fotografia e o vídeo – com inspiração nas imagens evocadas por narrativas dos moradores da cidade. Esse prêmio veio a colaborar e viabilizar financeiramente o aprofundamento da experiência sensível e a atuação em campo da pesquisa desenvolvida no âmbito do mestrado. Todas as fotografias que trago nas próximas páginas fazem parte do acervo de imagens desse projeto.

Ressalto ainda que toda e qualquer decisão tomada no âmbito da execução desse trabalho é uma decisão conscientemente política, desde a escolha por este Programa de Pós-graduação, até as formas de apresentação e finalização do trabalho. Estas escolhas estão diretamente relacionadas tanto à minha trajetória acadêmica, como ao meu lugar de enunciação como um todo, dos afetos que me formam, de mulher, amazônida e politicamente engajada na luta por uma forma sensível e libertária de ver e viver o mundo. “Considerando a epistemologia como a prática política no interior de uma prática teórica” (CASTELLS, 1975, p. 10), neste trabalho me proponho a transgredir barreiras e ir além de uma crítica estéril da realidade, sobre bases teóricas e metodológicas que levem em consideração o sujeito e as subjetividades envolvidas em dinâmicas sociais cotidianas, que me afaste de visões totalizantes.

Para melhor situar o leitor, esclareço e justifico escolhas com relação a formatação do texto. Para citações comuns de textos, acadêmicos ou não, evocados diretamente no decorrer das discussões utilizei formatação padrão ABNT 2012, de acordo com recomendação da coordenação desse mestrado. Para citações evocadas indiretamente, ou seja, de caráter poético ou reflexivo, não mencionadas no texto, utilizei a mesmo tamanho e estilo de formatação do corpo do texto com recuo de quatro centímetros, sem recuo no início do parágrafo. Tais citações se caracterizam como epifanias acionadas pelo trabalho da memória no decorrer da escrita.

Para trechos das narrativas orais decidi utilizar mesma formatação do corpo do texto, com recuo de quatro centímetros e recuo no início de cada parágrafo, afastados por um parágrafo do restante do texto. Esta decisão considera que as narrativas orais possuem mesmo estatuto e importância das outras vozes que emergem no trabalho, e emergem por força própria, salvo suas diferenças e peculiaridades, o que justifica a escolha de mantê-las minimamente diferenciadas. Foge a esta formatação as citações trazidas nas sessões 2.3 do II Capítulo e 1.2 do III Capítulo, que vêm enumeradas para fins de análise e identificação.

As palavras e citações em idiomas diferentes do português estão em itálico. As fotografias não possuem legendas, mas têm referência no índice de imagens para que não atrapalhem a fluidez do texto, também por uma preferência estética. O que também norteou a formatação dos títulos que abrem capítulos, seções e itens, respectivamente: numerados, sem recuo de parágrafo, todas as letras maiúsculas; numeradas, sem recuo de parágrafo, somente a letra que dá início ao título maiúscula, negrito; sem numeração, sem recuo de parágrafo, somente a letra que dá início ao título maiúscula, itálico.

Esta dissertação está dividida em três capítulos cuja organização remete tanto ao processo de imersão na pesquisa quanto ao fluxo de um rio, que parte de dentro, da profundidade da terra e deságua no mar. São eles: “Às águas do mundo”, “O fluxo e ritmo” e “Lugar que é próprio pra se viver”. Através da organização do texto, da escolha cuidadosa das palavras, imagens e uma série de elementos textuais e imagéticos, me empenhei na tentativa de evocar imagens e recursos narrativos que aprendi e identifiquei com os moradores de Salvaterra. A fala líquida e labiríntica, as repetições que dão andamento e ritmo à leitura, são alguns deles.

A ideia é que os capítulos sigam um fluxo, um caminho caudaloso, do silêncio, da atmosfera, do imaginário, seguindo um rastro de palavras, de memórias, até o desaguar num território, na cidade. A cidade vai se construindo a partir das narrativas, Salvaterra a imagem dos meus olhos que se entrecruzaram com muitos outros durante a pesquisa. O texto é construído em serviço à narrativa, faço uso de metáforas, evoco imagens, silêncio. Tão importante quanto à informação deixada pelo trabalho científico, são os conselhos deixados pelo narrar, exercito neste trabalho a destreza da narração oral que instigam a criatividade do narrador e do leitor, perpetuando um processo produtivo.

No I Capítulo, “Às águas do mundo”, localizo a fonte, de onde bebo a perspectiva teórica da pesquisa e que justifica sua escolha. Teço considerações acerca da aproximação do campo da pesquisa, bem como sobre o referencial teórico-metodológico que me orientou nessa aproximação: o olhar interdisciplinar, estrangeiro, a intuição. Faço alusão ao conto de

Clarice Lispector “As águas do mundo” sobre o mergulho de uma mulher, seu contato, diálogo com o mar. Descrevo meu mergulho, a conexão com um mundo sem limites, de uma profundidade incomensurável, Salvaterra, os interlocutores, o imaginário. Disserto sobre a noção de imaginário e traço um paralelo com o silêncio, que é preche de imagens, que precede a palavra e que a envolve, pois é puro mistério, experiência.

Este trabalho nasce do “limes movente” (CORBIN, 1989, p. 12), o abismo onde surgem os monstros, os loucos, os demônios que ameaçam “sonolências dogmáticas” (MAFFESOLI, 1998, p. 13). Caminhar no limiar é tão instigante quanto doloroso. Escrever sobre ele é escrever sobre minha experiência na academia, mas também sobre os que vivem fora dela, os que vivem cotidianamente a transpor barreiras, e alguns questionamentos sobre seu silenciamento. Daí sigo o percurso de sua narrativa, a concebo enquanto um rastro, num rio de significados: as imagens que evoca constroem a Salvaterra do meu estudo e da minha experiência de campo. No final deste capítulo há o nascimento das palavras em som, revelo os interlocutores, entro na ciranda, acompanho seus passos.

O II Capítulo, “O fluxo e o ritmo”, traz a discussão sobre memória e cotidiano em Salvaterra: memória o fluxo; cotidiano o ritmo. Os moradores com quem tive contato são desvelados neste capítulo, onde apresento cada um aos leitores. Em diálogo com eles viajo por suas memórias das águas, percebendo como suas palavras encharcadas constroem a Salvaterra do tempo habitado. Aqui teço considerações acerca da memória, entendendo-a como um quadro de interpretações, portanto uma leitura da vida. A memória é tessitura, tecida em diferentes linguagens, tecido polifônico, policrônico. Entrelaça tempos, histórias e espaços em pontos e nós repletos de sentidos.

As narrativas intercalam fatos rotineiros e grandes acontecimentos sob olhares próprios e imaginativos. Na repetição diária estas memórias escorrem dando ritmo a vida vivida, o cotidiano é o lugar da repetição e da criação. Nas memórias a água é sempre partida, chegada, estadia. Adornam as paisagens evocadas nas narrativas, mas também tem vozes, guardam todas as vozes, sua sabedoria guarda todos os mistérios: os santos, os “seres do mar”, cidades encantadas, navios submersos; mas também os saberes das artes da pesca, dos rituais, das viagens, do ritmo da vida cotidiana que a água embala. Os interlocutores fazem reverência a seus antepassados, suas experiências e ao passado que constroem na narrativa, que se faz toda de intertexto, conecta tempos, vozes e olhares onde temos o valor da ancestralidade. Ao passo que deixam transparecer os conflitos temporais nas relações com os mais jovens, com as novidades de um mundo que julgam não terem participado da construção.

Já no III capítulo, “Lugar que é próprio pra se viver”, parto da ideia de Michel Maffesoli (2001a), que entende cidade enquanto um desejo irremediável de estar junto. Com esta deixa dou início a reflexão sobre a cidade de Salvaterra tentando me livrar de certos dogmatismos modernos, busco pensá-la a partir das peculiaridades da vida em seu território. “Salvaterra é uma cidade que tá dentro d’água” (Dona Oneide, 74 anos). Neste capítulo as narrativas deságuam na cidade, constituem seu território polissêmico. A cidade é compreendida e constituída em meu trabalho a partir das paisagens suscitadas pelas narrativas dos moradores.

Tento desconstruir a cidade enquanto margem do rio, o rio enquanto mera moldura do território citadino. Entendendo paisagem como uma construção – um recorte feito através do olhar – pretendo me deter nesta seção às paisagens formadas pelas vozes dos interlocutores da pesquisa, os elementos que as constituem, as transformações que sofrem no decorrer da narrativa e do tempo e, principalmente, as funções da água nessas paisagens. Se o humano vive a duplicidade de quem é e vê a paisagem, podemos compreender as naturalizações da humanização da água, o que instiga a discussão sobre a dicotomia natureza e cultura. “Salvaterra é segredo”. A afirmação que dá nome a uma das sessões é de Carlos Drummond de Andrade no conto “A moça contou”. Nesta seção trago a discussão sobre os mistérios que rondam a constituição da cidade, de seus espaços de habitação, do estar em Salvaterra, da cidade – terra e água – como abrigo.

*I Capítulo*  
*Às águas do mundo*



## 1. O SILÊNCIO, ESSE LUGAR

Asa da palavra  
 Asa parada agora  
 Casa da palavra  
 Onde o silêncio mora  
 Brasa da palavra  
 A hora clara, nosso pai  
 (Milton Nascimento, A  
 terceira margem do rio)

Talvez a afinidade entre a música e o imaginário (DURAND,1998, p.87) esteja nessa capacidade de figurar o silêncio, compreendê-lo. O imaginário, como a música, ritma nessa combinação de instantes que repousam e duram, duram no repouso e repousam na duração. É o que Gaston Bachelard chama de “ondulação dialética” (BACHELARD, 1988, p. 26), para ele o repouso está no âmago do ser, que não é se não silencia, se não para, se não hesita. É ele que pressupõe o devir, que nos desenlaça dos determinismos e do não ser. O silêncio não é se não o lugar do fôlego, um modo do movimento (BACHELARD, 1988, p.19), e é por isso que o silêncio é o lugar onde as coisas todas se afinam, temporalmente, espacialmente.

Que é, pois um lugar? É a transformação do espaço em habitação, o lugar é pausa (TUAN, 1983, p. 06), é a pausa que pressupõe o movimento. Lugar e espaço estão em extremos da mesma linha, o transporte de um ao outro chama-se experiência, esta linha é um



*continuum* experiencial (TUAN, 1983, p. 11).

O espaço é amplidão, liberdade e ameaça, é o desconhecido (TUAN, 1983, p. 06), explorar este espaço, submetê-lo aos sentidos humanos, a afeição humana: dar sentido a ele e poder habitá-lo é transformá-lo em lugar. Considerando a ambivalência do silêncio, aqui privilegio sua compreensão como lugar e

isso implica em uma busca por apreendê-lo e experiência-lo, pois “experienciar é aprender, significa atuar sobre ele e criar a partir dele” (TUAN, 1983, p. 10). O espaço sentido e pensado vira a realidade incessantemente construída do lugar. E de acordo com Hartmann:

[...] a experiência vivida, como pensamento e desejo, como palavra e imagem, é a primeira realidade. Nesse sentido, toda experiência é exclusivamente pessoal, individual, única e nunca poderá ser totalmente partilhada (HARTMANN, 2005, p. 126).

“Contemplar diz: entrar no silêncio” (HEIDEGGER 1965, p. 45 apud FERREIRA, 1999, p. 117), a contemplação é uma forma de experiência. O silêncio é, pois, como um clamor, do mundo e da linguagem, no silêncio as imagens fecundam a palavra, na contemplação original o mundo é submetido aos sentidos humanos, o mundo vem a ser. “É preciso, portanto, silenciar diante do mundo para apreendê-lo” (PESSOA, 2009, p. 41). O silêncio é acolhida, é casa, é passagem, é impulso, é um *continuum* absoluto (ORLANDI, 1997, p. 29). No conto “A terceira margem do rio” de João Guimarães Rosa o silêncio do pai, no coração do rio em silêncio, assimila, evoca, reverbera, elabora, cria. A linguagem é processo e, como um rio é cíclica, uma vez que o silêncio lhe é intrínseco.

O silêncio é a efetivação do diálogo, que não é constituído pelo que é dito, mas é o “silêncio enquanto performance ativa” (FERREIRA, 1999, p. 120). Quem fala oferece seus olhos ao outro, seu olhar, sua forma de ver o mundo, quem cala recebe e agradece, pois

compreender o silêncio do outro pode ser aprender a acompanhar seus movimentos, como alguém que segue uma nova e desconhecida melodia: neste sentido, aprender alguma coisa do outro é aprender a ouvir o seu silêncio e, ainda mais profundamente, aprender a ficar em silêncio com o outro (RUIN, 1996, p. 15)

O silêncio é travessia, mas também ligação, partida e chegada, pausa. É tempo: um tempo prolífico, o tempo da produção do ser, da criação dialógica, pois “o silêncio tem em si toda a possibilidade da existência criadora do homem” (PESSOA, 2009, p. 41). É um lugar que se oferece aos sentidos possíveis, às infinitas possibilidades do imaginário. É a potência do texto estrelado em escritura permanente por leituras possíveis (BARTHES, 1992, p. 47), da galáxia de significantes no infinito criativo das linguagens: silêncio e liberdade.

E ainda há quem diga que silêncio é vazio, estagnado e passivo, e se dedique a dar voz aos silenciados e suas vidas ordinárias, este silêncio em verdade é cheio de uma cadência de (r)ex(s)istências, introjeta, mas criva e interpreta, é o tempo das sábias decisões e das transfigurações, da fissura e suas possibilidades extraordinárias, é o lugar da “recriação de si e da manutenção da identidade que permite a resistência” (MAFFESOLI, 2001a, p. 18) contra uma narcisia social (ORLANDI, 1997). Do diálogo entre o tempo, o espaço e o silêncio fazem-se o homem e sua trajetória, risca certa no mundo em devir.

Com água me alinhavo (Manoel de Barros)

O rio habita o silêncio como é habitado por ele. As águas primordiais que geram toda a vida e alimenta-a de seus frutos e sentidos. “A água é um silêncio visível. Ela se oferece à

navegação livre do devaneio” (LOUREIRO, 2003, p. 03). O rio é o silêncio sentido, pensado, materializado, as pessoas se fazem e refazem em um fluxo criativo. No seu silêncio concentram-se todas as vozes. “É no silêncio que as diferentes vozes do sujeito se entretecem em uníssono. Ele é o amálgama das posições heterogêneas” (ORLANDI, 1997, p. 90). Para ouvi-lo temos de nos entregar ao ermo, “rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio” (ROSA, 1988, pp. 37), à sua experimentação, à experiência. É e não é apenas água, a “voz da vida, a voz do que é, a voz do eterno Devir” (Sidarta – HESSE, 1976).

Pensar o silêncio como um lugar é pensar o silêncio como *locus* da experiência, resultado da relação alquímica dos sentidos e do pensado. Se o silêncio é como um rio sentido, audição, visão, olfato, tato, este trabalho investiga as imagens produzidas neste lugar, no silêncio do rio, na efetivação da experiência.

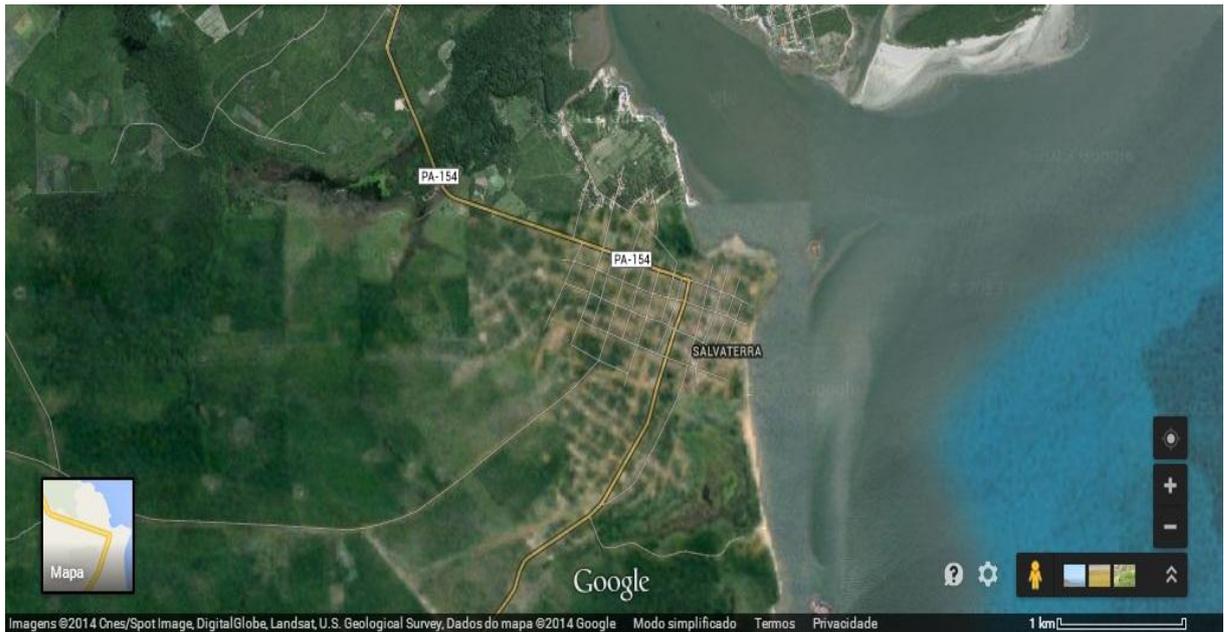
### **1.1 Do que precede o mergulho**

Porção de terra em meio a um mundo de águas, Salvaterra é município do Arquipélago do Marajó, onde está localizada na microrregião do Arari, a região dos campos que figuram nas páginas encharcadas de Dalcídio Jurandir. Nasce como município no dia 10 de março de 1962<sup>5</sup>, sob o signo do Deus Netuno, o rei dos mares: peixes o signo que traz o delírio, o sonho, a poesia e o mistério ao centro do mundo. São os rios que estabelecem seus limites: ao Norte o município de Soure, separados naturalmente pelo rio Paracauari; ao sul e a oeste o município de Cachoeira do Arari, de onde está separado pelo rio Camará; a Baía do Marajó banha Salvaterra ao leste de suas águas mestiças, ora salgadas, ora doces. Abaixo a localização via satélite da cidade é possível perceber o encontro das águas<sup>6</sup>:

---

<sup>5</sup> Antes disso Salvaterra era distrito do município vizinho Soure.

<sup>6</sup> Aqui seria necessário um mapa, ou uma imagem que melhor indicasse sua localização, mas logo percebi que delinear seus contornos seria tarefa difícil. Em um primeiro momento, infelizmente o esfumado da imagem não havia me dado pista alguma do que encontraria ali. Um pouco mais de contato, fez todo o sentido. Salvaterra não é cidade que se revela à distância.



Os rios também estabelecem também sua extensão. Em Salvaterra eles se caracterizaram como um dos principais componentes das paisagens, elemento de base para organização da vida social e cultural da região. Seus 20.027 (SEPOF, 2011) habitantes estão ligados aos rios de alguma maneira: a atividade pesqueira é a que mais absorve mão-de-obra (SEPOF, 2011), as praias são os principais espaços de lazer e de turismo, e principalmente, é através dos rios que se estabelece a via de ligação do município com a maior parte dos municípios vizinhos, e ainda com a capital do Estado, Belém.

Entrecortado por grandes e pequenos rios, furos, lagos e inúmeros igarapés esses espaços definiram também o desenho espacial do município, a maior densidade populacional está localizada onde a terra se encontra com a água, principalmente na sua sede, antiga Vila de Salvaterra, às margens do Rio Paracauari, *locus* principal deste estudo. Estes espaços são como imagens-reflexos da maneira como foi constituída a sociedade na região (PINTO, 2008, n.p.). É possível perceber uma cultura que interiorizou as relações com o espaço das águas e constituiu um universo aquático rico em detalhes, imagens, narrativas e seres fantásticos.

Este olhar é fundamental para o estudo das práticas sociais no interior da Amazônia, tendo em vista as particularidades dos modos de vida presentes na região e de sua constituição territorial. Inclusive no que diz respeito à formação de suas cidades, que pedem estudos que a entendam para além dos processos de industrialização e modernização, a partir de uma racionalidade intrínseca às práticas peculiares e às diferentes formas de constituição das cidades na Amazônia, o que nos remete ao contexto histórico de formação territorial. As sociedades são construídas nos (re)arranjos sociais constituídos ao longo de suas histórias,

transpassados por jogos tensionais entre local e global, mas nunca mera assimilação de um pelo outro.

Os rios se caracterizam como protagonistas do surgimento das primeiras cidades na Amazônia, mesmo antes da chegada dos europeus, no caso de Salvaterra os Jesuítas, estas localidades geralmente eram habitadas por grupos indígenas. A organização espacial dessas áreas foi fortemente influenciada por uma organização indígena do território, mesmo em convergência com uma das principais formas de aculturação indígena, a reorganização da morada segundo um modelo urbano europeu, que substituiu a antiga organização por vilas e cidades (MARQUEZ, 2008).

Salvaterra foi elevada à condição de município somente em 1962. Mas, como parte do Marajó, possui registros históricos europeus que antecedem 1500, ainda no final do século XV. Porém, estudos apontam a ocupação por grupos indígenas desde 3.400 a.C. (MARIN, 2009, p. 210). Dentre os grupos indígenas que ocupavam o território estavam Sacacas, Aruans, Caias e Araris. O espaço da cidade desde então já era caracterizado por intensa troca material e imaterial. Às margens do Rio Paracauari indígenas se reuniam a fim de realizarem troca de artefatos, assim como para fins de defesa de seu território contra invasões externas (SEPOF, 2011).

Populações negras foram incorporadas ao processo de formação histórica do município, quando africanos trazidos para a Amazônia na condição de escravos foram direcionados às fazendas da Ilha de Marajó para o trabalho com o gado, a agricultura e a pesca: atividades necessárias à manutenção dos senhores locais (MARIN, 2005). A cultura africana deixou um precioso legado no que diz respeito a saberes e crenças. Os pormenores deste processo acabaram silenciados, como a influência dos rios no modo de vida da cidade.

O que torna fundamental trazer à tona as memórias dos processos que deram origem à dinâmica de urbanização em Salvaterra pelos olhos dos que o protagonizaram, para captar e compreender como se estabelecem vivências cotidianas entre moradores da cidade e os cursos d'água com bases teóricas e metodológicas que levem em consideração o sujeito e as subjetividades envolvidas, por uma perspectiva sócio-antropológica e poética da Amazônia que nos afaste de visões totalizantes.

Mas como é que faz pra sair da ilha? (Lenine, “A ponte”)

## 1.2 Limes

É necessário considerar a exploração de perspectivas de observação das formas de atuação e interpretação da vida na Amazônia, talvez menos no sentido de uma ruptura e mais no sentido de uma (re)ligação. Transgressão das barreiras para construção de pontes:

Porque o homem é o ser de ligação que deve sempre separar, e que não pode religar sem ter antes separado – precisamos primeiro conceber em espírito como uma separação a existência indiferente de duas margens, para ligá-las por meio de uma ponte (SIMMEL, 1996, p. 14).

Neste trabalho opto por lugares de religação, de movimento, de fluxo e de comunicação. O que requer não só perceber, mas experienciar o *continuum* que envolve todas as noções. Um entre, que “embora nossa perspectiva epistêmica peculiar tenda a ignorar, é na realidade uma ‘arena’ de singular importância social, cultural e psicológica” (CRAPANZANO, 2005, p. 376). Como a ponte simmeliana, que permite as trocas, livre de direção ou ordem que aprisionem o entendimento de seu fluxo.

O entre-lugar, uma fronteira não só cultural, mas uma “membrana” conceitual, “dimensão membranosa, permeável ou porosa” (SILVEIRA, 2005, p. 18), possibilita o “trânsito de elementos diversos, e traz consigo um caráter marcadamente seletivo, pois é da ‘natureza’ da fronteira que por ela ocorra a passagem, o fluxo ou a interdição” (SILVEIRA, 2005, p. 18). O que é importante salientar é que baseada nesta perspectiva, não parto neste trabalho de uma visão homogeneizadora, mas diversificadora, proposta com base em uma experimentação atenta aos jogos de poder que pressupõe esta ideia de fronteira e principalmente sua capacidade de barrar ou permitir o trânsito ao longo da superfície de contato.

Paes Loureiro, no livro “Cultura Amazônica – uma poética do imaginário” recorre a uma técnica da pintura, o *sfumato*, para falar deste *continuum*, que consiste numa zona indistinta, vaporosa e difusa no contorno dos elementos de um quadro. “Uma espécie de ponte imaginal para a fusão de todos os elementos do concreto” (2001, p. 49). Como as palavras, que faladas se dissolvem em silêncios, que não vazios de sentido se transformam em outras palavras, nos quadros renascentistas, como na vida, os limites entre as pessoas e todas as outras coisas são moventes, abstratos. Os limites abissais do litoral, que definem os domínios da terra e do mar, e o limite das nuvens entre a água do céu e a atmosfera que o homem respira nasceram com o dilúvio, que também separou o mundo dos pecados do paraíso antediluviano (CORBIN, 1989, p. 12).

Assim como evidencia a fusão dos homens com a natureza, entre “natural” e “cultural”, o *sfumato* pode ser estendido também como uma transgressão das barreiras conceituais, a alternativa para um encarceramento de conceitos, para imobilidade das noções cartesianas que acabam por nos manipular, quando, ao contrário, o pesquisador deveria fazer seu uso apropriado. Essa transgressão é em nome de uma compreensão-sensação de uma realidade instaurada, muito mais atenta aos indícios que o próprio campo e os sujeitos da pesquisa fornecem.

Nessa concepção de um mundo estável e estabilizado não há fluidez entre as coisas, é como se o mundo tivesse interrompido seu processo de fazer-se a espera que a cultura viesse a animá-lo. O *sfumato* permite perceber que todas as coisas estão vivas, não só o humano, o cultural tem imanência sobre as coisas, como as coisas tem imanência sobre as pessoas. “As coisas estão vivas porque vazam”, como diria Tim Ingold (2012, p. 32). Ainda segundo esse autor: “a vida não é contida; ela é inerente às próprias circulações de materiais que continuamente dão origem à forma das coisas ainda que elas anunciem sua dissolução” (INGOLD, 2012, p. 32). Onde quer que haja matéria, ela está em fluxo, em movimento e variação, como as pessoas em devir.

Onde quer que olhemos, os materiais ativos da vida estão vencendo a mão morta da materialidade que tenta tolhê-los (INGOLD, 2012, p. 37).

O *sfumato* é o lugar do *limes*, guardado por Hermes, o mensageiro, o comunicador, mediador de deuses e homens, e ao mesmo tempo o deus do hermetismo e da hermenêutica, do mistério e da arte de decifrá-lo. Talvez por isso a literatura grega já apontasse o perigo da confusa proximidade entre o humano, o divino e o natural, como a praia e as constantes ameaças que representavam seus grandes monstros e invasores, “onde há o risco de se romper a frágil barreira que garante a paz e a harmonia do lar laborioso e fecundo” (CORBIN, 1989, p. 24), capaz de perturbar “sonolências dogmáticas” (MAFFESOLI, 1998, p. 13). Habitar o limite é lançar-se:

quer dizer morar no “entre”, visitar, ininterruptamente, o estranho e o próprio, e ainda participar da aventura do inesperado existente no princípio que ronda toda a concretização da realidade (FERREIRA, 1999, p. 115).

Hermes, perturba, trapaceia, prega peças nos deuses do Olimpo; Hermes é astuto, livre, anárquico. Devemos sempre relembrar sua confidência: *Cuando Hermes tomó el puesto de mensajero de los dioses, prometió a Zeus no mentir. Pero no prometió decir toda la*

*verdad. Zeus lo entendió perfectamente* (CRAPANZANO, 1991, p. 93). O que será a verdade? Devemos nos livrar da verdade como pretensão e presunção. Devemos reconhecer a natureza provisória de todo informe (CRAPANZANO, 1991, p.92). Toda interpretação está sobre a sombra de seu autor, negá-la é encerrar o texto, encerrar suas possibilidades de compreensão, uma estratégia, também política, de negar a relatividade dos discursos e constituir-se, perpetuar-se como autoridade discursiva (CRAPANZANO, 1991). Pensar a verdade enquanto ficção, não no sentido do irreal, mas no sentido da construção, estremece grandes estruturas e ativa os instrumentos de defesa.

O habitante do limite é o louco. Hermes é o embusteiro, pois brinca com as interpretações, os significados. A sua figura é constantemente associada ao arquétipo do louco devido a sua volatilidade, que traz a desordem, o caos, revela o antagonismo e as contraditoriedades, subverte o convencionalizado por real estado das coisas. “Desordem na maneira de agir, de querer, de sentir paixões, de tomar decisões e de ser livre”, assim diagnosticamos o louco no Ocidente desde o século XIX, segundo Foucault (1979, p. 121), a loucura está inscrita no eixo “paixão-vontade-liberdade” (FOUCAULT, 1979, p. 121), qualquer anormalidade da maneira de sentir, evoca um poder de padronização que só descansaria com a cura, ou seja, “a volta das afeições morais dentro de seus justos limites, o desejo de rever seus amigos, seus filhos, a necessidade de abrir seu coração, de estar com sua família, de retomar seus hábitos” (FOUCAULT, 1979, p. 121). Por isso:

Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão que não queriam falar: doidera (GUIMARÃES ROSA, 1988, p. 33)<sup>7</sup>.

A loucura é este corte intemporal que seleciona, “não o tempo, mas o espaço; ela não sobe nem desce pelo curso da liberdade humana; mostra sua interrupção” (FOUCAULT, 1991, p. 513). O limite no conto de Guimarães Rosa: o rio, entre as duas margens: a terceira. Navegar por essas águas: a loucura. A imersão na leve experiência: o louco, no francês *le fou*, movimento: *le feu*, o fogo, as paixões, as afeições, a chama que alimenta o espírito de liberdade e leveza em mutação: vira o louco, o tolo, a criança, o velho, a riqueza da experiência e de sua interpretação, a conexão entre os mundos. Tão rechaçado quanto temido. O lugar do limite é o silêncio, nem uma palavra nem outra, entre as escuras duas: risca

---

<sup>7</sup> No conto “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa, um homem aparentemente comum, “cumpridor, ordeiro, positivo”, deixa sua família para viver em uma canoa no meio do rio. Este trecho mostra as especulações dos que ficaram em terra sobre os motivos que o levaram a tal decisão.

certeira, o ponto do deslimite, este eterno devir: a experiência e a interpretação, onde o perigo está no olhar. De acordo com Simmel:

Para nós, e só para nós, as margens do rio não são apenas exteriores uma à outra, mas "separadas"; e a noção de separação estaria despojada de sentido se não houvéssimos começado por uni-las, nos nossos pensamentos finalizados, nas nossas necessidades, na nossa imaginação (SIMMEL, 1996, p. 11).

“O que há de grande no Homem é ser ponte” (NIETZSCHE, 1994, p. 13), somos nós que estabelecemos essas ligações, somos nós toda transição, toda mudança, todo movimento. É pelo olhar humano que o ambiente é culturalizado, humanizado, e é através dele que também somos naturalizados, somos paisagem. É o que permite o surgimento do novo, das inovações, dos desdobramentos do pensamento, das criações e descobertas do mundo. A ponte de Salvaterra, curiosamente, dá para o rio. Penso que é chegada a hora, não mais de caminhar sobre as águas, “depois que há milênios já andaram sobre elas” (LISPECTOR, 1998, 146). “Ninguém lhe tira isso: caminhar dentro das águas” (ibid.).



A ponte é até onde vai o meu pensamento (Lenine, “A ponte”)

### 1.3 Por uma “razão sensível”

O *sfumato* é também como uma ponte entre a concretude do “real” e um mistério imaginado, o “lugar da dimensão poética” (LOUREIRO, 2001, p. 49), a fusão entre estas duas perspectivas apontam caminhos a uma prática acadêmica mais sensível e criativa. Que apreende a poética da existência e a estende aos olhos da ciência.



Aponte pra onde quiser  
 A ponte é o abraço do braço do mar  
 Com a mão da maré (Lenine, “A ponte”)

O que impõe o desafio de caminhar além da norma, de certo formalismo estrutural muitas vezes redutor em nome de um rigor de análise em busca de um processo de interpretação criativo, que liberta nossos sentidos para além de um mero instrumento teórico metodológico. O desafio que se impõe a partir disto é o de falar em uma abertura interdisciplinar e de uma libertação da perspectiva tradicional sem aprisionar nossas palavras. Para não correr o risco de contribuir para que os novos discursos sejam meros alimentos de reprodução de um jogo de poder no campo intelectual.

Somos também nós, pesquisadores, leitores, produtores, que imprimiremos nosso estilo nas páginas, palavras, nas formas de imersão no campo, no universo de pesquisa. Pois somos também sujeitos de tudo que lemos. Assim, como afirma Boaventura (2008, p.78) “a ciência pós-moderna não seguirá um estilo unidimensional, facilmente identificável; o seu estilo é uma configuração de estilos construída segundo o critério e a imaginação pessoal do cientista”. E o resultado de seu trabalho é também um texto mais plural no sentido da abertura da possibilidade hermenêutica, pois seria todo interações e intertexto organizado em torno de projetos locais de conhecimento indiviso.

Um texto que aponta para algo que se situa sempre à diante, sempre mais além e, que, portanto, nunca é atingido, nunca se completa, nunca se satisfaz. Apoiado em um discurso que não obedece à lógica do preenchimento, da certeza, da verdade, mas que se revela sempre incompleto, sempre faltoso e, portanto, sempre deslizante porque em movimento, o que Barthes (1977, p. 20) chama de gozo do texto, onde as palavras tem sabor e tornam o saber profundo e fecundo. O saber dionisíaco, de que nos fala Michel Maffesoli no livro “O elogio

da Razão Sensível” (1998, p. 12), atento as situações, ao que se tem de efêmero, de sombrio, de equívoco, e também grandioso, às paixões, à emoção, aos afetos que estão impregnados nos fenômenos humanos. Um saber que põe em ação uma sensibilidade generosa, que seja “capaz de compreender o crescimento específico e a vitalidade própria de cada coisa”.

Isto implica uma abertura à atmosfera que envolve o cotidiano do outro, numa disposição a “permitir-se experimentar uma sensibilidade emocional para penetrar nas espessas camadas dos motivos e intenções que conformam as interações humanas” (ROCHA; ECKERT, 2008, n.p.). O pesquisador adentra no campo do outro, na cultura do outro, e só apreenderá seus sentidos na medida em que mantiver seus olhos e ouvidos atentos, o corpo preparado à experiência que o outro pode proporcionar. Esta abertura impõe um deslocamento da cultura na qual o pesquisador está inserido a partir do olhar e escutar e, assim, se “situar no interior do fenômeno observado através da participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta” (ROCHA; ECKERT, 2008, n.p.).

## 2. ELA E O MAR

Ela e o mar (LISPECTOR, 1998, p. 144). Ali tudo era convite, quanto mais se aproximava, mais sentidos eram seduzidos. A areia úmida envolvendo os pés descalços, com deleite se iniciava no frescor das águas, de passo em passo. Curiosa e hesitante se deixou conduzir, ao alcance das ondas, pés submersos, um frio que lhe percorria o corpo. Andou por entre as águas. Com delicadeza e cortesia inundou-se, transbordava. Água-sentido, água-abrigo, água-palavra, na alternância de mergulhos e andares desvendava-a, a imagem do mar, às imagens no mar.

### 2.1 Impulso

“E nada de turismo, ouviu? Essa idéia some no ar.”, já dizia Carlos Drummond de Andrade. Inundar-se dessas águas, requer sensibilidade, atenção, entrega, mais do que a observação descompromissada e de um espetáculo, como um turista. Minha chegada à Salvaterra foi antecipada pelo degustar da leitura de mergulhos como este, assim como do material acadêmico, que me alertavam que “la séparation idéale entre savoir e vivre n’est pas possible que dans des circonstances exceptionnelles, car savoir c’est aussi vivre” (TODOROV,

1982, p. 11), era preciso viver Salvaterra, “é preciso respeitar Salvaterra. É preciso amar Salvaterra” (A moça contou, Carlos Drummond de Andrade)

A proximidade desencadeada por este encontro era pareada a uma cautela que a curiosidade e a imponência daquele universo me causavam e advertiam que era também estrangeira ali. Condição metodológica essencial que desmistifica a passividade, o afastamento e a neutralidade do pesquisador com relação ao campo pesquisado, ainda desvela o horizonte de sua liberdade (SIMMEL, 1983). Mas tem como premissa e condição, a vontade de saber (TODOROV, 1982, p. 10), de saboreá-lo, estranhando o que é familiar ao outro e lhe passa despercebido. “O estrangeiro está no olho de quem vê, não no que é visto” (ROCHA, 2001, p. 159), “ser estrangeiro implica numa mudança de perspectiva” (ibid.), estranhamos o que nos é familiar, para nos familiarizarmos do outro, estranhando-o: relatividade.

Sobre essa vontade de saber, é importante ter consciência do poder que a envolve (FOUCAULT, 1979), o poder de ter uma caneta nas mãos e da construção que confunde o discurso intelectual, a verdade e a consciência. Considero como o primeiro passo para esfacelar a concentração desse poder o seu reconhecimento, o que implica também em desmistificar a invisibilidade do pesquisador, o desinteresse, o distanciamento, a objetividade e, sobretudo, a neutralidade do fazer acadêmico (CRAPANZANO, 1991, p. 94), como sustentação da posição do estrangeiro e da autoridade do discurso que produz. Somos seres afetados (FAVRET-SAADA, 2005), adentramos nas paisagens do outro (SILVEIRA, 2004, p. 746) e somos invadidos delas, portanto, devemos subverter sua posição e pensar a figura do estrangeiro como norteadora de um dialogismo. O estrangeiro não detém a verdade sobre os sujeitos de sua pesquisa, seu discurso, como seu texto não passam de interpretações (CRAPANZANO, 1991, p. 92).

O estrangeiro é regido pelo signo da mobilidade sua característica fundamental, se insere na medida em que escapa, conhece a si mesmo na medida em que ao outro. Seu elemento: o ar. A destreza, seu movimento não menos sensível por ser objetivo; o momento, a passagem, a coreografia: a linguagem da experiência no campo. *L'etranger*, o estrangeiro, o estranho, entranha seu papel no social pelos toques dos pés, ora suaves: respeito, observação, escuta, escrita; ora graves: interação, tensão, responsabilidade, envolvimento, compreensão, escrita.

O privilégio do estrangeiro está na posição particular que ocupa dentro do grupo, não está submetido a componentes nem a tendências peculiares. Para Simmel (1983, p. 184) livre de compromissos e laços sociais profundos ele passa a ter maior liberdade prática e teórica de investigação, longe dos preconceitos e hábitos compartilhados pelo grupo. Em consequência

disso, aproxima-se com a atitude específica de “objetividade” (SIMMEL, 1983, 184) que consiste em um jogo situacional de distância e proximidade, indiferença e envolvimento, consigo mesmo e com o outro. É então que a liberdade se agrega a noção de estrangeiro, este movimento equivale à relação dialógica entre o eu e o outro.

Esta ideia é reforçada com as fases por que deve passar a compreensão da cultura do outro, segundo Todorov (1982, p. 13): seria através da assimilação do outro em si, do afastamento do eu em detrimento do outro, reassumo minha identidade e, por fim, me retiro novamente. Este jogo tem por objetivo não dar voz ao outro, mas o estabelecimento de um diálogo entre o eu, no caso o estrangeiro, que por sua vez não está livre dos preceitos culturais de seu grupo de origem, e o outro, da cultura estrangeira. Assim renuncio aos julgamentos, toda interpretação é étnica (TODOROV, 1982, p. 14). Na última fase de compreensão não há mais o eu, ou a ingenuidade da pureza do outro, mas a cristalização deste dialogismo.

Estabelece-se a troca ativa dos indivíduos, a revelação, o segredo, o descobrimento, para além da interpretação monótona de uma ciência que julga de cima os processos vividos. Mas que mergulha no universo do outro, através da cultura. Assim me afasto dos conceitos encarcerados em detrimento de um sentir, da uma compreensão-sensação da realidade social e do processo de construção de um ser coletivo.

A visão dilata-se as cores avivam-se, os sentidos apuram-se, e você, libertado de você sente-se “aware”, penetrando as coisas e penetrado por elas... Difícil explicar isso: Por mais coisas desimportantes que você fale, mais verdades essenciais dirá. Por mais silêncio que haja, mais será compreendido (A moça contou, Carlos Drummond de Andrade).

## **2.2 Imagens**

Durante muito tempo houve um esforço intelectual pela negação do papel das imagens no pensamento, uma desvalorização cultural do imaginário. Instalou-se a tradição de uma doutrina racionalista que perdurou por mais de três mil anos e consistia em afastar a imaginação dos outros tipos de consciência, a fim de “purificar o pensamento humano da poluição das imagens” (ROCHA, 1995, p.111), que era atrelada ao irracional, à ficção, ao devaneio, ao sonho. Há algum tempo tem ocorrido um esforço contrário pela reaproximação do pensamento simbólico e significado conceitual, e uma adesão ao princípio de que “o pensamento humano não tem outro conteúdo que não seja imagens” (ROCHA, 1995, p.111).

Para Gilbert Durand, a mentalidade técnica científica não passa de uma “ficção pedagógica” – ela própria um “estilo da imagem” – surgida da necessidade de negação de uma potencia subterrânea da imagem, de seu poder pedagógico (DURAND 1995, p. 26). Hoje é necessário recuperarmos na academia – já que em outras esferas isso sempre foi óbvio – o que tinha sido deixado para trás durante séculos: “o real é acionado pela eficácia do imaginário, das construções de espírito” (MAFFESOLI, 2001b, p. 75). Atentando os olhos da poesia e outras produções artísticas ao cotidiano. A constituição imaginária é sempre uma construção poética.

A palavra imagem vem do grego *imago* que significa representação de algo. Imagens são reproduções de sensações mentais obtidas em experiências distantes no tempo e no espaço, reconstituídas a partir de lembranças e percepções, o que diz respeito à experiência sensorial ampla, não especificamente visual, as imagens podem ser visuais, como olfativas, auditivas, táteis e gustativas. Imagem é construída, inventada culturalmente, arbitrariamente, processo próprio à espécie humana. Não há imagem sem percepção da imagem através de uma busca sensorial, que consiste na exploração de uma cena através de fixações sucessivas sem regularidade. Como por exemplo, a imagem visual esta ligada a uma busca visual, advém de um projeto de busca, consciente ou não, que está de acordo com a bagagem que carrega o olhar que explora, que carrega a intencionalidade e a finalidade da visão, sua dimensão propriamente humana (AUMONT, 2006).

O olhar etnográfico é a porta de entrada do pesquisador no campo. O olhar do pesquisador nunca é ingênuo, é carregado de suas experiências, das leituras, do que precede o mergulho. Todo estrangeiro carrega sua bagagem, que “funciona como um prisma por meio do qual a realidade observada sofre um processo de refração” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 19). Desvio de direção que os raios luminosos sofrem quando passam de um meio para outro, a interpretação. Na medida em que nos inundamos das águas do campo, nossa percepção imagética se modifica. É nesse sentido que posso afirmar que na medida em que me inseria na cidade a experiência exercia em mim uma força social me unindo ao espaço, às pessoas, naquela atmosfera, era perceptível, mas definitivamente não quantificável (MAFFESOLI, 2001b, p.75): a metáfora do mergulho. Um estado de espírito. Imaginário é sensação.

Há sempre uma parte de razão, de ideologia, de conteúdo, no processo descrito, mas também uma alquimia um tanto misteriosa que detona, em certas situações, uma interação. Esse momento de vibração comum, essa sensação partilhada, eis o que constitui um imaginário (MAFFESOLI, 2001b, p.77).

As imagens carregam símbolos conotativos construídos a partir da imaginação, que remetem a uma vida cultural, o compartilhamento de imagens pressupõe a identificação de indivíduos em torno do arcabouço necessário para sua percepção e compreensão. Para Araújo (2009, n.p.), em Gilbert Durand essa atribuição de sentido é entendida como resultado de:

[...] desejos e impressões do sujeito, ou seja, explica-se pelas referidas acomodações anteriores do indivíduo que, necessariamente repousam no equilíbrio entre a assimilação da sua vida afectivo-subjetiva e os estímulos do meio (ARAÚJO, 2009, n.p.).

As imagens produzidas na experiência sensível a partir do imaginário fecundam a maior parte dos processos de sociabilidade e encontram sua força em uma identificação massiva (RABOT, 2007, p. 29), que produz um ser coletivo. Só a imersão e adesão às imagens do outro permite ao pesquisador compreender como o imaginário é constituído entre o grupo, e o estrangeiro é absorvido, não como membro do grupo, mas assume sua função social dentro do todo, admite seu papel, estabelece ligação social, troca social, como afirma Rabot no excerto:

[...] *l'image puisse être un vecteur de multiples socialites et contribuer à "ce processus de participation magique à une entité plus vaste, cette transcendance immanente favorisant l'union à l'autre, La communion à l'altérité, l'intégration en soi de l'étranger, l'incorporation de l'étranger, l'incorporation de l'étrangéité aboutissant à la réalisation d'un Soi collectif"* (RABOT apud MAFFESOLI, 2007, p.20).

### **2.3 Umidade nos pés**

Salvaterra, salva-a-terra, desde o nome a indicação de uma relação entre dois elementos, um tanto de terra no meio do mar. Terra de chegada, de salvação dos mistérios do além-mar. Pelas ruas da cidade sempre o inverso, a água sempre em frente, talvez o mar a salvação da terra. Nas pessoas, nas casas, nas igrejas e comércios sempre as pistas dessa relação. O ritmo de vida é único, o tempo parece se esquecer das horas, minutos, segundos e diluir-se no mundo natural, no sol, nuvens e ondas. No ar uma tranquilidade misteriosa de quem tem sempre algo novo a apresentar. Mais tarde saberia que era a água no fim das ruas a chave do mistério, elas próprias o enigma.

No ar algo de inexplicável me fez calar durante algum tempo, a multiplicidade de cores, sons, sabores, causava uma calma, nada passiva, que me era estranha, o estranhamento, é de si. Salvaterra é como pintura, é como música, a poesia de todas as artes. Deixando-me levar pelo canto das sereias, me vi rodeada de signos, portas, os sentidos embaralhavam-se

ainda. Segredos aí têm. Drummond já avisara: “Salvaterra é um segredo, um presente fechado, porta-jóias, senha maçônica”. Pouco tempo ali comprova. Vi-me submersa e me larguei à correnteza, sem direção ainda, o fluxo me revelava imagens conectadas por linhas invisíveis, vestígios.

Aproximar-me de Salvaterra foi o descortinar de um horizonte teórico. Propus-me a partir de então a percorrer indícios (GINZBURG, 2003), sinais, navegar atrás dos rastros nas águas de seus rios. Localizá-los implica se largar à sensibilidade e desvendar uma “consciência imaginante” (ROCHA, 1995, p. 110). Estes rastros encontram-se na concretude do elemento água que é fixo em sua mutabilidade. A mutabilidade e o movimento são suas características intrínsecas, portanto, é na contraditoriedade. Esta certeza fará emergir a terceira margem habitada pela experiência de quem a experimenta. Estes sinais-rastros são deixados por quem mergulhou neste universo, adentrá-lo requer mais que “engolir monografias eruditas”, “este aprendizado, requer uma caminhada nas águas”, já dizia um destes homens, Giovanni Gallo<sup>8</sup> (1981, p. 19), neste caso, nas águas salvaterrenses.

Na Companhia das Docas do Pará, Galpão 10 é que a viagem se inicia. Ainda em Belém começo a viver o Marajó, e sua gente, suas travessias e seus dramas. A viagem dura aproximadamente 3 horas, olhando para fora a visão já conhecida dos rios-mares amazônicos, água a perder de vista e pontos verdes cheios de mistérios. Em contraposição a imagem tão imperiosa: para dentro a invisibilidade – também já experimentada – de sua gente. As condições do navio são precárias, nada parecido com o que minha imaginação carregava do tão falado Presidente Vargas<sup>9</sup>. Um preço alto e sempre em ascensão por cadeiras desconfortáveis, banheiros sujos e malcheirosos. Há um muro, ou um aquário: a sala *vip* por aproximadamente 15 reais a mais, onde ficam os que têm direito ao descanso no país. Aos outros, apenas outros, resta à inventividade que burla e ultrapassa as posições economicamente definidas. Estirados no chão em cangas, lençóis, tecidos para todos os fins, descansamos até chegarmos.

---

<sup>8</sup> Giovanni Gallo foi um padre italiano, naturalizado brasileiro. Atuou na Amazônia brasileira desde 1970 até a sua morte, em 2003. Fundou o Museu do Marajó em Cachoeira do Arari, também localizado no arquipélago do Marajó.

<sup>9</sup> Grande navio que fazia a viagem Belém-Soure e afundou em frente ao trapiche de Soure em 1972. As causas do acidente nunca foram esclarecidas.



Ainda no porto Camará peguei o carro do seu Jorge, que me levaria à cidade ainda tantas outras vezes. Sinto um cheiro envolvente, quando me viro para investigá-lo me deparo com camarões espalhados sobre uma toalha vermelha e duas senhoras, em um verdadeiro piquenique amazônica, a se deliciarem em descascá-los e ingeri-los na mistura de açaí com farinha d'água ao som de um *reggae* que me convidava a fugir, para outro lugar<sup>10</sup>. Durante a viagem inteira me dediquei exclusivamente a conter meu desejo de participar de tal banquete.

Era verão, o sol a pino sem vestígio de chuva. O cheiro, o sotaque, o verde, o balanço do carro na estrada, as casinhas de madeira espaçadas, as árvores carregadas de frutas, os animais: burros, cavalos, búfalos, cachorros, as casas se adensando, o espaço entre as ruas diminuindo, pessoas, crianças, a confusão das bicicletas, os tecno-bregas competindo entre si, à cidade que se desvelava no decorrer da estrada era aconchegante, como se já a conhecesse, um estranho sentimento de pertença e ternura, que descobri que me acolhia em todas as pequenas cidades que visitei na região, minha região. Quando cheguei à cidade já estava perdida em meio às sensações que a viagem me causara. Contive meu desejo, mas percebi que minhas curiosidades não cabiam em perguntas metodológicas quadradas, tão estéreis que não dão conta do incerto, não nos tiram do lugar, não tocam o misterioso, o fértil de sensações.



<sup>10</sup> Referência à música “Vamos Fugir” de Gilberto Gil que tocava no momento.

Admiti o papel de *flâneur* para observar, “experienciar a ambiência” da cidade, “cujos caminhos, ruídos, cheiros e cores a percorrer sugerem, sem cessar, direções e sentidos desenhados pelo próprio movimento dos pedestres e dos carros que nos conduzem a certos lugares, cenários, paisagens em detrimento de outros” (ECKERT, ROCHA, 2001, p.06). “*Footprints through the weather-world*” (INGOLD, 2010), umidade nos pés: é então que esta narrativa começa de fato, o início da caminhada. “*El andar, parece pues encontrar una primera definición como espacio de enunciación*” (CERTEAU, 2008, p. 06). Meus passos enunciativos (CERTEAU, 2012, p. 164) começam então a traçar seus rumos, como pinceis a traçar pinceladas, ou caminhos, na feitura de quadros.

É então que esta narrativa começa de fato, a umidade nos pés diz respeito ao início dessa caminhada. Era necessário uma apreensão sinestésica do lugar, e daí, habitá-lo e beber suas paisagens, povoar o quadro das subjetividades que o moldam. Neste primeiro momento a recepção do texto da cidade era ingênua, decifrava seus signos sem estar munida de seus sentidos contextuais. Fiz a minha apropriação do lugar para habitá-lo, a caminhada tem função de apropriação do lugar, sua realização espacial e ainda o estabelecimento de contratos de sua recepção em forma de movimento (CERTEAU, 2012, p. 164). Este trabalho nada mais é do que a cristalização de uma trajetória. “Este rio é minha rua”<sup>11</sup>, esta rua é meu rio.

O carro chegou à cidade por volta das dez horas da manhã, à medida que adentrávamos a cidade fui percebendo que meu relógio não me orientaria ali. Passamos a deixar os passageiros, era o primeiro contato com aqueles rostos que já vinham se fazendo em mim desde que iniciara a pesquisa. O trabalho do antropólogo, o olhar etnográfico (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 19), símbolos me apresentavam o que não estava ali, suscitavam em mim seus sentidos compartilhados. Com calma fui adentrando no universo estudado e me adaptando ao seu ritmo, a sua vibração, aderindo às imagens suscitadas para aderir a sua atmosfera. Salva-terra foi se fazendo em imagens, as suas ruas e vielas dão para o mar.

---

<sup>11</sup> Referência à música “Esse rio é minha rua” de Paulo André e Ruy Barata.



Com o Rio Paracauari ao Sul e a Baía do Marajó à leste, a partir do encontro da terra com a água nasceram as ruas da cidade, a primeira, a segunda, a terceira e assim sucessivamente. Essas ruas até hoje são numeradas: maior afastamento do mar, maior a numeração que as designam, as que as cortam são as travessas, também numeradas. Os lotes nas primeiras ruas são amplos, as casas possuem vastos quintais, sinais de uma urbanização não tão recente que obedece a antigos parâmetros do viver bem. Há também aqui e ali alguns poucos casarões antigos que remontam a ocupação de longa data. O asfalto aquece somente as ruas principais, em todas elas árvores no meio dão alívio ao sol. A cidade possui duas ruas principais que dividem o “centro”, escolas, feira, comércio, órgãos públicos: uma é a Quarta Travessa ou Victor Engelhard – como queiram gestores – e a PA 154. Delas fogem a praça, as igrejas, as praias, o que acaba por dar um caráter descentralizado ao mundo urbano de acordo com as diversas atividades desenvolvidas no local.

Tão diferente estaria tudo no inverno, pois no tempo das águas grandes há poças de água por toda parte. Elas mostram a habilidade dos moradores em conviver com o molhado, ao contrário dos visitantes não se importam onde pisam: nós todo tempo atentos ao chão, eles com destreza, como se os pés conhecessem sozinhos os caminhos. O céu sempre em eminência de desabamento; frutas de toda espécie derrubadas pelo vento e pela chuva anterior colorem o chão, o cheiro doce dessa mistura substitui o cheiro salgado do verão. No fundo a água azul dá lugar à água barrenta de tom mais marrom e do céu só saem acanhados filetes de luz que fazem brilhar pequenas porções de água e de terra.

As estações são separadas fluidamente por fronteiras moventes, mas não somente elas, também ecossistemas, credos e afazeres. “Aqui a vida é geral, você não vive só da profissão, tem que aprender a fazer tudo”, disse seu Orlando, que depois de uma temporada morando em Belém retornou a Salvaterra. É o lugar do encontro. E o lugar do encontro por excelência não poderia ser outro se não a praia. A cidade que já foi rodeada por praia, hoje, por conta da erosão possui três entre florestas e ribanceiras. São elas:



A Praia Grande, principal lugar de turismo na cidade. Nela existem diversos bares e restaurantes a serviço da população e de quem a visita. Domingo é o dia em que encontramos mais pessoas, entre elas a maioria de jovens e turistas. Boa parte dos “filhos de Salvaterra” não gosta muito de frequentá-la pelo barulho. Os indícios de pesca se dão em menor quantidade.

Prainha, Portinho, ou Prainha do Pinheiro tem acesso pela praça, e é mais frequentada por pescadores e suas famílias que os ajudam e se divertem. Nesta praia desenvolvem-se as mais evidentes relações de ligação entre os homens e as águas. Gerações e gerações são informadas e formadas sobre os mistérios que guardam os rios e são guardados por eles. Toda a família é envolvida ali na atividade pesqueira. Rodas de conversas espontâneas são estabelecidas entre mulheres, homens, crianças, jovens e idosos. Nos sábados e domingos em campo pude presenciar a ida dos moradores até lá. Era como se crianças e adultos se transformassem em botos, esbanjavam intimidade com as águas em nado e brincadeiras.



A Praia dos Barcos abriga as embarcações dos pescadores artesanais que pescam em Salvaterra. Local de comercialização da pescaria. Raramente encontramos moradores somente tomando banho nesta praia, quando os encontramos geralmente são filhos dos pescadores.

Para melhor entendimento das distribuições das localidades ao longo do litoral de Salvaterra e da área em que se dá a pesquisa de campo, elaborei o croqui abaixo:



Não somente os rios, mas lagos e igarapés também dão forma à ocupação (MARIN, 2005, p. 07) do território. Durante o verão a concentração de pessoas nas mais diversas atividades se dá mais na costa. O que ocasiona em um menor movimento nas praias acima citadas e um intenso fluxo a parte central da ilha, furos e igarapés. Ao longo da costa também formam-se diversas praias ligadas à igarapés por onde os rios da região deságuam na baía, durante o inverno esses igarapés ficam mais caudalosos, quando os moradores organizam piqueniques e passam o dia entre o lazer e o extrativismo dos recursos ali oferecidos. O acesso a esses locais se dá por trilhas que cortam localidades e florestas, seguindo por elas é possível

perceber que foi ao longo dos cursos d'água e em busca deles que a cidade foi se delineando e expandindo.



A influência da relação entre homens e águas é tão rica quanto a diversidade de ecossistemas encontrados na região e deixam rastros por toda parte. A aproximação com o campo evidencia a água como fonte, habitat, e receptora cultural. A convergência dos povos que desaguaram ali influenciou saberes e práticas que influenciam até hoje o modo de vida dos habitantes da cidade, sua relação entre si e com os espaços.

Ao olhar para as casas, para dentro delas, seus quintais, para as mãos das pessoas nas ruas a ver o que carregavam consigo, aos nomes dos estabelecimentos, aos utensílios vendidos em lojas expostos para os passantes, as brincadeiras de crianças, a qualquer palavra a mim direcionada, estive atenta nesses dias de aproximação. Todos esses rastros me levavam ao mesmo lugar, o lugar das águas, seus sentidos, sem contextos definidos e ligações que ainda não podia, tão prematuramente, compreender, mas já estava envolvida. Procuramos o trabalho, mas ele também por algum motivo nos procura. Esses sinais indicavam um elemento religioso, de trabalho, de alimento, de cultura, que perpassa de forma fluida por todas as esferas da vida no lugar.

### 3. D'ÁGUA À PALAVRA

Depois dos caminhos traçados a esmo dançavam imagens e símbolos que em vão eu tentava decifrar com especulações, linhas, caminhos que vinham e davam para um escuro, palavras soltas, peças de um quebra cabeças embaralhadas sem sentido algum em mim, estrangeira. Uma malha<sup>12</sup> ao alcance das mãos. Pus-me a desvendá-la, caminhar por seus fios. Os nós, o os pontos, as paradas, não são sobre elas que versam estes escritos, mas com elas. Através delas e do emaranhado de tempos, e vozes que se entrecruzam na composição de sua vida, que deságuam nas narrativas. As imagens construídas a partir de então terão autoria atribuída aos diálogos em que convoco o leitor a se entregar durante a jornada, em que são sujeitos o pesquisador, o interlocutor, e as águas em que estão submersos, assim como você que às lê.

#### 3.1 Sobre a voz

“A voz jaz no silêncio do corpo” (ZUMTHOR, 1997, p.12), ela emerge para sua emanção, a voz ressoa o silêncio, o corpo dá o contorno dos sons que nascem do silêncio. Se é na imaginação que elaboramos o canto do real, é através da voz que a canção se externaliza e anima toda a matéria, enfeitiça-a. “Voz plena, negação de toda redundância, explosão do ser em direção à origem perdida – ao tempo da voz sem palavra” (ZUMTHOR, 1997, p.13). A voz é habitada pela palavra, mas transcende-a.

A voz é o puro presente que se faz e refaz à medida que evoca o ausente, etapa metabólica do processo criativo, como o silêncio, é trânsito, movimento, divaga, navega. O indivíduo evoca o coletivo ao seu tom, seu corpo, os trejeitos da voz, as manhas, os sotaques, compõem identidades e identificações. A voz escorre e banha o ouvinte ao doar-se.

#### 3.2 À hora do conto

Chegava mais uma vez em Salvaterra pronta para mais um mergulho. Era fim de tarde e a luz do sol ia se extinguindo. Quando paramos na frente do que creio ser a casa de um senhor que ia ao meu lado me deparei com um aglomerado de cadeiras organizadas em

---

<sup>12</sup> Tim Ingold no artigo “Trazendo as coisas de volta à vida” (2012, p. 39) constrói a noção de malha em oposição à noção de rede. Para este autor malha é um emaranhado de trajetórias que não cessam de se estender na constituição da textura do mundo. Na malha não há pontos acabados com interconectados com limites interiores e exteriores, mas de linhas entrelaçadas.

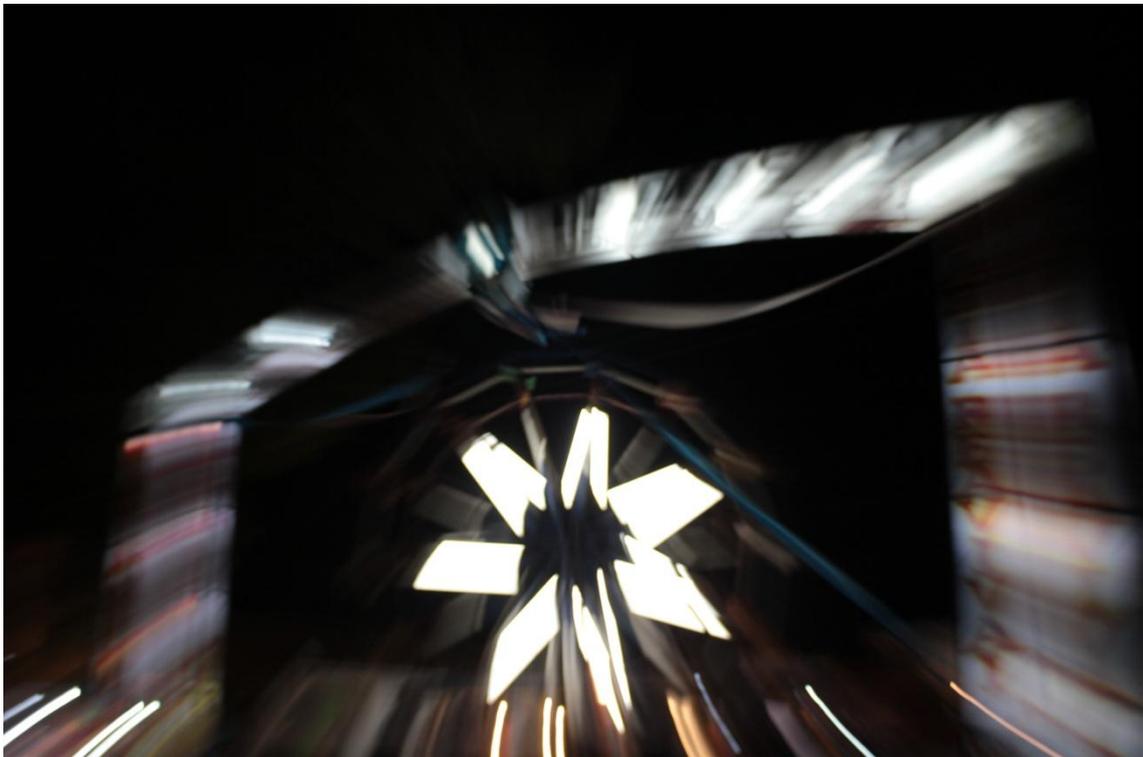
círculo diante da casa vizinha. Esta imagem se repetiu em outros cantos da cidade no trajeto que o carro tomava, em alguns pontos já vi pessoas, homens e mulheres tomando seus lugares, os assentos tomavam formas diferentes, eram cadeiras, bancos de madeira, troncos de árvores, que me alertavam que chegava a hora das conversas, dos contos, das histórias sob a lua.

O pôr do sol, é como o silêncio, é passagem, a luz do sol que afasta os mistérios vai se extinguindo, o calor dá lugar à temperatura da proximidade, a ambiência está criada, o clímax, entra a palavra e nos povoamos de imagens. Como que um rito iniciático, era a hora das palavras evocarem os mistérios do silêncio e fluírem. Tinha acabado de conhecer Dona Sebastiana, conversava com ela em sua lojinha, terminada a conversa, saímos. Em frente a sua casa várias pessoas reunidas. Quando nos aproximamos me dei conta do teor da reunião: um dos netos da senhora havia acabado de ser abordado por uma espécie de visagem na tentativa de pegar frutas no quintal da avó. A criança, muito assustada, saiu correndo e logo reuniu todas aquelas pessoas para contar sobre o acontecido.

A criança conta, a palavra escorre, associações emergem, outro (re)lembra, (re)conta. Vamos compondo juntos as figuras, as cores e as paisagens. O conselho, a lição, outra história e outra, e outra, cada um toma seu assento, estava vendo a roda se formar, dessa vez eu fazia parte, peguei logo uma cadeira, não sem experiências me senti a vontade com meus casos, trocamos, compomos. Todos ali tinham experiências para contar, trocar, compor, olhares, sensações, crianças, jovens, homens e mulheres. Ficamos reunidos por aproximadamente quatro horas em torno das mais diferentes e interessantes histórias, valores, ensinamentos sob a lua cheia do Marajó. E na hora da recolhida, presenteada com tantos encantos veio o medo da realidade. Dona Sebastiana pediu que seu neto me acompanhasse até onde estava hospedada, para garantir que chegaria bem, que nenhum boto, ou outro encantado viesse ao meu encontro, ainda mais porque passaria por uma esquina famosa por surpresas, a esquina da rua com o mar.

A roda enquanto símbolo está presente nas mais diversas manifestações sociais – brincadeiras de crianças, nos jogos de capoeira, nas mais diversas religiões, entre outras – cuja essência é sempre o movimento. Remete-nos à ciclicidade do tempo natural, das águas, do corpo. Funcionando como um diagrama móvel das relações recíprocas, a roda nos remete à vida como um processo, suas transformações e revoluções por meio das relações entre os diferentes contextos, e agentes. A roda do tarô, a “roda da fortuna”, alerta à “simultaneidade de todos os opostos” (NICHOLS, 1988, p. 189), nada existe por si, em detrimento, em dicotomias, existimos em relação. É o símbolo da dialogia.

Voltadas a um centro tradicional, a um ponto fixo, estável, na superfície da circunferência as pessoas movimentavam significâncias, “pontos de observação, cada qual com uma vista diferente de todas as outras” (NICHOLS, 1988, p. 190). No centro estava à concavidade arquetípica (DURAND, 1996, p. 153), a forma, nos pontos na superfície trabalhavam nos conteúdos, nos mitos, a criação e a experimentação. A individualidade construindo a coletividade: o processo imaginário, quando “o mito desce do Olimpo” (DURAND, 1996, p. 154), banaliza-se, generaliza-se, “qualquer mito não é se não o conjunto das suas lições, poder-se-ia mesmo dizer das suas leituras” (DURAND, 1996, p. 155), “Dir-se-ia que o impulso criativo primordial da divindade, a ideia no centro de toda manifestação, se estende à periferia onde aparece num milhar de aspectos diferentes” (NICHOLS, 1988, p. 190).



Como um rito iniciático a roda de conversas me envolveu em uma trama sociativa, aos lugares, pessoas e acontecimentos, sentidos foram atribuídos, justapostos, contribuição à concepção criativa deste trabalho e alimento aos conteúdos sociais que dão formas à sociedade: sociabilidade (SIMMEL, 1983, p. 166). É sob essa sensação de vivência conjunta, de experimentação coletiva das mesmas emoções que é possível perceber uma ligação, uma força agregadora porque a estética nutre-se pela correspondência dos membros envolvidos em uma mesma ação. Essa “conexão tátil” é o que Maffesoli chama de “cultura dos sentimentos” (1996, p. 56), disseminada pelo prazer e pelo desejo do estar-junto, lógica comunicacional

amparada por sentimentos, simbolismos, pela conjunção de elementos segundo a ética da estética.

A conversa abriu as portas de um universo particular, o microcosmo espelhava como um lago a imensidão do azul, o macro, como uma amostra de um universo imaginal e do processo de sua criação interativa permanente. Para Simmel (1983, p. 177) a conversação é o “veículo mais genérico para tudo aquilo que os homens têm em comum”, pressupõe um caminho de ida e volta, estabelece vínculo, depois do olhar, é a forma mais pura de reciprocidade:

Numa conversação puramente sociável, o assunto é simplesmente o meio indispensável para a viva troca de palavras revelar seus encantos. Todas as formas pelas quais essa troca se realiza – o conflito e apelo a normas reconhecidas por ambas as partes; a pacificação por acordo e pela descoberta de convicções comuns; a aceitação grata do novo e ocultamento de tudo aquilo para o que não se pode esperar nenhum entendimento – todas estas formas estão usualmente a serviço de inúmeros conteúdos e propósitos da vida humana. Mas aqui sua importância deriva delas mesmas, do fascinante jogo de relações que criam entre os participantes, juntando e separando, ganhando e perdendo, dando e tomando. (SIMMEL, 1983, p. 176)

Nestes microscópicos processos que ligam os sujeitos uns aos outros o imaginário desempenha um papel fundamental, pois “estabelece vínculo. É cimento social” (MAFFESOLI, 2001b, p.77). Nesse “estar junto” ele acaba por intervir nos mais variados processos de socialização, já que contem em si a combinação dos sentidos da existência compartilhados por cada agrupamento humano (SIMMEL, 1999). Estabelece uma construção poética dos sentidos do estar junto, que impregna o cotidiano de uma aura (BENJAMIN, 1991, p. 228): uma fantasia de espaço e tempo que (re)cria o real, único e irreprodutível.

Aí se empregam valores ético-estéticos característicos a esse estar-junto, que impregna a representação do mundo para os membros de um mesmo grupo social das particularidades constituídas na experiência coletiva (SILVEIRA, 2009, p.72). A constituição imaginária é sempre uma construção poética, nela se entrelaçam reprodução e criação, pertença e liberdade, elementos constitutivos do cotidiano. É nesta dança que a vida se torna poesia e encontra seu ponto limite, o deslimite, que nos fala Manoel de Barros, o que faz do “inacabado o estado sempre renovado que não deixa com que as coisas acabem, sendo então reinventadas pelo processo criativo – tanto na poesia como na vida” (SOUZA, 2010).

As manifestações típicas ao imaginário não obedecem a lógicas instituídas, ao tempo linear, se aproximando assim muito mais da constituição musical, por exemplo, do que qualquer constituição do pensamento formal secular. É inerente ao imaginário a livre inventividade, a experimentação: a imaginação, que segundo Bachelard (1997, p. 18) “é a

capacidade de formar imagens que ultrapassam a realidade”, é a capacidade de cantar a realidade. O que envolve os grupos em uma vibração, cujo potencial é incalculável.

A cultura é um conjunto de elementos e fenômenos passíveis de descrição. O imaginário tem, além disso, algo de imponderável. É o estado de espírito que caracteriza um povo. Não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transfiguração (MAFFESOLI, 2001b, p. 75).

Nas poéticas amazônicas, “a água é um dos elementos materiais mais pulsantes” (PINTO, 2008, n.p.). Fonte infinda de inspiração de cosmogonias e filosofias que revelam um mundo particular. Nos contos que ouvi naquela noite as águas eram fonte da vida, da saúde, da regeneração, da subsistência, do mistério: caminhamos por signos, cujo fluxo desencadeia os sentidos da existência na região, dão de beber à imaginação, umedecem o real (CUNHA, 2000, p.16). O elemento líquido nos envolve no ritmo das ondas, o próprio mistério da criação e transfiguração, a aura, o imaginário (MAFFESOLI, 2001b, p. 75).

Em Salvaterra esses espaços apresentam a extensão da cidade na experiência, e a expansão da casa na cidade, o lugar da habitação, o lar, ultrapassando as dicotomias das relações cidades x rios, homens x águas. Para compreender estas relações faz-se necessário ultrapassarmos a compreensão dos espaços aquáticos como meras molduras da imagem cidadina. A cidade não está em uma ou outra margem, mas à terceira (GUIMARÃES ROSA, 1988), aquela até onde se expande a experiência de vivê-la. As cidades ribeirinhas são constituídas nas relações que seus habitantes estabelecem no e com o lugar.



### 3.3 Sobre o contar

Caminhando pela orla conheci Duarte, aspirante a prefeito, que me levou a Seu Japão, o senhor dos olhares falantes, dos suspiros de sabedoria, que me disse ser parente da cobra-grande, “dona” e “mãe” de um dos rios da região. No museu conheci Dona Sebastiana, gentil senhora que me apresentou as precariedades das políticas culturais do município, que me levou a Seu Paulo das histórias desse mundo marajoara, depois foi à vez de Dona Oneide, que domina a arte da poética oral, dos encantos da fala. Na pousada conheci Seu Lélío e Dona Joana, sempre pacientes, atentos, hospitaleiros. Caminhando pela Prainha conheci Silvando, “pescador de coração”<sup>13</sup>, foi o pescador mais acessível que conheci<sup>14</sup>, me apresentou ao farol, à paisagem dos pescadores, me levou a Damasceno, o mestre dos olhos que nada veem, mas tudo sente, e seu pai Seu Martinho, do sorriso fácil, das sutilezas, que por sua vez me apresentou Seu Domingos, seu olhar austero, sua fala pesada de experiências, o farol das visagens.

Com mais tempo na cidade conheci Dona Marcíria ou Pipoca, o apelido é por conta do nome do seu bar, mas já indica seu sorriso e agilidade, principalmente no contar. Foi ela que me falou de Dona Eunice das mãos que inventam flores, esposa do finado Centenário, que eu tanto queria conhecer. Ela me levou até Seu Napoleão, o boto de Salvaterra. Um amigo de Belém me falou de Dona Riso, filha de Dona Joana uma conhecida curandeira da região que infelizmente havia morrido há alguns anos. E o pai, Seu Miranda, que com saudade leva a venda dos produtos de encantaria e cura procurada por todos os pajés, mães e pais de Santo dos arredores. E por fim devo a Bira Marajó, mestre de capoeira angola que foi do Marajó para o mundo levando ao mundo o



<sup>13</sup> Silvando possui uma loja de materiais de construção, se diz “pescador de coração” porque essa não é sua principal atividade econômica.

<sup>14</sup> Os outros geralmente me recebiam com desconfiança e às vezes com ar zombeteiro, talvez por ser mulher, já que os espaços de pesca são pouco frequentados por mulheres que não sejam esposas, filhas, parentes em geral, talvez pelas perguntas que fazia. Fato é que desde o princípio as mulheres foram bem mais receptivas ao meu contato.

Marajó, o prazer de ter conhecido seu Orlando, mestre na arte da marcenaria e dos dizeres de certeza.

Ainda de tantos outros rostos foram se constituindo as linhas deste trabalho, além daqueles evocados pela memória, reverenciados. Deram forma e sentido a tudo que vi em Salvaterra. Seu João Japão, de 85 anos o primeiro pescador com quem conversei em Salvaterra logo me advertiu sobre minhas preocupações com o drástico crescimento populacional em curso na cidade e as possíveis mudanças sociais decorrentes deste aumento<sup>15</sup>:

É isso que traz esse povo todo pra cá, minha filha.  
Esse mar, essa brisa. Enquanto aqui tiver peixe e gente com fome, aqui tem pescador!

Apontando com calma para o Rio Paracauari que pode ser visto da frente de sua casa e com olhos de quem sabia admirar o horizonte que eu encontraria em tantos outros pescadores nas praias de Salvaterra. Senti a necessidade de mudar meu horizonte de pesquisa “rumo ao farol” (WOOLF, 2003). Percebi que no rastro das montarias<sup>16</sup> encontraria não só o que muda, mas o perene, o que resiste por meio das formas simbólicas repassadas e recriadas de geração em geração que encobrem uma construção de sentido para o mundo.

As narrativas e o exercício da memória se apresentam como possibilidades metodológicas capazes de nos aproximar das discontinuidades alternativas e hibridações que desafiam a hegemonia do grande relato da modernidade. Assim contribuem à dissolução de narrativas totalizantes de um saber soberano não capaz nem interessado na compreensão da totalidade da existência, que ao contrário, silencia, impõe, deslegitima outros saberes (VASCONCELOS, 2005). As narrativas orais acabam desvelando aos pesquisadores um mundo pleno de emoções.



<sup>15</sup> Questão que norteava meu Trabalho de Conclusão de Curso, quando tive meu primeiro contato com a cidade.

<sup>16</sup> Pequena embarcação.

Em Salvaterra comportamentos e valores se baseiam em uma indissociável ligação entre o meio natural, o sujeito e o social que o circunda. Cada cultura configura um sentido étnico de apropriação da natureza, por mais complexo que seja graças aos saberes acumulados sobre o território de pertença. A experiência e a convivência com o meio natural são interpretadas pelo humano, que atribui sentido a essas experiências. A partir disto formam-se narrativas que constituem um conjunto de explicações do mundo de cada grupo humano, onde se confundem os limites entre fantasia e realidade. Estas narrativas, repassadas de geração para geração, são a imanência das coisas sobre as pessoas e das pessoas sobre as coisas, um fluxo (INGOLD, 2012, p.34). Passam a mediar o contato do homem com o ambiente e fundamentam a maneira de viver no e com o lugar.

É no território da memória que os níveis individual e coletivo se entrecruzam. O conceito de memória se refere à capacidade de conservar algumas informações adquiridas antes do ato de rememoração e de atualizar impressões, ideias e conhecimentos (LE GOFF, 1996). Para Le Goff os fenômenos da memória “são resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui” (1996, p.424). O que torna o “comportamento narrativo” fundamental ao ato mnemônico, que tem como função social repassar informações de um acontecimento a alguém que não estava presente no momento.

Este comportamento difunde, não só o acontecimento, os conhecimentos e visões de mundo daquele que narra e do grupo do qual faz parte, como também o ato de narrar em si. O sentimento de identidade está fundamentalmente relacionado ao ato de recordar os acontecimentos da própria vida, é através da função narrativa que a memória é incorporada à constituição da identidade (THOMPSON, 1992). O que Leroi-Gourhan chama de “memória étnica” (LEROI-GOURHAN apud LE GOFF, 1996, p.425) que garante a reprodução de comportamentos e valores nas sociedades humanas.

Em um movimento entre passado e futuro esta transmissão oferece ao ouvinte os olhares do narrador sobre a experiência através da história narrada. Memória e percepção estão intimamente ligadas, “a narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração” (SARLO apud FERNANDES, 2011. p.48). No processo de aprendizagem das sociedades mais ligadas a oralidade não se emprega a transmissão de uma memória palavra por palavra, sistemática, mecânica, como a ensinada nas escolas. Ao contrário, a transmissão desta memória funciona em “reconstrução generativa” (GOOD apud LE GOFF, 1996, p. 430). Neste processo a liberdade e a criatividade passam a

ser capacidades intrínsecas que se manifestam através da narrativa de todos os membros do grupo.

Sobre a história da cidade, não encontrei até hoje viajante, historiador ou arqueólogo que me dissesse mais do que os olhos, gestos e contos dos senhores e senhoras que encontro por suas ruas. Estas pessoas entregam aos de bom ouvido um mar de sensações que vão além dos cinco sentidos, misturando realidade e fantasia em narrativas alineares de um olhar aquoso, por palavras encharcadas, água-palavra, transparecem tempos, saberes, olhares distantes, sobrepostos, entregues. Encharcado é o saber do povo que na sua fluidez cria e recria o mundo.



*II Capítulo  
O fluxo e o ritmo*



## 1. OS ANTIGOS

Antigos. Assim são chamados os mais velhos moradores da cidade quando citados: “no tempo dos antigos...”, “isso é o que diziam os antigos”, “os antigos aqui é que sabem”. Expressões como essas quando aparecem nos diálogos podem ser entendidas de formas variadas e por vezes contraditórias. Indicam, ainda, o afastamento temporal do fato; delegam legitimidade ao narrado; eximem o narrador da autoria das histórias a entregando aos antigos, aos mais velhos.

A eles são confiados tanto à história da comunidade enquanto testemunhas, como a própria produção fantástica. Os antigos como as crianças não mentem, criam. No cunho destas expressões os moradores de Salvaterra acabam mostrando os limites tênues e as relações entre a reprodução e a criação, entre o novo e o velho, a verdade e a mentira. O que dá o caráter de ficcionalidade a toda narração, além da produtividade porvir, a produtividade que os antecede. Além disso, por pessoas mais jovens as expressões evidenciam a tênue linha entre o respeito e a reverência, ou descaso e descrédito.

Carrego hoje comigo em minha forma de perceber o mundo as suas histórias, seus olhares. Por vezes os vi chorar e carrego hoje também um pouco de suas dores. Depois das entrevistas quando chegava em casa, me percebi diversas vezes questionando este ofício de escrever, de guardar, e na continuidade que daria as infinitas histórias que me confiaram. Temia reproduzir o descaso e o descrédito do qual tantas vezes a mim reclamaram. A cada palavra trocada fui-me (des)construindo antes de lhes conferir uma função social, enquanto pesquisadora a partir da função social de ouvir e senti-los.

Era como se tivesse envelhecido anos em cada hora de conversa, sentia em mim a rugosidade de suas peles. E como pesa escutar! Afeita as levezas descobri o peso inerente da vida, dos tempos e pessoas que carregamos em nós. Por vezes chorei por mim, por eles, pela responsabilidade e pela ânsia de um cuidar de si e do outro, com o tempo fui eu me sentindo cuidada por essas pessoas. Na apresentação do livro “Memória e Sociedade”, de Ecléa Bosí, Marilena Chauí diz que a tese de seu livro é: “O velho não tem armas, nós é que temos de lutar por ele”, o que senti frente aos velhos de Salvaterra foi o contrário: eles têm as armas, preciso aprender a lutar com eles. Neste trabalho não “dou voz” a eles, sua fala tem força própria, a narrativa carrega sua própria potência e emerge sem precisar ser evocada e permeia com seus ensinamentos cada palavra aqui utilizada.

## 1.1 Fotografias



- *Queria que a senhora me falasse um pouco da história de Salvaterra e da sua vida aqui na cidade.*

- *Posso falar, posso falar do que eu sei e vivi, mas principalmente tenho que falar mesmo é sobre os meus príncipes: meu pai e minha mãe, sobre o que eles me contavam e eu levo sempre comigo.*

Com essas palavras fui recebida por Dona Oneide em uma manhã ensolarada de setembro. Como de hábito ela estava sentada em sua cadeira de plástico em frente a sua casa atendendo a algumas pessoas que entravam e saíam de sua varanda, resolvendo problemas de toda ordem, desde suas vendas de carvão, ao bicheiro que sempre lhe atende em casa. Dona Sebastiana foi quem me disse: “Tu tens que conhecer é a Dona Oneide, uma senhora muito legal que mora aqui atrás de casa. Ela sabe de muita coisa, pode tirar tuas dúvidas”. É uma senhora de olhar forte e conselheiro, voz imponente, mas aveludada, e mãos que gostam de apontar caminhos e distâncias. Ao passo que seus lábios me respondiam com essas palavras, seus olhos me encaravam firmemente e me mostravam Dona Oneide como leitora da cidade, das histórias que a constituem, de seus personagens, de si mesma, pois “o sujeito, ao significar, se significa” (ORLANDI, 1999, p. 37).

Oneide Raimunda Barbosa, 74 anos, “nascida e criada” em Salvaterra. Sua família há muito tempo habita a cidade, desde o tempo em que “só tinham 15 famílias, eram 5 casas, caminho era caminho de estradinha”. Seus pais, avós e bisavós lhe contaram com propriedade sobre o início de tudo naquele lugar. Hoje, Dona Oneide vive em uma casa localizada na segunda rua com seu marido. Não teve nenhum filho, mas criou um casal de crianças, o menino “sumiu no mundo”, enquanto que a menina hoje é professora e tem uma filha que Dona Oneide trata como neta. Ela e o marido têm uma “venda”, A Preferida, ao lado da igreja, de frente para o rio Paracauari. Ela, antes costureira, hoje por conta da visão que foi ficando fraca não costura mais, mas faz os quitutes que o marido vende.

- *Coisa mais bonita? Aqui, Salvaterra mesmo, né? É bonito na pescaria, é quando põe uma rede que vem muito peixe, aí sim, alegre a gente que uma beleza.*

Edenor Duarte da Costa, o Seu Martinho, tem 72 anos, é pescador por amor, por profissão e por lazer. Foi-me apresentado por seu filho Silvandro, que conheci na Prainha. Depois de tanto ouvir Silvandro dizer: “meu pai conta”, “meu pai que sabe essa estória”, pedi para conhecê-lo. Marcamos um dia em sua casa. Houve um desencontro, no outro dia fiquei sabendo que Seu Martinho e sua esposa ficaram me aguardando à hora do conto na frente de sua casa, onde foi construído um banco, como em muitas outras casas na cidade para confortar esses momentos. No outro dia não perdi a oportunidade. Fui logo pela manhã a sua casa, sentamos em uma mesa e Seu Martinho me desculpando, desaguou suas histórias.



Pequeno senhor de sorriso fácil, sempre com a ajuda da esposa, que mesmo rouca na ocasião ajudou com a narração. Falou sobre as histórias de pesca, as visagens, a Salvaterra da memória. A partir dessa conversa comecei a perceber o lugar do pescador: o mar. Para mim tão desconhecido, era incrível como a ele mostrava-se tão familiar. Navegou comigo em sua montaria por ilhas encantadas, pelo sufoco de suas alagações, me mostrou a época de fartura antes das grandes indústrias pesqueiras, navegou comigo pelo fluxo de sua memória. Seu lugar de atuação e contemplação determinou os caminhos escolhidos, a experiência no mar tornou a viagem segura, mas nem por isso menos contagiante.

- *Era pra fazer alguma coisa comigo de malvadeza, ou... só podia ser de malvadeza, né. Porque nós temos que eles fosse, como se diz, como se tem aquela ilusão: o dono da morada né, da ponta.*

Domingos Malato Soares tem 76 anos e



mora em uma pequena casa na Quarta Rua, em frente ao “arco da santa”, decorado e mantido com muito esforço para a passagem de Nossa Senhora da Conceição durante o círio. Seu Domingos ainda hoje vive da pesca e do marisco. Quem me levou até seu Domingos foi Seu Martinho. Esse, quando recordou das “marmotas” do farol lembrou-se daquele que tanto já tinha lhe contado e pedido sua opinião sobre as coisas que ali lhe aconteceram. Quando chegamos à casa de Seu Domingos, Seu Martinho foi logo lhe dizendo: “conta pra ela às marmotas do farol!”, rindo – uma das poucas vezes que o vi sorrir – disse que me contaria e foi o que fez prontamente. Mas não somente.

No excerto acima ele me conta sobre a aparição de visagens no farol enquanto ele pegava marisco há anos atrás. Quando questionei sobre o emprego do termo “ilusão” que me pareceu estranho, ele me falou: “assim, ilusão que eu digo é aquela crença, né. Aquela crença de que a coisa é certa!”. A palavra ilusão é um substantivo feminino que designa engano dos sentidos ou do pensamento. Todavia, seu Domingos, afirmou seu sentido transcribando-o, reinventando o uso da palavra. Foi com ele que aprendi sobre a seriedade da crença e da ilusão como princípio. Senti o peso do que estava fazendo ali. Finquei meus pés na ilusão.

Ouvir o outro é também aceitar carregá-lo em si. Contava ao passo que me advertia o quanto aquelas histórias já eram censuradas e desvalorizadas pelos mais novos, e como o castigo pelo desrespeito tarda, mas não falha. Ensinou-me que tudo nesse mundo tem dono, que toda ação tem uma reação. Que existe um antes e um agora e o quanto aquele antes, quantitativamente maior que o meu, pesa e precisa ser dividido. Seu Domingos falava tudo com um sério ar de “acredite se quiser, o problema é todo seu”.

*- Essa aqui é a minha ciência.*

Nós e nossas ciências. Com essa frase Seu Orlando, ou Seu Cabo, 71 anos, finalizou a apresentação de seu trabalho, que consiste no trançar das redes de pesca com agilidade e paciência, linhas que cortam a água em busca dos peixes e tramam histórias. O encontrei quando eu estava caminhando pela Segunda Rua em um galpão a remendar redes, compenetrado. Pedi para entrar, lhe falei sobre a



pesquisa e ele parou tudo que estava fazendo, desmarcou compromissos, pediu que clientes voltassem outra hora e conversou comigo, durante horas.

Deu-me as coordenadas dos espaços de fora e de dentro, da linha invisível que define os contornos da cidade, seus rios, seus espaços de uso comum. Falou-me da relação entre coragem e costume: o primeiro dá o impulso e o segundo sustenta a vida no mar. Durante um período da sua vida passou mais tempo na água que em terra. Por isso já presumimos suas narrativas anfíbias: em terra, da história da cidade, sua devoção a Nossa Senhora da Conceição e de sua benção ao seu casamento; no mar, das mães d'água e mães de fogo. Seu Orlando ou seu Cabo como é conhecido popularmente, me cobrou a visita que disse que ia fazer e não fiz. Em Salvaterra os acordos não cumpridos não são esquecidos. O que leva a pensar sobre as relações de reciprocidade nesse lugar, que compõe a dimensão sensível da vida na cidade, o quão importante são os respeitos, as cordialidades e os compromissos do dia-a-dia.



*-Eu nasci em maio, mês das flores, sou do signo de Touro, e vocês?*

O mês não poderia ser mais propício para o nascimento de dona Eunice, hoje com 85, ainda trabalha na confecção de flores dos mais variados tipos, utilizando os mais variados materiais como folhas de bananeira e de açaí.

Dona Eunice veio com sua família do Ceará fugindo de uma grande seca que assolou a região. Encontraram refúgio no mundo das águas. Ali se estabeleceram e tantos de lá vieram que uma rua foi fundada em homenagem aos refugiados, Rua Ceará. De lá trouxeram a tradicional confecção de rendas e flores, saber que dona Eunice herdou e aprimorou.

Viúva de Centenário, ela conta com orgulho e vaidade sobre o passado da cidade e sobre o papel de sua família nesse desenrolar do tempo. Ela enfeitava noivas de toda a região, além de muitos outros trabalhos, como a produção das flores de berlindas de círios no Marajó e cidades próximas. Centenário foi o primeiro barqueiro a fazer a travessia Salvaterra-Soure com barco a motor. Dona Eunice me falou de tudo isso, mas também dos filhos, das histórias que lhe trazem, já que hoje pouco sai de casa. A família de dona Eunice recebeu a mim de braços abertos logo me mostraram álbuns de família, falaram sobre eventos importantes em

que tiveram papel fundamental, falaram das mudanças e permanências daquele lugar. Pela confiança de me entregar tantos tesouros e atenção sou toda agradecimentos.

- (...) *se a visagem me pegasse me levava pro mato ou pra praia.*

Dona Marcília é dona do Bar Pipoca situado no final da Quarta Travessa, é também conhecida como Dona Pipoca, por conta do bar. A indicação para que eu a conhecesse veio do Seu Ataupa, vendedor no Museu de Salvaterra. “Vai lá que ela tem muita história pra contar”, disse ele. Da primeira vez que fui visitá-la ela estava lavando roupas, porque depois de tanto



lava-las de noite e ser atormentada pelos seres que vagam pela madrugada ela aprendeu que “a noite é pra se dormir”. Pediu que eu voltasse no outro dia, depois que o sol já tivesse baixado. No outro dia lá estava ela com seu sorriso habitual a me esperar.

Dona Marcília acredita que quando esses seres “atentam” – e muito a “atentam” – levam as pessoas para o mato, ou para a água, lugares de engerrar<sup>17</sup> e de encantar respectivamente. Com a vida ela aprendeu a lidar com situações como essas, hoje ela enfrenta não só visagens e espíritos como seres humanos também. Dona Marcília é mais uma das mulheres de fala líquida que deságua com agilidade sobre o ouvinte, suas histórias são enxurradas de ensinamentos sobre as coisas da terra, do mar, e além deles.



<sup>17</sup> Processo mágico de metamorfose estudado por João Valentin Wawzyniak (2003).

Acima estão Dona Joana e Seu Lélío, donos da pousada em que me hospedei várias vezes durante a pesquisa. O casal não é filho da cidade, mas de localidades próximas. Entram no universo desta pesquisa pelo papel fundamental que tiveram com suas indicações e seu acolhimento, suas narrativas, um porto nessa viagem. À aproximação marajoara, atenta e desconfiada, foi este casal que me introduziu. Sempre olhando como se nada precisassem perguntar, mas sempre atentos a todos os meus gestos e palavras Dona Joana e Seu Lélío aos poucos foram se aproximando de mim, me falando de si e da cidade, me hospedando mais do que em seu estabelecimento, em suas vidas. A confiança veio aos poucos e desde o começo percebi que não viria fácil.

Eles escolheram Salvaterra para “se plantar”<sup>18</sup>. A pousada e tudo o mais que têm na cidade foi conseguido com muito esforço e trabalho. Criaram seus filhos e hoje seus netos com muita dedicação. Há muito estão ali e muito tem para contar. Do seu lugar veem gente de todo lugar e de todo tipo chegando à cidade. Desde as que chegam e não voltam mais, até as que chegam e dali não saem mais, como eles mesmos. Salvaterra é terra de plantio de muita gente, mãe generosa que adota. “Salvaterra, salvação de muita gente das sete partidas do mundo” disse Carlos Drummond de Andrade, mas disse também Dona Joana, sobre aquelas tantas pessoas que vão a Salvaterra em busca de salvação de doenças terminais: ali é terra santa conhecida e indicada por médicos de toda parte. E quando pergunto o que é que tem lá que cura ela me diz: “tá no ar, no banho na maré cedinho, no peixe, limpa tudo”.

*- Muita coisa que eu aprendi da minha profissão que eu não ensino pra ninguém. Faço um tipo de serviço que você anda tudo por ai e não acha quem faça igual. Tudo tem um segredo.*



Seu Orlando tem 74 anos. O conheci através de seu filho Bira, mestre de capoeira angola que muito falava em seu nome. Só pude encontrá-lo no último dia de minha última visita à Salvaterra, precisaria de uma vida inteira para poder ouvir tudo que tem para contar sobre a cidade. É carpinteiro e suas mãos participaram da construção da cidade. Seu Orlando cita os prédios que ergueu e, entre eles, os que existem e os que já não existem mais. Na região o

<sup>18</sup> Essa é a expressão usada pelos moradores para designar quem escolheu o lugar para viver.

tempo passa e arruína com facilidade. Mas ele falou também das reminiscências, dos segredos que guardamos a fim de preservar certos saberes e também os mestres que os detêm.

Seu Orlando me falou de sua esposa, já falecida, e sua saudade falou pelos dois, era “muito prendada”, sabia da arte da cura, do bordado, da arte de pegar caranguejo. Seu Orlando me falou que entre homem e mulher tem que haver companheirismo, dividir as tarefas, me mostrou com orgulho as fotos dos dois juntos que permanecem bem guardadas para que o tempo não leve nem as cores, nem as lembranças.

## 1.2 Fez-se no ancestral

Dona Oneide me recebeu em sua casa logo avisando que nas histórias que iria me contar ecoavam várias vozes, era toda ela intertexto e reverência, “porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 2004, P. 30). Fez dessas pessoas, fez-se, de linguagem, criou-se e recriou-se em uma fluidez de conexões de olhares, gestos e palavras que germinaram imagens em quem as escutou, em quem a leu. Com esses dizeres e outros não pronunciados ela reverencia “a história, que não pede licença, que vem pela memória” (ORLANDI, 1999, p.32), o intertexto, o invisível fio de sentido que costura os episódios narrados, “o que fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 1999, p. 31) das palavras proferidas, o que aponta a significação dada pela narradora aos episódios.

Se, a literatura só se completa com a leitura, encarando o comportamento narrativo como principal ato mnemônico, a experiência só se completa na narrativa, narramos a outrem o que nos aconteceu no passado. De acordo com Nora para além de um conteúdo a memória “é um quadro de interpretações”, percepções, símbolos em constante movimento ligados por estratégias de conservação dinâmicas que comunicam a experiência (NORA apud TEDESCO, 2004, p. 37). A memória é tessitura, tecida em diferentes linguagens, tecido polifônico, policrônico. Entrelaça tempos, histórias e espaços em pontos e nós repletos de sentidos. Constitui “um espaço repleto de agoras” (NASCIMENTO, 2005, p.52), “de um presente que não cessa de se restabelecer pela experiência dialética do olhar” (ibid, p. 49). Para Bauman:

Em outras palavras, ao contrário do que ocorre nas narrativas escritas, nas performances narrativas o tempo e o espaço do contador encontram-se com o tempo e o espaço da audiência, propiciando uma interação, um diálogo e uma troca de

experiências que estão, neste “aqui e agora” compartilhado, mostrando a própria cultura em emergência (BAUMAN, 1977 apud HARTMANN, 2005, p. 126).<sup>19</sup>

Nessa tessitura emaranham-se trajetórias, linhas que vão compondo a vida, o mundo. Essas linhas têm começo e fim obscuro, são linhas condutoras que ligam o passado, o presente e o futuro. “Pode-se pensar as pontas das trajetórias como sendo às vezes empurradas para frente por forças que vêm de trás, às vezes olhando em volta e estendendo os braços, a cada momento perguntando ‘o que eu faço agora?’” (HÄGERSTRAND, 1976, p. 332 apud INGOLD, 2012, p. 39). À motivação dessa pergunta podemos chamar ancestralidade, questão essencial para entendermos os movimentos da memória, posto que seja como um fio condutor que, ligando passado e presente, ultrapassa uma repetição estéril do passado no sentido de uma atualização permanente de um passado ancestral, por meio das narrativas e do contar, dos ritos, das celebrações e da vida como um todo.

A reverência ao passado e aos que os precederam na função de contadores, guardadores do tempo é comum a todas as outras senhoras e senhores com quem conversei. Os ancestrais e as expressões de suas experiências reverberam em seus predecessores através dos gestos, olhares e palavras, e assim são constituídos como tal. Suas ações exemplares garantem que a morte não seja uma barreira para a duração (ELIADE, 1991, p. 47). Para Mircea Eliade os antepassados mortos perdem o que o autor chama de individualidade histórica e passam a figurar o arquétipo do ancestral, que ultrapassa a existência individual de qualquer componente do grupo configurando uma herança coletiva, um patrimônio do grupo. A morte representa o “ato conclusivo da história de um indivíduo” (ELIADE, 1991, p. 47), mas a incorporação de um ancestral à história do coletivo e ao processo de construção identitária, reforça vínculos e corrobora com suas ações exemplares para os esquemas de representação do mundo da comunidade a qual pertence.

É por tanto que procuro as imagens das águas nas palavras evocativas dos moradores da cidade, os mais antigos moradores que viveram o debruçar da cidade sobre o rio, mesmo que pela experiência da escuta. Suas narrativas sobre e na cidade, suas paisagens: “experiência humana possível pela evocação das imagens que habitam nossa memória coletiva” (SANSOT, 1983, p. 35 apud ECKERT, 2009, p. 90). Incitar o trabalho da memória de senhoras e senhores de Salvaterra desvelará a riqueza e diversidade da configuração

<sup>19</sup> O conceito de performance aqui utilizado diz respeito, de acordo com Hartmann (2005, p. 126) “às práticas estéticas que envolvem padrões de comportamento, maneiras de falar, maneiras de se comportar corporalmente – cujas repetições situam os atores sociais no tempo e no espaço, estruturando identidades individuais e de grupo”. Portanto, a performance narrativa relaciona-se ao conjunto que compreende a organização verbal e oral em estruturas inteligíveis de significado, quanto a organização de uma série de códigos e dispositivos culturais que permitem que a narrativa seja compreendida.

cotidiana das paisagens compartilhadas na cidade, uma forma de experiênciá-la pelo processo auditivo. As lembranças revivem espaços e “momentos de um mundo perdido” (BOSI, 1994, p. 82) e possibilitam que sejam “compreendidos por quem não os viveu” (BOSI, 1994, p. 82).

### 1.3 Sobre velhos, olhos e lagos

O respeito aos ensinamentos ancestrais norteou toda a conversa que tive com Dona Oneide como podemos perceber na narrativa abaixo:



Se você for em Soure, hoje ou amanhã, você vai ver! Bem perto do mercado tem um caminho grande assim que parece uma lagoa, na primeira rua isso, quem desce na primeira rua quebra pra esquerda, desce do bote, aí você vai ver. É como daqui naquela casa coral, aí logo lá [apontando com as mãos], tem um bucado de cabana que é igapó, aí é o mercado logo lá, aí tem o matadouro...

Um prefeito tentou botar terra ali, mandou jogar umas cinquenta caçaambada, aí abriu duma vez, aquela terra arriou que parecia que não tinha nem posto terra ali. Aí a minha mãe, meu pai, e uma senhora que se chamava... uma velha de 110, por aí, Tomázia, era a pessoa mais velha de Soure, ela chamou ele:

- Edival – Edival Eleres era o nome dele – não bota mais nem um bocadinho de nada lá, se não tu vai fazer Soure ir no fundo!

Ele botou mais umas três carradas e ampliou aquele lago, aí pararam.

Com um mês antes, ela disse que... lá em Soure né, (isso saiu no jornal!), que a gente ia ter uma perda muito grande, uma tristeza muito grande, entre Soure e Salvaterra, que foi o Presidente Vargas que foi pro fundo, lá na ponte de Soure, e foi tristeza mesmo. Não só pro povo

marajoara como pro Pará inteiro, porque aquele navio era uma maravilha. Você vinha dentro parece que não vinha nem dentro do navio em cima da água.

Dona Oneide começa a narrativa atestando com ênfase a veracidade dos fatos que seriam narrados a seguir, caso fosse a Soure eu veria com meus próprios olhos – se, porventura, precisasse ver para crer, pensando a visão como indicadora do real, do concreto – o local em que tudo ocorreu. Durante todo o relato ela irá atestar sua veracidade através de variados recursos, antecipando-se ao sentido que suas palavras podem produzir em mim. Inclusive porque seu conhecimento pode estar entrando em descrédito pelos mais jovens e até mesmo com relação à universidade da qual faço parte, supondo que eu mesma em busca da verdade questionaria o que ela falava.

De acordo com Orlandi, esse mecanismo de antecipação “regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá, de um modo ou de outro, segundo o efeito do que pensa produzir em seu ouvinte” (ORLANDI, 1999, p. 39). O que mostra a relação entre o que fala e o que escuta. Dona Oneide me tem como seu extremo, o que desacredita nos mistérios do mundo, as histórias que me contou eram como provas que a senhora me dava da indubitável do que me falava. Pensando a partir de uma relação de forças, o fato narrado acaba por afirmar o poder do narrador, a autoridade discursiva de quem fala, perante o outro, ao jovem, a caneta que estava em minha mão, e até mesmo perante o outro inalcançável que poderia assistir a gravação da conversa.

Tomázia é a segunda referência que mencionaria durante a conversa que tivemos, quando ponderou sobre as pessoas que seriam, na ocasião, as mais velhas da cidade que habitava. A primeira era o bisavô de Dona Oneide. A presença dos pais de Dona Oneide na ocasião também aparece na narrativa como recurso que atesta a veracidade dos fatos e aproxima a narradora do acontecido, pensando ainda na autoridade dos pais da narradora, evidenciada desde o início de nossa conversa, o que confere a ela própria autoridade já que relata o que foi relatado por eles. As figuras de Tomázia e do bisavô acompanhadas dos comentários sobre suas idades avançadas fazem relação direta entre velhice e sabedoria. A idade avançada desses personagens ancora a comprovação de um saber e também a reivindicação do reconhecimento dessa relação, tanto no que diz respeito à autoridade do saber dos dois quanto da própria narradora que é também idosa.

No momento em que fala sobre Edival Eleres, lança mão de uma performance, Dona Oneide interpreta Tomázia, franzindo a testa, a voz forte e a entonação dão caráter de ordem

ao que a senhora fala ao prefeito, demonstrando sua autoridade. O que podemos perceber inclusive pela forma como chama o prefeito. Pensando em sua autoridade perante o Estado, supõe-se a utilização de pronome de tratamento que lhe confira tal autoridade, o que não foi utilizado por Tomázia, que o chama pelo nome, deslegitimando seu poder. O fato de Dona Oneide não utilizar “dona” para falar de Tomázia tem relação com certo grau de equiparação das duas senhoras em relação à idade ou ao saber.

Há também neste trecho uma relação de causa e efeito, caso o prefeito não faça o que a senhora lhe ordenou, ela vislumbra e alerta para as consequências do ato. Em outro momento, Dona Oneide disse que Soure e Salvaterra tinham “boiado” das águas, e poderiam ser submersas a qualquer instante, bastava um passo em falso, os filhos de Salvaterra são filhos da terra, mas netos das águas. Aqui essa narrativa acaba voltando, e sendo reafirmada. Confere poder soberano aos rios, as águas, que decidem o destino da cidade e devem ser respeitados. O “fundo” aqui remete a uma profundidade incalculável e a um mistério, relacionado principalmente à criação, a uma emergência, à vida, mas também ao seu oposto: a morte.

Com a desobediência do prefeito, dona Oneide demonstra um confronto entre gerações, Edival Eleres é o novo, a evolução, o político, os projetos de padronização das cidades, o urbano, a verdade, a luz que cega, que impede que se veja o outro, subjulga seus conhecimentos e os mistérios da vida. O prefeito representa a cegueira da luz branca que cega à alma e impede sua fluidez. “Costuma-se até dizer que não há cegueiras, mas cegos, quando a experiência dos tempos não tem feito outra coisa que dizer-nos que não há cegos, mas cegueiras” (Ensaio sobre a cegueira – José Saramago).

Neste momento, Dona Oneide deu uma pausa, silenciando por um instante. E depois recomeçou a falar. Seu silêncio também era um escuro, um escuro de sentido, era preciso calar, para fazer o ouvinte imaginar, ligar sentidos, ver estrelas em sua narrativa, um mistério imaginado. De acordo com Eni Orlandi (1997, p. 13):

O silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito.

Depois disso, Dona Oneide deu continuidade no desfecho da narrativa sem explicar exatamente a ligação entre os fatos narrados anteriormente e os que viriam a seguir. Intercalando tempos diferentes, situa o episódio da tentativa de aterramento do lago um mês antes de seu desfecho, antes de revelá-lo atesta sua veracidade afirmando que o fato saiu no

jornal, não a previsão de Tomázia, mas o que seria o efeito da desobediência do prefeito. Recurso utilizado também na formação de um clímax. Ela prossegue a caminho da revelação em tom mais ameno, mais lento, mais triste, como ressentimento e lamento.

Os mistérios que guarda o lago de Soure pareceram para mim como o mistério do olhar de Dona Oneide, o escuro que remete aos inúmeros contos que brotam dali, conselhos e sentenças. Marilina Pinto, no trabalho “A Amazônia e o imaginário das águas” (2008, s/p) observa que as águas são como uma chave que decifra a Amazônia por sua intensa influência sobre os habitantes da região. Para esta autora o espaço das águas “corresponde a um caudaloso fluxo de imagens-reflexo do que foi imaginado pelos homens desde os tempos arcaicos”. As imagens que nascem do seio da relação com o território são narrativas que transmitem informações objetivas sobre o lugar e sobre a pessoa que o habita, mas também evoca um universo subterrâneo, o mistério imaginado, compartilhado pelo grupo (MANGUEL, 2001) que transpassam as gerações.

## 2 ÁGUA VIVA

Ao longo da feitura deste trabalho percebi que é líquida a vida, a água incorporando todas as virtualidades torna-se um símbolo da vida: “água viva” (ELIADE, 2010, p. 154). A água fertiliza, é o lugar da gestação, alimenta e também acolhe todos os fluidos da morte. No âmbito dessa analogia a memória então é esse fluxo que enche, e vaza: a maré. Como nos rios de Salvaterra. Tem direção, sentido e fazem as ondas quebrarem na praia para outras lembranças virem, acontecerem, se atualizarem. Como nas águas de Salvaterra seu movimento não é contínuo, linear, uniforme, mas segue estações, ocasiões e humores. As águas por vezes estão mexidas, agitadas, grandes e também mortas, ou simplesmente calmas.

A maré é uma onda propulsora influenciada pela interferência gravitacional da lua e do sol, mais a lua. “Os ritos lunares e aquáticos são orquestrados pelo mesmo destino; dirigem o aparecimento e desaparecimento periódico de todas as formas, dão ao devir universal uma estrutura cíclica” (ELIADE, 2010, p. 154). Seu efeito visível em terra é a altura da massa de água, ou seja, as baixas e altas – a baixa-mar e a preamar respectivamente – que percebemos nas águas na praia. A memória, como a maré, impulsiona uma rítmica que permite a continuidade dos movimentos da vida sobre a descontinuidade dos instantes. Este fluxo, a memória, não veicula senão imagens de tempos, espaços, personagens, impressões, entre outros, os articula e dá sentido de acordo com o momento em que quebram na praia. Se a matéria da maré são as águas e resíduos acumulados por tempos, a matéria da memória são as

imagens de toda espécie acumuladas durante a vida, “dando-lhes densidade e espessura, fazendo vibrar num ritmo singular as distintas faces do tempo” (ROCHA, ECKERT, 2011, p.113).

As ondas são como a reverberação da maré, são seus rastros, as coisas para durarem devem ressoar em nós, como diria Bachelard (1988, p.09). Essa ressonância vem em ondas que contem um ritmo, uma frequência é composta de sistemas de instantes. Os instantes das águas são essas ondas que quebram incessantemente na praia, sempre de formas diferentes, entre os intervalos das diferentes marés. As ondas que quebram na praia trazem à tona a matéria de que são feitas, quebram incessantemente, mas ao quebrar-se se diferenciam. Despedaçam sob o efeito do vento e de entrepostos de terra, quebram e compõem-se de originalidade no encontro, natural, descontínuo e irreversível.

Os acontecimentos ao reverberarem em nós são repetidos, revisitados e ganham nossas vestes, nossos ritmos, a esse ritmo próximo o cotidiano, o que permanece, o que dura e ressoa é aquilo que tem razões para recomeçar (BACHELARD, 1988, p.08). Recomeçando e se repetindo da dialética entre som e silêncio, entre a crista e o vale, a regularidade e a liberdade, “da emoção adiada e depois efetuada que ondula ao logo de toda a melodia” (BACHELARD, 1988, p.110). Clarice Lispector no livro “Um sopro de vida” mostra que o cotidiano contém em si mesmo seu abuso já que tem no tédio da repetição sua maior tragédia, pois que lhe é intrínseca. Porém, “a grande escapatória”, segundo ela, está em perceber que “a grande realidade é fora de série, como um sonho nas entranhas do dia” (LISPECTOR, s/n).

## **2.1 Olhar o tempo**

Quando encontrava com as pessoas em campo para entrevistas pedia que me falassem sobre a cidade e sua vida ali, com o objetivo de perceber como o elemento água apareceria espontaneamente nas narrativas, revelando seus sentidos e funções ao longo das vivências dos narradores. Assim teria acesso ao que foi escolhido para ser lembrado, para durar na história da vida dessas pessoas e às unidades de sentido que “vibram no tempo” (ROCHA, ECKERT, 2011, p. 121), resultado da relação dialética entre o tempo vivido e o tempo pensado. A duração é, pois, um constructo da memória na força da imaginação. Enxurradas de histórias nas águas me vieram, essas pessoas olhavam para o rio como se encontrassem ali as respostas para minhas perguntas, como se vissem o passar do tempo refletido na água. Era aquele olhar que descreve Ecléa Bosi “com que os velhos olham sem ver, buscando amparo em coisas

distantes e ausentes” (BOSI, 1994, p. 75), viam ali coisas que eu nunca poderia ver; que estavam prestes a reviver e me doar através das palavras.

“Vendo as coisas por esse ponto de vista, os seus conteúdos são bastante reveladores, e mais ainda o princípio que as organiza” (CERTEAU, 2012, p. 174). Essas senhoras e senhores vivem o tempo do contar. Podemos ver através de suas palavras o tratamento que dão aos fatos ocorridos, a transcrição da história, o tempo do mito: toda a complexidade envolvida na construção das paisagens fantásticas que emergem da relação de humanos e o ambiente, que não compreendem somente as imagens de um tempo de escuros, assombrações e visagens como veremos no próximo capítulo, mas também as paisagens de outrora (SILVEIRA, 2004). São imagens submersas (LEÃO, 2003) que não cessam de emergir.

De acordo com Dona Oneide Salvaterra é terra protegida, mas houve um episódio específico em sua história que arranca pesares sempre que lembrado. A “tragédia da festa de São Pedro”, como ficou conhecida. Dona Oneide, foi sobrevivente do naufrágio, foi ela quem primeiro me contou sobre o acontecido:

Eu estava na alagação da festa de São Pedro que é dia 29. Lá na igreja matriz da quinta rua tem uma pedra de mármore assim, tá escrito ali os que se salvaram, os que não apareceram e os que morreram, isso não é história isso é caso verdade. Eu tava lá na alagação e me salvei! Todo mundo fica pasmo. A primeira senhora que se salvou, parece que ela tinha 60, 58 a 60 anos, a primeira mulher que pulou. Mas morreu muita criança.

A festa de São Pedro era todo ano um casal, um senhor, dois senhores, um piloto e um motorista que levava porque já sabia como era daqui pra lá pra Soure, ia lá no Garrocha passear parece turista, né. A gente com santo dentro, a banda de música dentro, barco grande, barco pra 500, pra mil toneladas com 150 pessoas dentro.

O senhor não sabia a manobra como era e a gente já vinha de Soure pra cá, ele perdeu a filha dele e um filho. Ele foi dá a manobra, tinha que levar, vamos dizer, vem de lá pra cá devagarinho, você vai tipo quem vai levando a mão dum cego. Até chegar pra você ir. Ele não. Ele levou numa vez, quando levou numa vez nós viramo tudo só numa vez, 150 pessoas.

Tem a ponte e tem a balsa, mais pra cá um pouco, ele vinha pra cá, então ele tinha que dá essa manobra devagarinho. Aí a correnteza daí são sete correnteza meu pai dizia e eu lhe digo agora que é verdade! Porque mana, eu fiquei no fundo, eu digo, eu não lembrei de Deus e Nossa Senhora lá no fundo! Eu não tava pensando nem que eu tinha família, mana. Só me lembrava que eu queria sair, aí eu nadava muito bem, aí eu, quando virou o barco eu virei pro lado de fora, do rio grande, aí o que faço eu, buiei, o que pude lembrei que eu tinha, já tava fora do barco, escuro, escuro, um breu, eu abri meus olhos, pior do que um carvão.

Aí vareí de bera, quando vareí, olha, aqui que o barco caiu, você sabe que quando eu vareí ele ia lá como naquelas casas o barco na correnteza e o povo buiando. “Mamãe, socorro!”, “meu deus, me acuda!”, “Jesus!”, aí que você vai se lembrar de Jesus, mas lá no fundo? Mentira! Agora quando eu buiei, o meu primeiro nome não foi minha mãe, foi:

- Minha Mãe Santíssima, me salvai!

Agora mana, tu buiada vinham três, dez em cima de ti, meu cabelo é enorme, agarraram meu cabelo, me rasgaram a roupa, eu vim, bem dizer nua de lá, só não vim porque a calça jeans, (agora eu não uso mais, nunca mais usei calça jeans) aquele gancho é um sacrifício pra desabutuar aquele gancho, ainda o fechecer, mana, foi um sofrimento que não queira saber.

Assim são as “imagens submersas”, em que a experiência no tempo se organiza em imagens, “reminiscências convertidas em imagens” (LEÃO, 2003, p. 32), imagens que, mesmo sem encontrar a materialidade do papel como fotografia permanecem incrustadas nos corpos que as carregam, como cicatrizes. O corpo é, portanto, um suporte de vivências, de histórias “histórias que estão mergulhadas em nós e sobre o que escolhemos olhar” (LEÃO, 2003, p. 36). As lembranças da tragédia, viraram água salgada que escorreram do no olhar de dona Oneide enquanto contava. Essas imagens em velhos estão permeadas por sentidos de um passado que quando revisitado evidencia o trabalho da memória, um tempo que não cessa de nos ocorrer, evocadas pelos mais ordinários fazeres, percebidas por *pistas infinitesimais*

(GINZBURG, 2003, p.144), que nos permitem captar uma realidade mais profunda e complexa, é necessário atenção aos detalhes minuciosos, detalhes significantes.

O naufrágio deste barco é marco na história da cidade, cada um imprime uma impressão, uma interpretação, um presságio sentido no momento. A “história oficial” ganha outros sentidos e detalhes. Ganha o toque de cada um dos narradores, que tecem a memória, não mais história, com suas percepções, ditam suas linhas, trançados e cores. A partir da seleção de elementos de sistemas contextuais preexistentes, os senhores e senhoras compõem suas narrativas transgredindo-os na medida em que suprimem ou adicionam elementos às referências preexistentes, estabelecem combinações de naturezas diversas, intratextuais e intertextuais, parte de um processo de mutação de valores e sentidos (ISER, 1996, p. 16). A partir disto, temos o *fact from fiction* (GOODMAN, 1978, p. 102 apud ISER, 1996, p. 20), em que deste processo de mutação, temos elementos que ganham estabilidade, uma facticidade, virando realidade a partir da ficcionalidade.

Dona Eunice não estava no barco, estava em terra, e me conta sobre o ocorrido da seguinte forma:

Eu só ouvia aqueles grito, o pessoal passava gritando, meu marido tava no meio, mas não no barco, tinha canoa, né. Quando ele viu virar ele passou mal, mas ainda ajudou muita gente! Parece que foram 40 pessoas morta, passou aqui, as pessoa morta, entupida a carroça. Aí o Padre foi o último a acharem. Ele foi fazer a curva na correnteza, aí virou. O pessoal falo que eles trocaram de santo, tiraram o velho antigo, e botaram um novo. Foi castigo! O pessoal que falam. O antigo que faziam festa tiraram e botaram outro. Pois é, não era! Porque que fizeram isso? Aí tem a desculpa de correnteza, tem isso, mas não é.

Assim como o naufrágio do navio Presidente Vargas, o naufrágio na festa de São Pedro demonstra a apreensão dos que viveram a história e ainda estão aqui para nos contar sob seus olhos. Para Mircea Eliade (1992, p. 43) o episódio histórico, por mais marcante que seja não é conservado por muito tempo na memória popular, não alimenta a imaginação, salvo quando o episódio é apreendido pela memória e devolvido enquanto mito. Ou seja, quando o episódio ganha a estrutura mitológica, os eventos ganham ares de categorias e os indivíduos de arquétipos. O que, para o autor, revela uma resistência histórica, resistência à imposição de

uma história linear, exterior, homogeneizante e irreversível que não compreende a diversidade da experiência do tempo vivido.

A memória se apropria do fato histórico, as senhoras e senhores contadores de histórias preenchem o espaço do arquétipo do velho, sábio guardião da memória. A história irreversível a partir dessa apreensão se torna reversível a partir da perpetuação de um sistema de sentidos, que dão vida ainda hoje aos conselhos de Dona Tomázia, por exemplo, que fazem navegar o Presidente Vargas na corrente da memória. E fazem ainda ecoar os gritos dos que gritaram durante o naufrágio, em terra e no mar, explicam o inexplicável, fazem durar a dor, e seus ensinamentos.

Memória e imaginação constituem assim uma união da lembrança com a imagem (BACHELARD, 2008, p. 25). Por isso, qualquer espaço não é apenas vivido no curso linear da história, mas também pelos sonhos e desejos. O imaginário é, portanto, a capacidade do humano de dar sentido ao mundo, de humanizá-lo. Não apenas uma forma de “passar o tempo do domínio do destino fatal”, “epifenômeno passivo, aniquilação ou então vã contemplação de um passado terminado” (DURAND, 1997, p. 432), o imaginário ergue-se contra a incontestável passagem do tempo transformando-a, dando sentido a ela. Para Durand:

[...] foi frequentemente dito, sob diferentes formas, que vivemos e que trocamos a vida, dando assim um *sentido à morte*, não pelas certezas objetivas, não por coisas, casas e riquezas, mas por opiniões, por esse vínculo imaginário e secreto que liga e religa o mundo e as coisas ao coração da consciência; não só se vive e se morre por ideias, como também a morte dos homens é absolvida por imagens. Por isso o imaginário, longe de ser paixão vã é ação eufêmica e transforma o mundo (DURAND, 1997, p. 434).

Assim, o processo da rememoração enquanto apropriação e resistência histórica se insere no âmbito das táticas de que nos fala Michel de Certeau, de um consumo contraventor (CERTEAU, 2012, p. 89). A ordem dominante é metaforizada, os episódios históricos passam a funcionar sobre outras bases e para outros fins – faz-se um uso a partir do consumo. As narrativas não são se não bricolagens de resíduos e detritos espaço-temporais que perpetuam um processo de consumo criativo que não somente reinventa o passado, mas produz o presente e seus espaços. As narrativas são bricolagens compostas de “reliquias verbais”, ligam histórias, tempos, espaços em uma teia de sentidos:

São ligadas a histórias perdidas, gestos opacos, são justapostas numa colagem em que suas relações não são pensadas e formam por esse fato um conjunto simbólico. Elas se articulam por lacunas. Produzem, portanto, no espaço estruturado do texto, antitextos, efeitos de dissimulação e de fuga, possibilidades de passagem a outras paisagens (CERTEAU, 2012, p.174).

Daí advém o paralelo entre memória e texto, a experiência é comunicada como texto, que Julia Kristeva define “como um aparato translinguístico que redistribui a ordem da língua estabelecendo a relação de uma fala comunicativa em vista da informação direta com diferentes enunciados anteriores ou sincrônicos” (KRISTEVA apud BARTHES, 2004, p. 269). A vida como um texto é lugar de uma prática significativa que nos remete não a significados, mas a significância, a possibilidade de sentido em perene produtividade a partir da leitura, dos olhos do outro sobre ele.

Como a literatura, as narrativas orais não podem ser submetidas a simples oposição entre ficção e realidade. Como a literatura as narrativas “têm elementos do real sem que se esgote na descrição desse real, então o seu componente fictício não tem uma finalidade em si mesma, mas é, enquanto fingido, a preparação de um imaginário” (ISER, 1996, p. 13). A constituição imaginária é sempre uma construção poética, nela se entrelaçam reprodução e criação, pertença e liberdade, elementos constitutivos do cotidiano. É nesta dança que a vida se torna poesia. Este processo criativo encontra-se ao ponto limite do poético, o deslimite que nos fala Manoel de Barros, processo que faz do “inacabado o estado sempre renovado que não deixa com que as coisas acabem, sendo então reinventadas pelo processo criativo – tanto na poesia como na vida” (SOUZA, 2010).

## **2.2 Repetição e criação banham o dia**

No excerto abaixo do livro “Rumo ao farol” de Virginia Woolf, Lily Briscoe é uma pintora que na ocasião pinta uma cena cotidiana da vida da família Ramsay:

No momento em que ela os erguia (os olhos) e os via, sentia-se inundada pelo que chamava de "estado do amor". Passavam (os Ramsay) a fazer parte do universo irreal, mas penetrante, que é o mundo visto através do amor. O céu se ligava a eles; os pássaros cantavam através deles. E, o que era ainda mais emocionante, além disso ela sentia - ao ver o Sr. Ramsay derrotado, retirando-se abatido, e a Sra. Ramsay sentada com James à janela e a nuvem movendo-se e a árvore dobrando-se - que a vida, por ser composta dos pequenos incidentes insignificantes que uma pessoa vive um a um, se tornava contínua e completa, como uma onda que a tivesse alçado com ela e depois a lançado de novo na areia da praia ao quebrar-se. (Virginia Woolf, Rumo ao farol, p 52).

Virginia Woolf faz integrar-se ritmadamente os elementos existentes, pássaros, nuvens e pessoas ao compasso da experiência. Há, portanto, uma continuidade entre os movimentos de uns e outros. De acordo com Tim Ingold (2012, p. 30) esses elementos vivem juntos a

coisificação das coisas nesse processo de mundificação do mundo, essa formação em devir. E é através desses pequenos incidentes insignificantes que o dia-a-dia vai compondo a vida.

O irreal, a poesia, a emoção para Virginia Woolf está nas entranhas da realidade, já que não há nada mais real do que a certeza da continuidade e repetição dos movimentos das ondas do mar, das ondas da existência. É a poesia contida no cotidiano. O cotidiano, esse ritmo. É na repetição que se compõe o ritmo do viver, compõe-se de instantes intensos que reúnem em si momentos históricos e a poética de criações minúsculas que perduram à existência. Como em Maffesoli que diz que “na repetição, temos de nos haver com um ‘curto-circuito’ espaço-temporal que lança toda a sua gravidade na concretude do vivido social” (2001a, p. 118).

A repetição cotidiana se caracteriza então por sua função reafirmativa, que negando um tempo universal, ritma a vida de acordo com uma lógica única, quando, se remetendo a outros tão e nada distantes, afirma e legitima tal concretude do real. Portanto, é a repetição que dá sentido a tal realidade. O que configura o cotidiano como a ritualização que mantém a estrutura tradicional. “A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente” (CALVINO, 1990, p.23), assim disse Marco Polo sobre a cidade de Zirma no livro de Ítalo Calvino. Era Zirma, mas está na essência de todas as outras. Na repetição compõe-se um tempo cíclico, reversível, “a sucessão dos ciclos remete à ‘duração cósmica’ que funda a estreita ligação entre a sociedade e seu meio circundante” (MAFFESOLI, 2001a, p. 104).

Ainda disse Marco Polo: “A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir” (CALVINO, 1990, p.23). Porém, o passado é revisitado aos olhos do presente, que o atualiza, ficcionaliza para reiterar sua atualidade e duração social. A repetição caracteriza-se aí como “um ato de fingir, pelo qual aparecem finalidades que não pertencem à realidade repetida” (ISER, 1996, p. 14). O cotidiano enche-se de um fantástico que dá sentido a realidade, é uma força mágica e poética que o alimenta. É, portanto, na vida diária que são compostos os sentidos que constituem o substrato dos mitos, ritos e dos discursos citadinos, é “o encantamento que suscita a imagem” (MAFFESOLI, 2001a, p. 107). Imagem que dura e impulsiona a existência frente a continua morte do tempo linear, o que Michel Maffesoli chama e a “negação do tempo” (2001a, p. 116), o eterno retorno de acordo com Mircea Eliade (1992).

Figura constante nas narrativas dos moradores de Salvaterra é a cobra-grande, várias são as versões sobre sua existência, função e epifania. A cobra-grande é um encantado que tem papel fundamental nas histórias, saberes e usos dos espaços aquáticos. Ela é tida como mãe dos rios que habita – não existe uma, mas várias cobras, cada cobra toma conta de um rio

ou braço de rio, sua morada. Diversas são as formas de reiteração da sua existência, fotos na internet, matérias de jornal, pesquisadores que encontram com ela nas pesquisas em rios da região. Todos esses episódios são narrados envoltos por outras histórias que narram seus segredos, sua personalidade. São utilizados também como forma de convencimento, e atestado de veracidade às narrativas de que são anexas. Exemplo da recorrência desse encantado nas narrativas está a seguir, quando Dona Oneide dá continuidade à narrativa sobre o lago de Soure da seguinte forma:

Porque quando o presidente Vargas foi pro fundo – e isso eu digo porque eu não vi lá no fundo do presidente, eu vi no jornal isso aí, mas todo mundo mensura, falava e dizia – quando o presidente foi pro fundo, veio da França, dos Estados Unidos, não sei mais da onde, uns homenzarrões, os mergulhadores, melhores mergulhadores, de avião, aí o presidente ainda tava, o fundo dele, os aviões aterrissavam em cima do fundo do presidente, aí os homenzarrões pulavam, tcha pra dentro. Fizeram três investidas, não chegaram nem lá perto.

Porque no salão, o salão do presidente era como daí dessa casa, lá no canto. O salão de festa que davam era bonito, eu cansei de viajar nele. Aí quando eles buiaram e subiram ai teve jornalista entrevistando eles tudo:

- Perfeitamente, nada do presidente Vargas não é mais desse nosso Marajó querido, não conheci, não decifrei, não sei o que é que ta dentro dele.

É a cobra grande que tinha tomado o colo dele e se alojou lá. Ele disse que tinha uma coisa que ele via, parece que era um cabo dessa grossura assim enroscado no presidente.

Tiraram retrato e foram, tiraram retrato, alguém decifrou que era a cobra e outros não sabe que bicho era. Ali naquela ponte de Soure, eles dizem que é catorze metros pra cima, o papai disse:

Ninguém sabe minha filha, quantos metros são: ali é areia gulosa! É verdade! Isso tem muitos anos que pararam de tomar banho lá, quando tomavam banho, mana, que botavam o pé no chão, lá esse não voltava mais, a areia gulosa chuupa, a pessoa vai embora pra lá. Você já viu, o presidente, desses naviozão que tem, caí ali naquele

vaco, e outro navio chega não bate? Ah não bate nada tem muitos anos, muitos anos.

Aí aqui dentro da nossa cidade, ter visto pra mim – eles dizem lenda, não, não é lenda, pra mim não é lenda, pra mim tudo isso eu vi, foi história, verdadeira.

Não são lendas porque lendas para dona Oneide são histórias distantes da realidade, contadas nas escolas sempre das mesmas maneiras, imóveis. As narrativas fantásticas são, como dona Oneide indica, formas de decifrar os acontecimentos da vida, demonstram as infinitas possibilidades de interpretação e criação do e no real. Essas narrativas intercalam fatos rotineiros e grandes acontecimentos sob olhares peculiares e imaginativos. Na repetição cotidiana estas memórias escorrem, ensinam, reconstroem-se e compõem o ritmo a vida vivida. O cotidiano é o lugar da repetição e da criação.

É esse ritmo que cria as formas sociais, “espaço e tempo só existem como vividos na medida em que se tenham materializado num invólucro rítmico” (LEROI-GOURHAN, 2002, p. 117). As experiências tidas e compartilhadas no/do espaço determinam o tempo e o lugar. Nas memórias os rios são sempre partida, chegada, estadia. Adornam as paisagens evocadas nas narrativas, mas também tem vozes, guardam todas as vozes, sua sabedoria guarda todos os mistérios: os santos, os “seres do mar”, cidades encantadas, navios assombrados; mas também os saberes das artes da pesca, dos rituais, das viagens, do ritmo da vida cotidiana que a água embala.

De acordo com Bachelard, “a água serve para naturalizar nossa imagem” (BACHELARD, 1997, p. 23), harmonizá-la a um natural. Ao contrário do espelho – objeto, evidente demais, claro demais – que aprisiona a imagem, a profundidade do reflexo aquático sugere o infinito do sonho, o infinito fazer-se da imagem. Somos naturalizados pela água na medida em que a humanizamos. O “reflexo um tanto vago, um tanto pálido” abre as portas para a imaginação, para a formação de imagens que ultrapassam a realidade, que cantam o real (ibid., p. 18). É nesse sentido que, ao mirar-se nas águas, uma cidade se encanta. Adere a um devir, se insere em um movimento natural a qualquer sociedade, um “fazer-se sociedade” (MORAES FILHO, 1993, p. 31 apud ECKERT, 2009, p. 90), “esse ato de criar e recriar é a pulsão da interação, da relação recíproca, nas quais se encontram instintos e afins” (ECKERT, 2009, p. 90).

Os encantados como a cobra-grande são seres que figuram o quadro das entidades mediadoras entre o mundo dos deuses e dos homens (MAUÉS, 2005, p. 262). Da relação

entre o mundo do humano, o natural e o sobrenatural nasce o encantado: encanta-se o real. É a partir desta dialética da imaginação (ECKERT, 2009, p. 94) que temos o imaginário, que não nega o real, mas o afirma, o contém e o ultrapassa. É a dimensão da ligação entre os seres, dos mundos, dos elos, das pontes.

A canção é concebida e vem ao mundo por meio do contar. Encantamos quando contamos. Quando a cidade conta de si mesmo é como a cristalização do mirar-se nas águas, é d'água a palavra que nasce da contemplação da cidade no rio, para ela retorna quando pela escuta o ouvinte concebe sua visualidade. As palavras evocam a imagem-reflexo da cidade, que como nas águas é incerta, sempre por fazer-se na profundidade do ato narrativo onde o tempo é distendido, é o tempo de uma identidade de si mesmo relacional, que deixa para trás a rigidez de classificações e abre-se ao “círculo hermenêutico, a palavra do mundo em sua circularidade e reciprocidade” (ROCHA, ECKERT, 2010, p.124).

De acordo com Ana Luiza Rocha e Cornelia Eckert (2010, p.122) quando investe em narrativas de trajetórias e itinerários dos habitantes na cidade como procedimento metodológico, “o pesquisador, mediante seu narrador, agencia uma interlocução para arranjar um cenário de evocações em que o habitante pode ‘transcriar’ imagens e formas de ler a si na cidade refigurada no tempo da narrativa” (ibid.). Por isso memória e imaginação não se dissociam. “Uma e outra trabalham para seu aprofundamento mútuo. Uma e outra constituem, na ordem dos valores, a comunhão da lembrança e da imagem” (BACHELARD, 1978, p. 200).

As diferentes ligações de sentidos, a sobreposição dos tempos e os mais variados jogos de memória, são amarrações de significâncias constituídas pela relação e produção de imagens, a este processo Bachelard chama de imaginação criadora, que para Ana Luiza Rocha e Cornelia Eckert (2011, p.113) é:

[...] o lugar privilegiado dos jogos da memória, que propulsiona a continuidade da vida sobre as discontinuidades dos instantes (Bachelard, 1965) contra a matéria perecível do tempo, uma vez que o fenômeno da duração das formas do social não é um dado absoluto, mas, antes, uma construção simbólica, ou seja, um arranjo do tempo humano nos instantes vividos em sua luta contra a dissolução de sua matéria.

### **2.3 (R)evolucionar**

É importante ressaltar a importância política das reinvenções e criações, que devem ser entendidas não somente a partir do que é instituído para o consumo, ou seja, a partir da regra geral de utilização das coisas, ritos, códigos e palavras, mas a partir da forma como são

consumidas e seus usos cotidianos populares. Assim como é necessário observar os aspectos culturais produzidos por cada grupo, é interessante nos determos também sobre os usos feitos de imagens não produzidas pelo grupo, tendo em vista captar uma “produção secundária” escondida nos processos de utilização (CERTEAU, 2012, p. 39).

De acordo com Michel de Certeau o ato de falar movimenta uma gama de conhecimentos enunciativos dentre linguísticos e trejeitos performáticos, que muitas vezes tem origem fora do grupo que a evoca. Os sentidos são movimentados e trans-criados na prática cotidiana, que os subvertem de uma ordem dominante segundo seus próprios interesses e regras. E é sobre as pistas dessa “antidisciplina” que vamos nos deter nesse momento (ibid., p. 41).

Ao contrário dos velhos entrevistados por Claudia Leão (2003) em sua pesquisa sobre mulheres em um abrigo para idosos na zona norte da cidade de São Paulo, ou dos velhos moradores do Bairro do Bexiga, também em São Paulo, foco do trabalho de Ecléa Bosi (1994) os velhos deste trabalho estão em atividade econômica e mostram uma reconfiguração das funções sociais da velhice para cidades pequenas no interior da Amazônia. O que não os destituiu do status de guardiões da memória, mas inclui na nostalgia desse “tempo bom” a valorização de ofícios, fazeres e uma forma de ver o mundo em intensa modificação, e também, formas de (r)e(s)xistência a assimilações e mudanças. Seu Lélío uma vez me disse:

Olha, tem muita história aqui, mas é inventada, é bem pouco o que existe. Tudo que tem no mundo Deus deixou um pouco de cada coisa. Tem até um capim do mato que serve de remédio. Então esse negócio de lobisomem, essas coisas é bem pouca, se tirar 100 pessoas duas, talvez três, mudou muito né, vem mudando, o da parte antiga a gente já pouco tá usando. Porque o novo mesmo não acredita, ele tem medo, mas não acredita. Mas tem coisas que existe, de existir existe.

É possível perceber na fala de Seu Lélío que resiste a crença mesmo com seu descrédito, o conhecimento dos antigos resiste na memória, nas histórias, que se contadas reiteram a existência do que hoje já não é “usado”. O pouco uso não está atrelado a uma inexistência ou a ineficácia. Mesmo que seu Lélío reiterasse em um primeiro momento a invenção das histórias, em um segundo ele atesta sua veracidade, nos chamando atenção para a íntima relação entre crença, ficção e realidade. Percebi no narrar de alguns desses senhores um pesar em relação há um tempo que não volta. Mas também os percebo ativos e

empenhados em táticas de um modo de vida. Assim como observei anteriormente sobre o uso da palavra ilusão por Seu Domingos, durante as entrevistas pude perceber a trans-criação da significação de várias outras palavras. Sobre esse processo de apropriação nos fala Certeau:

Embora sejam compostas com vocabulários de línguas recebidas e continuem submetidas à sintaxe prescritas, elas desenham as astúcias de interesses outros e de desejos que não são nem determinados nem captados pelos sistemas onde se desenvolvem (CERTEAU, 2012, p. 44).

Não encontrei palavra melhor para dar continuidade a esta discussão que não fosse à palavra “evolução”. Palavra tão utilizada no mundo ocidental para naturalizar dicotomias, legitimar dominações e ainda tão incrustada nas palavras acadêmicas, nessas senhoras e senhores é subvertida. Em algumas frases denunciam e dão seu depoimento sobre as imposições que encontram no dia-a-dia ao seu modo de vida, de ver e sentir o mundo. Nos trechos abaixo há alguns exemplos de sua utilização:

- 1- Dona Oneide: Meu pai, minha mãe diziam que naquele tempo Passagem Grande – é lá mais adiante – meu pai diz que o homem pra ir lá, na Passagem Grande, e voltar ele tinha que ser macho porque ele apanhava no meio da rodovia sem saber de quem. Tudo era respeitado, mana, era o mar sagrado, era o povo sagrado, hoje? Tá tudo evoluído, que os cara vão, venho, nem sentem nada.
- 2- Dona Oneide: Aquela areia você andava lá em cima dela, descalço ou calçado ai ringia assim no pé da gente, eu ainda alcancei isso. Agora evoluiu o rapaz limpa todo dia, mas não é, de tanto tirarem areia numa praia aqui em outra aculá vai estourando as coisas que tem bacana, que vinha de berço.
- 3- Seu Martinho: Agora tinha aquele matagal no meio, que a gente olhava assim e não enxergava lá a outra rua, né. Tudo era assim, mas de lá pra cá veio evoluindo, evoluindo, evoluindo. Hoje já não se vê mais isso. Eu gostava mais como era antes, mais tranquilo. Infelizmente já não pode mais voltar como era antes. Toda a fartura, né.
- 4- Seu Martinho: Acho que hoje já não existe mais esse negocio de engerado, né. Hoje já tá muito evoluído, não se tem mais. Salvaterra já teve muita coisa boa.

- 5- Seu Cabo: Na época que eu tinha meus 13 anos, comecei a trabalhar, chamava (não compreendi) – linha e anzol – aí o tempo foi mudando, foi mudando, a ciência foi evoluindo e hoje em dia nós tamos mais trabalhando é com isso. Primeiro foi nylon e agora é plástico, é a história: tá na moda né. Mas eu gostava mais como era antes.

Em todos os trechos temos a descrição de mudanças ocorridas na cidade e em seus moradores durante o tempo. No primeiro trecho Dona Oneide fala sobre o desrespeito dos mais jovens com relação à sacralidade das coisas “invisíveis”, “inexplicáveis”. No segundo, temos a visão de Dona Oneide sobre mudanças ocorridas na costa da cidade, a diminuição da linha de areia e o desaparecimento das praias ocasionado pela erosão. Seu Martinho, no excerto posterior fala sobre a fartura natural encontrada no passado na cidade e adiante sobre os mistérios devassados pela luz que já não voltam mais. Seu Cabo, no trecho acima descreve as mudanças relacionadas às técnicas e instrumentos de pescaria.

A palavra evolução comumente utilizada para designar mudanças e processos de transformações lineares entre etapas hierarquizadas, nestes trechos é ressignificada. Em um primeiro momento vi o uso enquanto paradoxal, falavam de mudanças positivas e logo diziam não estar satisfeitos com tais mudanças. Depois percebi que na verdade o caráter positivo à palavra evolução quem dava era eu. Os moradores expressam a mudança em cada trecho, a passagem gradual do tempo, mas se opõem a linearidade, aceitação e acomodação desta mudança trazendo à tona a descontinuidade por meio da transcrição do sentido da palavra, há uma quebra de expectativa em todos os trechos, usada comumente para justificar a positividade de tais mudanças que supostamente levariam de um estado “arcaico” ao “moderno”.

O “novo” aparece nas narrativas sob diferentes perspectivas. Mesmo quando, a primeira vista, aparecem simples dicotomias, com o olhar mais atento percebemos que não há nem o simples anseio pelo “moderno” em detrimento do “arcaico”, nem um desejo de permanência de traços culturais imutáveis frente a toda e qualquer mudança. Nas cidades amazônicas o desejo de permanência comumente é acompanhado do anseio pelo “novo” e vice-versa, são tênues, se é que existem, os limites. Assim como as modificações mais profundas insistem em guardar rastros e reminiscências do passado, a tentativa de preservar ou guardar o passado é dinâmica, está sempre em movimento, até o que o deve ser ou não “preservado” e “mantido” é mutável.

A partir disso, e da minha própria experiência de interpretação das passagens, percebo uma herança de análise que, com base em dicotomias estruturais, se acostumou a perceber a

realidade de uma forma binária que opõe a assimilação à tradição. Todo encontro cultural implica em dinâmicas de acomodações e assimilações (SILVEIRA, 2004), em que determinada realidade, quando repetida, jamais será a mesma. Nas passagens a cima os interlocutores se manifestam enquanto subversores; marcam sua presença, o lugar de enunciação e o ponto da subversão. Convidam a pensar a história não mais como uma cadeia natural e evolutiva de fatos, mas em “um movimento no qual os seres humanos se fazem crescer, uns aos outros” (INGOLD, 2006, p.18).

### 3 SENTIDOS NAS ÁGUAS

A experiência nas águas ressoa em sentidos que significam esse elemento. São os ecos das águas, sentidos líquidos que se completam, mesclam e reiteram as características desse elemento primordial. Nas narrativas carregadas dessa liquidez é como se as águas murmurassem através das vozes das interlocutoras e dos interlocutores nos dizendo a todo instante que “a água corre, é ‘viva’, agita-se; inspira, cura, profetiza” (ELIADE, 2010, p. 162). E para além de ser mero ornamento das paisagens dos salvaterrenses, a água é substância de suas imagens, aderem ao que Bachelard chama de “psiquismo hidrante” (1997, p. 06):

[...] agrupando imagens, dissolvendo substâncias, ajuda a imaginação em sua tarefa de desobjetivação, em sua tarefa de assimilação. Proporciona também um tipo de sintaxe, uma ligação contínua das imagens, um suave movimento das imagens que libera o devaneio preso aos objetos (BACHELARD, 1997, p. 13).

Para este autor as águas ensinam “pássaros e os homens a cantar, a falar, a repetir, e há, em suma, uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana” (BACHELARD, 1997, p.17). Bachelard, como Sansot, nos mostra que as coisas não são mudas, elas exigem que sejam chamadas, nominadas, sacralizadas (SANSOT, 1983, p. 30). Água-palavra que numa dança alquímica escorre da relação entre o humano e as águas (MAFFESOLI, 1994, p. 67), impulsiona o trabalho da memória, encharca as narrativas, os ouvidos do ouvinte que as acolhe. O humano acaba por confundir-se com ela, é quando a coisa passa a fazer parte de uma atmosfera, vibra, emociona: “*il se mêle à moi comme s’il n’était pas distinct de moi*” (SANSOT, 1983, p. 30).

Água morta, dormente, agitada, parada, grande, sem cabelo, inúmeras são as expressões que a caracterizam, humanizam, demonstram “o reconhecimento do ânima nas coisas e a relação com o domínio dos sentidos” (BEZERRA, 2013, p. 113). “Água morta que

mete medo” – lembra Seu Martinho, por exemplo – de situações de perigo vividas no rio Paracauari. “Água sem cabelo” lembra a todos que no mar não temos onde nos segurarmos. “Água calma” está sempre associada à tranquilidade, quando tudo está onde deveria estar. “Águas grandes” são as águas do inverno, das chuvas, de escassez de pescado, água boa para banho nos igarapés, dos recursos da água doce. Os vários estágios físicos da água dão margem também para uma apreensão simbólica que se estende ao próprio estado de espírito das pessoas que com ela se relacionam.

As águas também afetam e formam as pessoas. Toda forma quando imersa volta ao seu estado pré-formal, a água se caracteriza em várias tradições culturais como um elemento primordial, fonte de toda a vida, dela nascem todas as formas e nela se desfazem para que torne a existir num eterno processo de regeneração “porque a imersão fertiliza e aumenta o potencial da vida e da criação” (ELIADE, 2010, p.154). Movimento intimamente ligado àquele em que a memória vem à tona e impulsiona o processo de significância de todas as coisas.

As águas, que tem cores, cheiros, sabores e as múltiplas associações feitas a cada um de seus aspectos revelam toda a riqueza das significações a ela atribuída, atrelando ainda seu caráter histórico, econômico, religioso, em que estão implícitos os atos afetivo-contemplativos que estruturam todo um saber-fazer em torno dos rios, lagos, igarapés e recursos deles advindos. Em Salvaterra a significação dada a esse elemento sempre está associada à vida, à fertilidade, ao sagrado, à maternidade: ao mistério do mundo. Ronda um respeito e uma solidariedade recíproca que acaba por influenciar os mais variados âmbitos da vida.

Um bem divino e vital, não raro ouvir frases como “água é vida” e “água é a fonte de tudo” para designar o elemento, ou ainda, a “água é um bem de Deus”. Água-mãe, água-alimento, água-cura (quantas pessoas já foram de terras distantes a Salvaterra em busca de suas águas milagrosas), água-sustento, água-espelho, trabalho, movimento, água-liberdade. Aqui, para fins de análise agrupei em três os aspectos básicos identificados na fala dos interlocutores dessa pesquisa. São eles: a água como vida, a sacralidade da água e a água como alimento.

### **3.1 A água e a vida**

“Água é vida”, essa foi uma das frases que mais ouvi em campo. Os ciclos das águas que entremeiam o território de Salvaterra ecoam na percepção e no simbolismo agregado a formação, manutenção e possível morte da cidade como um todo. Várias culturas têm a água

enquanto “elemento primordial”, ligada a uma cosmogênese, a uma cosmogonia do mundo e de todas as coisas, mas não somente. A ela está relacionada, ainda, a manutenção da vida na terra, a cura, a regeneração e a morte, a ameaça constante, o castigo divino, como no caso do dilúvio. Salvaterra é exemplo desse movimento das águas nessa constante reinvenção da vida, como afirma Mircea Eliade: “as águas precedem toda a criação e reintegram-na periodicamente a fim de refundir nelas, de ‘purificá-la’, enriquecendo-a ao mesmo tempo com novos estados latentes, regenerando-a” (2010, p. 171).

Ouvi de diferentes pessoas que há muito tempo atrás o arquipélago do Marajó não tinha rio algum, era uma ilha chata e arredondada, como um grande prato, seu interior era mais baixo que as laterais e abrigava uma grande área alagada e pantanosa que recolhia a água da chuva, diversas eram as espécies de animais e plantas que a habitavam. Toda a sua diversidade se devia a água da chuva. Até que uma grande seca assolou a ilha, o que fez com que os animais que dependiam das águas usassem das mais diversas estratégias para sobreviver. As cobras grandes, dominadas pelo espírito das águas, começaram uma empreitada para viabilizar passagens para o mar nas mais diversas direções. As maiores cobras acabaram dando origem aos grandes rios que serpenteiam a região e as menores, aos furos e igarapés. Foi esse processo que possibilitou finalmente o povoamento da região, que até então era mantida pelos segredos da relação da água, terra e outros animais.



Aquelas chuvas e a enchente lhe davam um novo torpor, a suspensão da vida, a solidão da água. Tudo voltava ao lodo primitivo (Dalcídio Jurandir, Marajó; 2008)

A água da chuva fertiliza a terra, há a formação do pântano, área de intensa acumulação de matéria orgânica proveniente dos ciclos naturais de composição e decomposição dos seres vivos que ali habitam. Dessa integração íntima entre a terra e a água, desta relação se origina a vida, se possibilita a vida. Não é a toa que em religiões de matriz africana a entidade que gera a vida, a avó de todos os Orixás, a mãe primeira é Nanã Buruquê. Orixá que rege as chuvas e as águas paradas, como as “águas mortas” de que me falou seu Martinho: “águas morta, que não corre a maré, que é águas pequena mesmo, mete medo”. Rege os pântanos, é dona do barro primordial de que foi feito o homem. Nanã Buruquê também é associada aos estuários, áreas de intensa troca residual entre a água do mar, dos rios e a terra. Nanã Buruquê rege a vida e a morte, ela decanta em seus domínios todas as matérias impuras, preparando assim a limpeza do espírito para a regeneração da vida.

A união da água e da terra dá à massa, a massa “proporciona uma experiência inicial da matéria” (BACHELARD, 1997, p. 109), os primórdios de toda forma. A água “tempera os outros elementos” (BACHELARD, 1997, p. 109). A chuva neste sentido acaba desempenhando o papel de *anima mundi*, um princípio fundamental da vida, uma força vital capaz de animar todas as coisas:

A *anima*, princípio do nosso repouso, é a natureza em nós que basta a si mesma, é o feminino tranquilo. A *anima*, princípio dos nossos devaneios profundos, é realmente, em nós, o ser da nossa água dormente (BACHELARD, 2006, p. 66).

A escassez da água desorientou o ritmo daquele ecossistema, fazendo com que as cobras mediassem o contato entre o interior da ilha e as águas que a cercavam. Até hoje “cada rio tem uma mãe, que é uma cobra, que a gente deve respeito quando passa”, disse Gabriele, moradora de Mangueiras, uma das localidades de remanescentes quilombolas de Salvaterra. O aparecimento de furos, braços de rio e igarapés ainda é comandado por elas. Seu Japão contou sobre “uma parenta” da parte de sua mãe que “um dia ficou grávida de duas cobras”. Ele mesmo a viu jogando as duas na Praia Grande, onde se formou um igarapé “muito visagento”.

A essas mães também está intimamente associada à manutenção da vida no lugar. De acordo com seu Cabo é:

A mãe do rio né. Que eles falam é as cobras que se criam no fundo. Inclusive aqui naquela ponte pra lá que tem, um dia desse até ela tava na internet. Uma cobra grande que mora lá naquela ponta, lá do outro lado que atravessa. Inclusive veio um pessoal de uma pesquisa de petróleo, uns americano aí, e viram ela lá na casa dela, no poço dela, morada dela.

Com o tempo vai caindo, com o tempo já caiu um bom bucado, é ela que derruba disque. Porque ela talvez vai crescendo, fica com raiva do movimento que passa lá por cima, zuada de motor. Naquela época não tinha isso, né, era sossego, né. Não tinha motor, era só remo. Hoje é zuada de motor pra cima e pra baixo. Na travessia, pra quem vai pra Mãe do Rio, pras fazenda. Sabe como é! Hoje em dia não tem mais esse respeito. Aí vai caindo, lá na ponta tinha umas palmeira bonita agora não tem mais. Já caiu um bucado, um bom bucado.

De acordo com Antonio Carlos Diegues as serpentes, assim como os dragões “são a personificação da força da água, tanto da destruidora como da doadora da vida” (1998, p. 14). A serpente remete ao impulso da vida e da morte, a isso atrelado todo seu sentido mágico-místico-religioso (ibid. 1998, p. 15). Neste trecho podemos perceber que o silêncio das águas e nas águas, característica das águas mortas é sinônimo de vida para a cidade, que a mãe de seu rio está em paz e não ameaça a manutenção da vida, inspira uma ressonância do rio e de seus filhos através do temor, mas também do respeito. Faltar com ele implica em uma quebra rítmica e desarmônica, implica arcar com as consequências da quebra de uma sacralidade. Vem dos rios a vida, sua manutenção e a morte, ou o castigo. Certa vez Dona Oneide me disse sobre a forma como seu pai e sua mãe educavam os filhos:

Meu pai olhava, a gente e ele sabia no olhar ele nunca nos deu um beliscão, nunca! Hoje em dia, sei lá, hoje não pode bater numa criança que vai presa né, mas se eles entendessem no olhar era muito bom, tudo era respeitado.

Ao entrecruzarem os olhares da mãe e do filho, há respeito, silêncio, é também uma questão de educação. De acordo com Ivete Nascimento (2006, p. 28): “O sentimento do

‘respeito’ como um dos valores mais relevante ao modo de vida no passado estende-se a todas as esferas da vida. É o respeito das gerações mais jovens pelos mais velhos, o respeito pela natureza, seus tempos e seus ritmos”. É a forma do cuidar: há o castigo, mas também mantém, pois há a cura. “O que persiste, acima de tudo, é o sentimento ambivalente de medo e fascínio para com as águas que desintegram e simultaneamente germinam, que matam e cooperam no nascimento” (ELIADE, 2010, 167). Dona Oneide carrega esse fascínio no olhar, talvez por isso seja tão fácil aprender. Sempre que coisas boas acontecem em sua vida vai tomar banho na Prainha em agradecimento a Iemanjá, rainha do mar.

Quantos também não são os que chegam até ali para curar os males do corpo e do espírito? “A pessoa vem aqui amarela, chega aqui ganha outro aspecto, é por causa do mar”, ponderou Dona Eunice. Segundo Dona Joana um bairro foi construído ali só de doentes terminais que foram para aquelas bandas em busca da cura. Houve um senhor vindo do Recife com grave pneumonia, Salvaterra foi indicação de um médico que lhe disse sobre o estágio terminal de sua doença. Quando ali chegou a doença tomava conta visivelmente, as secreções deixaram seu rosto da cor roxa, respiração era quase insuficiente. Instalou-se a beira da praia, montou sua barraca, passou a tomar banho todos os dias assim que o dia clareia na maré para lavar as impurezas. Até hoje está bem, não quer jamais sair dali.

A água, associada a divindades, seres encantados ou não, sempre foi agregada à cura, a regeneração. Infinitas são as receitas e remédios e banhos de cura que se utilizam da água, de sua liquidez dada à alquimia. Dona Mica, uma importante Mãe de Santo da cidade é quem me falou das “virtudes maravilhosas das águas” (ELIADE, 2010, p. 158), que curam vários tipos de doenças e trabalhos. Limpam as impurezas afastando todo o mal dos corpos graças a seu poder de assimilação e desintegração de todas as formas (ibid.).

### **3.2 A sacralidade da água**

Por essa multivalência estão associados às águas diversos cultos, ritos e divindades, que incorporam em si tanto o sagrado cosmogônico e os benefícios relacionados ao elemento – como alimentação, fertilização, saciar a sede – quanto às diversas epifanias locais: manifestações e/ou personificações do sagrado que habitam e guardam lagos, rios, igarapés, manguezais, entre outros. Alimentado por uma dinâmica de (re)criação e devoção popular o culto às águas e às divindades à elas ligadas independem da religião estabelecida, “revelando a força sagrada que lhe é própria” (ELIADE, 2010, p. 163) e impondo um espaço de tolerância, diálogo e convergência entre as diversas matrizes religiosas.

Para Dona Oneide, devota de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, água é mãe, abrigo e acolhimento. Herdou os ensinamentos de fé de seus antepassados e me contou que depois de um grave naufrágio sofrido por ela, em segredo, sua tia certa vez revelou:

Quando eu penso em água olha, eu tenho a minha tia que ela disse em segredo, quando eu escapei. Que com dois meses mamãe me levou na casa dela, ela disse assim mesmo:

- Minha filha, uma coisa eu quero que tu guarde na tua cabeça: que na água, nem bebendo, nem tomando banho, você não vai morrer afogada. Confie em Deus e em Nossa Senhora você não vai morrer afogada!

A padroeira da cidade não podia ser mais simbólica. Da primeira vez que estive em Salvaterra, caminhando pelas ruas da cidade encontrava a toda hora os sinais que procurava. Por vezes sem mesmo procurar. Ao me deparar com a igreja na orla da cidade, percebi em sua torre uma pintura, uma mulher de cabelos negros esvoaçantes. Ao seu redor podiam ser nuvens, mas podiam ser águas. A atual igreja matriz está localizada na 5ª Rua, lá em cima uma mulher rege caminhos de barcos. Sobre isso me falou Dona Oneide:

Eles botaram isso pra... porque você sabe que a semelhança da Nossa Senhora da Conceição é Iemanjá, na linha de umbanda, né. Isso no tempo que fizeram essa igreja o senhor que trabalhou, como se diz, o chefe, disse pro frei:

- Se você colocar lá ela em cima coloque uns barquinho ao redor – aí o padre, que eu não sei nem quem era, disse:

- Por que? – ele disse:

- Porque nem que você não queira ela é a Nossa Senhora da Conceição aqui na terra, mas lá no mar ela é a nossa rainha Iemanjá, rainha do mar. E isto é uma coisa que vocês devem venerar, porque a vida daqui é pescaria, é, então é os barcos, pra ela proteger todo tempo. O protetor dos pescadores é São Pedro, mas ela tem essa semelhança com a rainha do mar.

Pra mim existe todas as imagens, todas: Nossa Senhora da Conceição, Santa Barbara... todas! É milhões de Maria!"

No Brasil, Nossa Senhora da Conceição foi sincretizada a Iemanjá, orixá de religiões de origem africana, associada aos mares, à fertilidade, à pesca. A santa católica acabou ganhando traços inegáveis da orixá, inclusive as cores azul e branco, em que são pintadas as duas igrejas católicas de Salvaterra.

“Esse ano o círio moveu céus e mares!”. Demonstrando a inegável relação, Dona Oneide descreveu o círio de Nossa Senhora da Conceição de 2013. Dona Oneide, fervorosa devota sempre me dando dicas das ligações a serem feitas. Outro incidente em que se entrecruzam as imagens de Nossa Senhora da Conceição e Iemanjá me foi contado por Camila, sobrinha de um importante pai de santo de Salvaterra já falecido. De acordo com ela Iemanjá passava sempre à meia noite pelas ruas da cidade, como uma visagem, mas todos sabiam que era ela, vinha do mar velar o sono de seus filhos da terra. A outra versão dessa narrativa me foi contado por Seu Orlando:

A santa andava de noite, porque de manhã, essa portuguesa<sup>20</sup> tirava carrapixo do manto dela, ela percorria a cidade, isso não é lenda, muita gente viu. Ela andava abençoando a cidade.

À meia noite o feminino sai das águas ou da igreja, de seu templo sagrado, trazendo a benção aos seus filhos. As imagens se sobrepõem e se evocam. Muitas são as características que comungam atribuídas a mulheres e águas: a fertilidade, a gestação, a alimentação, etc. e pelas mesmas características são sacralizadas, donas do mistério da vida, mães d'água. “Só tem mãe, né, nunca ouvi falar em pai”, disse Dona Marcília quando enumerava as mães/donas das moradas encantadas. A cobra citada na seção anterior é também mãe, remonta um feminino arquetípico. Salvaterra é terra encantada, nela cabem muitas mães.

À meia noite, ao meio dia, às seis horas da tarde, horas cruciais, horas da epifania das ninfas (ELIADE, 2010, p. 167), horas de ligação, horas limites. O calor intenso, a visão que fica turva, o completo breu, são horas indiciais de contato com o “invisível” como diz seu Orlando. Na cidade também, mas principalmente nas moradas divinas que jamais podem ser profanadas, lagos, igarapés, rios, praias. E nesses lugares, mais infinitas aparições, visagens, epifanias, encantado, coisas do invisível, do além que guardam os mistérios e encantos da relação antropocômica (ibid. 154).

---

<sup>20</sup> A portuguesa a que se refere seu Orlando é Dona Andreza, por anos incumbida do trabalho de manutenção e organização de assuntos referentes à Igreja.



As diversas águas também dão diferentes características aos encantados que delas nascem. Em igarapés e poços há sempre grande incidência de aparições de Iaras ou Oiaras, mulheres morenas de cabelos compridos, cacheados, cuidam desses espaços, mas também encantam, seduzem e mundiam<sup>21</sup>. A elas é atribuído tanto o bem quanto o mal ou a simples aparição. Já em rios, seus braços e lagos, há sempre o elemento antropomórfico, cobras paridas por mulheres, mulheres transformadas em sapas, peixes, ou flores, etc. No mar há Iemanjá e a Mãe de Fogo, dona do poder de assombrar pelo enigmático aparecer e desaparecer. Cultos e ritos são destinados a elas, como o Círio de Nossa

Senhora da Conceição; a festa de Iemanjá, que acontece na Praia Grande no mesmo período do Círio, sem falar nas inúmeras oferendas sacrifícios e rituais de cura feitos nos seus domínios.

As mães dos espaços aquáticos compartilham as características femininas também das mulheres de Salvaterra, das mulheres que compõem esse trabalho, não apenas no que diz respeito a sublime capacidade da criação e manutenção da vida, mas também a força e resistência perante uma constante ameaça de subjugação, dominação, domesticação e aculturação. O culto a divindades femininas sobrevive há séculos aos ataques e as tentativas de superação. Traço importante e marcante da cultura da região marajoara, o culto ao feminino está marcado em registros arqueológicos (SCHAAN, 2006, p. 20), que supõe sua existência e ainda seu desaparecimento de registros históricos, rastro das lutas e conflitos étnicos por que passou e passa ainda hoje o território. São memórias e saberes clandestinos cuja existência depende da secular tática da narração, do compartilhamento oral, e, principalmente, da experiência sensível nos leitos que os acolhem.

<sup>21</sup> Mundiar é capacidade dos encantados que se refere a fazer uma pessoa se perder na mata, ou atrair alguém para o encanto.



### 3.3 Água que alimenta

A água pra gente é o alimento, sem ela a gente não pode viver. O que eu penso é a água quando é boa pra tomar. Essa época de janeiro, fevereiro e março você toma essa água daí que dá pra tomar ela. (...) Eu gosto mais de água doce, porque a gente toma essa água e é bom pra peixe, têm muitos bichos que dependem dessa água, né, a capivara, o jacaré, todos esses bichos que são de beira de rio tomam água doce, tomam salgada quando não tem jeito.

Assim falou seu Lélío sobre as necessidades dos bichos. Sua fala deixa transparecer a importância da água em sua vida. Ainda ao indicar sua preferência pela água doce; os peixes e benefícios que ela traz, naturalmente articula nossas necessidades a de outros animais, reconhecendo sua importância para as diferentes espécies. Muito da carga de simbolismo atribuída à água é também decorrente dessa necessidade de satisfação vital da alimentação, que iguala os seres vivos. Nessa relação o elemento de crucial importância é a dádiva (MAUSS, 2003). Nesse sentido, as trocas entre humanos e águas extrapola a dimensão utilitária e funcional e se estende a uma relação de respeito em que o dar, o receber e o retribuir estão imersos em simbolismo e afetividade, que regulam as formas de lidar com esse elemento e os recursos dele advindos em termos simbólico-práticos, com forte caráter ritualístico.

Seu Lélío, dono de pousada, atividade relacionada ao turismo não é diretamente ligado à pesca, mas antes disso cuidava de fazendas na região. Os aspectos e atividades que influenciam as visões e formas de lidar com a água estão imbricados, formando um complexo conjunto de práticas e saberes. Mesmo Seu Lélío não sendo ligado a pesca diretamente, sua importância ressoa nele. O que torna difícil identificar os limites de influência de cada aspecto, ou atividade, mesmo para fins de análise, identificá-las e categorizá-las implicaria numa extrema redução do potencial holístico ainda nem completamente apreendido por mim. Estas atividades, principalmente por estarem dispostas nos mesmos locais, “atravessam as fronteiras que permitem as classificações” (CERTEAU, 2012, p. 86). E evidenciam a riqueza da apreensão do território existencial.

Seu Martinho, pescador de 71 anos que deixa sua montaria na Prainha me disse certa vez: “Eu gosto de pesca porque é o meu lazer, né. Porque eu já fui, sou acostumado nisso, né. Nessa vida, nessa profissão”. A pesca é sua atividade de sustento, mas também de lazer, com

base nessa fluidez de fronteiras percebi que as visões sobre a água, embora guardem particularidades com relação às atividades desempenhadas, reúnem em si os elementos de uma construção de sentido coletiva. Em cada praia é possível encontrar as principais formas de usos dos rios em diálogo, durante todos os dias da semana.



Constantemente vi famílias inteiras envolvidas nos afazeres da pesca, ao passo que as crianças ajudavam e aprendiam o trabalho dos pais, brincavam e se divertiam na água, por exemplo.

Em função da grande importância da atividade pesqueira para a economia de Salvaterra, a água que alimenta e fertiliza é recorrente nos diálogos com interlocutores. A pesca é a atividade econômica mais ligada à água e marca a vida material e imaterial das pessoas na cidade – mesmo dos que não estão ligados diretamente a ela – que vivem submersas em um universo simbólico permeado por elementos que remetem a pesca. Para além da utilidade cotidiana da água há toda dependência econômica dos recursos dela advindos. O peixe, o marisco, entre outros, são os principais pratos da cozinha marajoara, como também dão sustento às famílias no local desde tempos imemoriais. Quando questionado sobre a importância da água seu Martinho completa:

É na pescaria, é quando põe uma rede que vem muito peixe, aí sim, alegre a gente que é uma beleza. A gente sai pra isso, né, pra faturar o rango da gente. Tem dia que a gente vai e pega, tem dia que a gente vai e num pega, então é isso.

“Aqui a vida é pescaria”, disse também seu Domingos, os rastros dessa atividade estão por toda parte, redes, barcos, âncoras. Esta atividade é desenvolvida durante o ano todo e seu horário segue uma dinâmica própria, marcada pelo tempo natural, compassada pelo ritmo das águas, das marés, dos tempos das águas grandes e das águas pequenas, que correspondem respectivamente ao inverno e ao verão. O horário de trabalho e de repouso é estabelecido em decorrência do fluxo e refluxo das marés, e assim, estruturando o dia-a-dia, um ritmo cotidiano na cidade que é facilmente percebido por quem é de fora pela necessidade

de se adaptar a ele. Esse respeito à sazonalidade evidencia que ainda há um uso em detrimento da exploração dos recursos na cidade.

Quando falamos em águas nas suas mais diferentes formas, do rio, do mar, da chuva, logo vêm à tona várias narrativas da vida na pesca, narrativas de escassez e fartura, e também de tristezas e tragédias ocorridas na cidade, como os naufrágios, afogamentos e alagamentos<sup>22</sup>. Estes últimos, mais caros aos pescadores, que por muitos passam durante a vida de pesca e os marcam profundamente. Essas reminiscências funcionam hoje também como “forma ativa de confrontação com o presente” (NASCIMENTO, 2006, p. 24), frente à oposição constantemente evocada por pescadores entre o tempo da fartura e o tempo da escassez, o último o que estão vivendo agora. Ao tempo da fartura sempre é relacionado à fartura do pescado em todas as épocas do ano, os antigos aparelhos de pesca que não precisava ser de tanto alcance, etc. O tempo da escassez está relacionado ao aumento da pesca de grande porte, dos grandes barcos pesqueiros que impedem que o pescado chegue à Baía do Marajó, pesca essa que não obedece às regras de uso e reciprocidade envolvidas na atividade pesqueira artesanal.

Várias narrativas contadas pelos moradores, geralmente, têm origem na prática da pescaria e têm ecos em toda a cidade. Consegui reconstituir várias narrativas a partir de mais de um narrador, dentre pescadores e não pescadores, como que juntando peças de quebra-cabeças. A experiência dos pescadores nas águas é uma das mais responsáveis pela extensão da cidade nos rios. É do lado de lá que eles percebem e contemplam a cidade. Não somente suas narrativas carregam para as águas para terra, como também as divindades que os guardam, peixes e águas, os hábitos alimentares e, ainda, toda uma forma de manejo dos recursos naturais.

São Pedro é padroeiro dos pescadores, em junho há uma grande festa em várias localidades do Arquipélago em sua devoção. Em Salvaterra ocorre uma grande procissão fluvial em sua homenagem. Para São Pedro os pescadores clamam por fartura de pescado, por uma boa e tranquila pescaria. É também em decorrência da atividade pesqueira que são atribuídas características à água doce e salgada, escassez e abundância respectivamente. Junho, o mês da festa de São Pedro, é o mês em que o verão se instala e as águas salgadas do mar entram na Baía do Marajó.

Neste período há mudança não somente no gosto das águas como na coloração e na quantidade e qualidade do pescado que entra na baía. A mudança das águas é sentida também

---

<sup>22</sup> Alagamento é a expressão usada por pescadores para falar sobre a entrada de água na canoa que leva a embarcação a afundar.

no bolso e na mesa. A intensificação da pesca nos rios da Amazônia faz com que o pescado não chegue em grande quantidade na Baía do Marajó nos meses de inverno, só a memória guarda os tempos dos grandes peixes das águas doces, no tempo da fartura (NASCIMENTO, 2006). Hoje a maior parte do pescado para comercialização vem do oceano Atlântico com o recuo dos rios. Essas são as águas esperadas com ansiedade por todos. Mas mesmo com o avanço da pesca industrial as duas estações continuam rendendo o pescado à região como explica Manoel, filho de dona Eunice:

Teve uma época que disseram que vinha um *tsunami* pra cá, uma galera vendeu casa e foi embora, depois passou um tempo eles voltaram. Porque o Marajó é banhado pelo oceano Atlântico, Soure fica escondido, mas Salvaterra pega de frente. Ele abre aqui. Esse rio aqui ele é tão rico de peixe que ele entra aqui e sai lá na Ponta Fina, que é outra saída. Entra peixe por lá e por aqui também. Pra desovar aqui dentro, aqui é mermo que ser um aquário, de reprodução, ele entra pra desovar e depois sai de novo. Então no inverno e no verão não falha aí. Aí pra dentro é filhote, é mermo, tudo entra pra dentro e se esconde. Tem tudo aí pra dentro, tem cobra, jacaré-açu, tem tudo!

Manoel falou sobre a fartura nas águas do Marajó quando comecei a perguntar sobre a riqueza presente nelas e as histórias que trazem. Repeti a história que as ilhas do arquipélago estariam dentro d'água, ele me disse que deveria ser e relacionou a fartura e o movimento das águas e dos peixes nos rios que envolvem a cidade para atestar a veracidade da narrativa. O peixe é símbolo de vida e fecundidade (DIEGUES, 1998, p. 14), é constantemente associado ao nascimento e à restauração, também reforçando as características associadas à água também.

O peixe, não é um simples recurso, ele próprio, cada espécie detém suas narrativas, características e encantos. A diversidade e riqueza dos seres que habitam o fundo das águas estão explícitas no comentário de Manoel, que revela a profundidade da vida nas águas e de sua apreensão. Ele indica também os limites e extensões da vida nas águas, e dá a entender o quanto o movimento das pessoas está intimamente ligado ao movimento das e nas águas, dos mais variados seres em uma relação cosmológica que pressupõe um microcosmo de habitação, a casa. As águas e toda a variedade de vidas que guarda, inclusive a humana, revela

os encontros e desencontros na construção do lugar da morada dos seres, questão central do capítulo que segue.

*III Capítulo*  
**“LUGAR QUE É PRÓPRIO  
PRA SE VIVER”**



## 1 “LUGAR QUE É PRÓPRIO PRA SE VIVER”

Eu gosto quando eu venho de Belém, eu acho bonito quando o mar tá dando pedrada (Seu Lélío).

Martin Heidegger indica que a intimidade entre as palavras, suas conexões e trajetórias, nesse processo de conhecer que possibilita habitá-las, nos inscrever através delas, através de nossa intimidade, é isso que aqui tento fazer. A habitação, a casa, a morada, o abrigo. Habitamos onde nos demoramos, nos de-moramos, como disse Heidegger (2001). Com a supressão do “de”: moramos; nos moramos, nos constituímos; existimos. A morada é onde a casa é construída, edificada (HEIDEGGER, 2001, p. 02; BACHELARD, 1978, p. 209), o abrigo é onde o ser se deixa existir e existe na liberdade de se deixar ser, preservado do dano e da ameaça, preservado de..., ou seja, resguardado (HEIDEGGER, 2001, p.3), entregue ao seu vigor de essência.

A morada é o lugar do cultivo do ser, pelo ser e pelas coisas, aqui estamos todos – nós e as coisas – no plural. O cultivo é o que mais nos cabe, é cultura, é palavra habitada por tempo, espaço, experiência e transformação, quanto movimento e nenhum ela supõe. E pressupõe que ouçamos a terra, esperemos o tempo de plantar e colher, de sermos habitados pelas coisas a seu rigor. É preciso demorar-se para transformar o espaço e para compor a passagem do tempo, e por eles sermos transformados e compostos. É assim que vão se metamorfoseando espaço e lugar entrelaçando – aqui é bem-vindo o gerúndio – compondo o ritmo da existência. O espaço é quantificado, praticado, descoberto, mistério; o lugar é abrigo, morada, estadia, é qualificado. Delimitamos o espaço e cultivamos um lugar. Habitamos e construímos o lugar porque por ele somos construídos e habitados. É onde criamos nossos hábitos, o hábito é constituído das nossas conversas com as coisas, são inscrições de nós nas coisas e as coisas em nós ritmadamente.

Eu tenho medo é da maresia, mas sempre foi assim, eu é que tenho que me acostumar (Dona Riso)

Assim transformamos o espaço habitado em casa. Isso indica um movimento de mão dupla entre a interioridade e a exterioridade. Como apontam Ingold (2012, p.30) e Bachelard (1978, p. 227) a casa não é uma caixa inerte, não habitamos uma casa mobiliada de objetos inanimados, “experimentamos a casa como coisa”. Pois que a “coisa, por sua vez é um

“acontecer”, ou melhor um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam” (INGOLD, 2012, p. 29). Habitar o mundo, segundo este autor nada mais é do que nos juntarmos em um processo de formação constante, e a possibilidade de habitá-lo só se dá por sua capacidade de compreender essa “mútua permeabilidade e conectividade” (INGOLD, 2012, p. 32).

O que eu mais gosto aqui na cidade é a tranquilidade. Aqui é um lugar muito tranquilo pra se... não pra sobreviver, né, emprego não tem né, se não for emprego da prefeitura. É devido o lugar que é próprio pra se viver, que é um lugar tranquilo que o pessoal fica despreocupado com certas coisas (Seu Martinho).

### 1.1 Morada

Dia 07 de janeiro de 2014 parti em direção a Salvaterra e lá ficaria por um mês. Cheguei por volta das dez e meia da manhã, fazia sol, mas por todo canto os sinais de que o tempo de chuva já havia chegado: os taperebás pelo chão, as poças de água, a terra molhada, aquela sensação de estar na umidade e habitá-la também. Aluguei uma casa também por ocasião do projeto<sup>23</sup> que desenvolvo em conjunto a este e que previa oficinas ali naquele período. Os locatários foram Dona Joana e Seu Lélio, que se dispuseram a me alugar a casa em que moravam, enquanto ficavam em sua pousada durante minha estadia, a quem devo eterna gratidão. O lugar não podia ser melhor o que facilitou muito minha acomodação.

A casa é grande, tem varanda para colocar redes, quintal com um pé de taperebá e coqueiros, até os animais de estimação a casa ofereceu: uma família de gatos. Logo o primeiro visitante me disse “essa casa não parece com casa marajoara! Parece um hospital!” como era a casa marajoara, então? A casa de fato não era das mais comuns em Salvaterra, mas tão longe estava das casas da cidade grande, com tanto espaço, com a proximidade entre os vizinhos, as árvores e o descanso com a segurança. As casas tradicionais de que me falava o visitante eram casas de madeira ou de barro, com uma arquitetura que talvez pela falta de proximidade minhas palavras não consigam ainda muito bem descrever. As redes cortando os cômodos, as cores quentes nas paredes, nas cortinas, nos adornos, misturadas ao marrom da terra, da madeira ou ao cinza do chão batido. Aquele cheiro de umidade que ocupava todos os espaços. Em algum canto um altar repleto de imagens de santos, caboclos e entidades de todos os

---

<sup>23</sup> Projeto “D’água-palavra – ao percurso imagético de narrativas orais”, contemplado pelo Prêmio Proex de Arte e Cultura da Universidade Federal do Pará.

credos. Em outro algum amontoado de papéis, revistas ou coisas que já não servem mais, esses foram alguns dos aspectos comuns às casas marajoaras que visitei, e as que pude espiar.



Depois de instalada fui ao mercado fazer compras para o almoço e para os próximos dias. Sem saber comprei poucas coisas, o básico para dois dias, no máximo. Dona Joana já me falara: “eu não gosto de tá enchendo a minha geladeira de coisa”, dona Joana gosta de comprar sua comida todo dia, prefere os alimentos frescos. Dona Oneide nem geladeira tem, não precisa. O que espantou minha mãe, quando a levei para conhecer a senhora. Depois fui eu também me habituando com esse movimento diário de pensar no almoço na manhã do

mesmo dia, fui criando o hábito de comprar o peixe fresco pela manhã, ou somente os temperos que dariam gosto à comida.

Meu cozinhar foi também “amarajoando”, fui aprendendo não somente os hábitos diários dos que ali moram, como os sabores também, vieram: a sarda no quitiquiti, a moqueca de arraia no leite de coco, a pescada branca assada de brasa, a piramutaba guisada e ainda a principal forma de assar o peixe, o avoadó: peixe com sal e limão direto no fogo. O difícil nesse processo foi à volta para casa e a readaptação à comida industrializada do supermercado. Todo dia já era de costume encontrar as mesmas pessoas na feira, ir descobrindo e experimentando as fruteiras, sempre aquela dificuldade de encontrar frutas e legumes por conta da exportação e do latifúndio que toma conta das terras de lá, e daqui, e de todo lugar nisso que chamamos país. Essa escassez era subvertida pelas árvores carregadas que presenteavam e também pelo chopp<sup>24</sup> de murucí, taperebá, acerola ou cupuaçu que pareciam cremes, casa sim, casa não.

Foi logo no primeiro dia também que comecei a perceber minha falta de habilidade em andar por entre as poças de água, minha inútil preocupação em molhar os pés, com a terra molhada que teima em espirrar das sandálias para as pernas, e que precisaria mesmo é de um guarda-chuva para também não ficar encharcada com a chuva que poderia vir a qualquer momento ora em forma de chuvisco, ora em corpo de tempestade, mas também para a proteção do sol escaldante que raia nos intervalos das chuvas. O guarda-chuva infelizmente aguentou pouca chuva, pouco vento, em uma semana já estava em pedaços.

Na primeira manhã em casa chovia, chovia, acordei com o barulho da chuva torrencial. Sem ter como sair tentei em vão capturar os instantes, os pingos da chuva que caíam com a câmera fotográfica. Minha inaptidão fotográfica me impossibilitou a captura, até que a chuva caiu em mim, molhou a câmera e quando vi estavam lá os pingos eternizados na fotografia. A semana de minha chegada choveu muito, o que dificultou um pouco meus afazeres de pesquisa. Percebi com essa experiência que minha atenção não podia se voltar só para as águas que cercam a cidade. Salvaterra é uma cidade encharcada. Na última semana me deparei com uma poça de água que tomava conta de toda a rua, não hesitei, passei por dentro dela. Como diria Bachelard: “Uma poça contém um universo. Um instante de sonho contém uma alma inteira” (BACHELARD, 1997, p. 53).

---

<sup>24</sup> Suco de frutas congelado em saquinhos, conhecido em algumas regiões do Brasil como sacolé.



Essa combinação de umidade e calor; da terra sempre molhada e do corpo em contato com a terra; da chuva em contato com o suor e das imagens refletidas nas poças de água como miragens; de certo mistério que o corpo “higienizado” da cidade encontra na incrível acomodação e sintonia àqueles elementos tão naturais, tão “sujos”, tão ligados a uma concepção do atraso das cidades, da falta de infraestrutura urbana, à informalidade, somados às narrativas que escutava todos os dias e aos incidentes inexplicavelmente mágicos que ocorriam corriqueiramente, deram uma atmosfera de realismo fantástico à estadia. O real é absorvido sensorialmente e o fantástico é parte da normalidade cotidiana. A fantástica realidade é sentida por todos os poros, é tão real, por isso fantástico.

Como na noite após a tarde de conversa com Dona Marcília. Tinha sido um dia exaustivo de trabalho, passei a manhã a procura de alguns senhores e senhoras que haviam me indicado, dentre elas uma senhora que morou durante muito tempo na mata do bacurizal próximo à praia, hoje de idade avançada deveria ter muito à conversar. Porém ninguém sabia de certo seu paradeiro. Aproveitando o conhecimento de Dona Marcília perguntei a ela caso sabia onde essa senhora morava. Ela disse:

Mas ela não dá conta mais, ela tá muito velinha, vivem levando ela pro hospital, mas ela não via nada porque ela tinha fado também.

Diziam né, que eu nunca vi. O pessoal contam, que eu tenho um irmão lá, que quando iam pra Joanes, o carro passava perto dela e perguntavam pra ela “pra onde tu vai?” “Vou pra Joanes”, quando chegavam em Joanes ela já tava! Então eles diziam que era uma coisa incrível, como que tá parada aqui em Salvaterra e quando chegavam lá, ela ia a pé, e já tava lá, os menino dizem que ela voava!

Mas ela era Matinta Pereira?

Pessoal diz né.

Cheguei em casa e não demorei a dormir. De madrugada, não sei de certo a hora que acordei com um ruído, era como se algo se arrastasse na sala ao lado do meu quarto. No mesmo instante lembrei que as Matintas têm asas maiores que o corpo e por isso elas andam a arrasta-las. Fiquei imóvel, ofegante, tentava prender a respiração para que ouvisse melhor o que se passava no cômodo ao lado: era o medo, aquela afirmação das coisas misteriosas, da crença, da ilusão. Depois de um momento o barulho parou, mas logo depois ouvi novamente, agora era como se ele viesse da janela que dá para fora, mas como? O que era aquilo? Logo recorri ao acervo de orações que um dia aprendi, que perdidas estavam em algum lugar da memória. Rezei pedindo proteção aos santos e anjos que conhecia, até que dormi. Noutro dia o coração aflito, mais uma história para contar. Dias depois Dona Mica me disse que quando pensamos muito em visitar alguém, nosso espírito visita primeiro. Fez todo o sentido, vieram saber o que eu tanto queria, quem sabe, investigar sobre minha investigação.

Aquelas noites eram preenchidas por um silêncio tão profundo que a paz era alternada por um medo, medo que eu nunca entendi muito bem de onde vinha, talvez do profundo de mim. Só escutávamos uma melodia composta pelos grilos, sapos, cigarras e ondas do mar. A casa em que me hospedei fica a dois quarteirões da praia, na Sétima Rua entre Segunda e Terceira Travessa. As ondas quando fortes se faziam ouvir e ressoavam no silêncio, era como se a melodia fizesse parte dele, era como se fosse à trilha sonora do silêncio de nós. E convidava a mergulhar nele. De noite pouco se tinha a fazer, exceto nos fins de semana quando a praça e a pizzaria ganhavam algum movimento. Mas era sair de casa e encontrávamos os seres da noite de inverno, aquela infinidade de baratas d’água, grilos, besouros, com o ataque era melhor a recolhida, quando o dia clareava limpava os resquícios da visita.

Minha estadia em Salvaterra foi fundamental para ir além do ouvir sobre o espaço e o tempo na cidade, de maneira a senti-los. Foi uma acomodação e exploração corporal sem a

qual esses escritos careceriam de animação. “É preciso viver Salvaterra” já dizia Drummond. E vivendo, participando da formação do que é, habitamos e somos habitados, o espaço se torna lugar. Apreendemos, e aprendemos no e com o espaço. O espaço está para além de uma dimensão física calculável, ele é também o mistério impregnado na vida que permite o inesperado, o maravilhoso, que faz com que a vida seja esse descobrir. O lugar se torna o vivido, o passado, o experimentado, o habitado.

## 1.2 Sobre o lugar do tempo habitado

Transcorrendo  
Transformando  
Tempo e espaço  
navegando  
Todos os sentidos...  
(Tempo Rei – Gilberto  
Gil)

A memória sensorial dos moradores de Salvaterra nos transporta momentaneamente para o tempo de seus personagens, assim como para o corpo. Evoca imagens e sensações que reconstroem a percepção da cidade em jogos de sobreposição, diálogos e conflitos. A vida dos personagens tem como palco Salvaterra, portanto compõem a história da própria cidade que não é linear, mas composta desses múltiplos olhares que se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos (BACHELARD, 1978, p.201). Os fatos escolhidos para serem narrados adquirem importância na medida em que tem relevância para a vida dos personagens e para a constituição do próprio espaço urbano. De acordo com Anibal Frias:

*La sensorialité se spatialise à son tour: les phénomènes visuel, sonore, olfactif et tactile sont stimulés par la forme territoriale qui se trouve, à son tour, modelée par eux. Il n'est pas une relation ou une ambiance, une émotion ou un lieu qui ne soit marqué par une odeur, un bruit, une saveur ou le jeu changeant de la lumière. Les saillances sensorielles «qualifient» et même «affectent » l'espace (Augoyard, 1991, p. 20; Candau, 2000, 28 apud FRIAS, 2001, P.18).*

Nesta seção trago as memórias espaciais dos moradores que reconstroem a cidade do tempo habitado, com ricos detalhes proporcionados por essas lembranças orgânicas. A sensorialidade espacializada revela as mudanças por que passou o território, os desejos e sonhos ali vividos. As narrativas sobre o território de outrora, como aponta Certeau, é uma “prática significativa inventora de espaços” (2012, p.174), porque ao longo delas vão recriando-se os espaços e seus sentidos. Na medida em que os lugares iam se constituindo em mim por meio das conversas que tinha com os moradores de Salvaterra, nunca mais passava

por eles sem lembrar o que ocorrera ali em outros tempos. Comecei a flagrar a mim mesma dando continuidade neste construir espaços quando passava adiante as histórias que me foram contadas, imprimindo nelas também minhas impressões, pegadas.

Os relatos sobre os lugares os descrevem e também os (re)criam culturalmente, repassando os sentidos de uma vivência no espaço. Os relatos sobre lugares os atravessam e organizam, selecionam e reúnem, revelam não só frases como itinerários (CERTEAU, 2012, p.182). Esses relatos compõem um percurso espaço-temporal, nos transportam ao lugar do tempo habitado e o constitui na memória e imaginação do ouvinte.

De acordo com Ana Luiza Rocha e Cornelia Eckert “as sociabilidades e as dinâmicas cotidianas dos moradores vão desempenhando mapas afetivos de pertencimento territoriais passíveis de serem identificados e valorizados” (2012, p. 26). Inspirada nessa ideia agrupei alguns relatos que me vieram sobre a Salvaterra da memória, dos antepassados, do passado e em seguida os mapeei em um croqui. Os relatos foram organizados de acordo com uma sequencia temporal lógica baseada nas datas, detalhes fornecidos em cada um, e ainda minha interpretação e experiência em campo.

- 1- Olhe isso aqui, Salvaterra, era um lugar muito tranquilo, uma que era pequeno, né. Aqui as casas daqui, sabe como era? Era tudo de palha, palha e barro. Por exemplo, se aparecesse um pra fazer uma casa de telha, já diziam que era barão, que tinha alguma coisa na vida. Mas enquanto isso era tudo casa de palha ou barro, as ruas daqui era tudo mato. Tinha só aquelas estrada assim abeirando as cercas das casa, assim. Agora tinha aquele matagal no meio, que a gente olhava assim e não enxergava lá a outra rua, né. (Seu Martinho)
- 2- Naquele tempo só tinham 15 famílias, eram 5 casas. Caminho era caminho de estradinha, descia lá onde é a colônia de pescadores, não tinha esse quebra mar, não tinha esse entreposto, não, tudo era grama, era um gramado que parecia um tapete. Quando o quebra-mar era pra lá, muito longo o quebra-mar. (Dona Oneide)
- 3- Sobre a igreja, tinha a igreja dos Jesuítas, que era por trás dessa igreja aí. Da igreja pra lá tinha rua. Os dois últimos coqueiros que foram tombados tinha a altura desse coqueiro em 1950. Tavam só uns três na beira da ribanceira que a erosão veio, veio, veio destruindo tudo. Essa igreja que caiu foi um cometa que passou em 1909, tombou

a igreja. Ficou só uma ruína e um prefeito que teve aí mandou derrubar pra fazer aquele galpão ali do lado da igreja.

- 4- O meu bisavô falava com meus avós que quando ele se entendeu com 10 anos, 12 essa igreja matriz ali já existia. Ali tá escrito 1911, é do tempo do meu pai com a minha mãe, olha. Então minha mãe, ali naquela praia que tem que desce lá pra pegar o bote, era uma areia, que não tem uma areia, não tem um açúcar que parece uma areia mermo? Aquela areia você andava lá em cima dela, descalço ou calçado aí ringia assim no pé da gente, eu ainda alcancei isso. (Dona Oneide)
- 5- É outro que quando eu me entendi já existia esse farol. Não sei quem trouxe praí. Minha mãe que é mais velha, vixi! Dizia que ninguém sabe. Já existia farol, igreja. (Dona Oneide)
- 6- Era uma vilazinha, era pequeno mermo, né. Meu pai contava que Salvaterra com Soure não existia embarcação pra atravessar, era só uma pontezinha. Era uma ponte aí, atravessava, atravessa de um lado pro outro, mas era pequeno, né, era um córregozinho. Mas sempre foi separado Soure e Salvaterra. (Seu Martinho)
- 7- Nesse tempo era só no braço, descia da canoa trazia pra cima da ponte, na maré seca. Tinha um trapiche lá onde é a colônia dos pescadores. Nesse tempo ele trouxe (Seu Centenário) uma noiva de Soure e tinha muita arraia. Aí ele veio arrastando o pé devagar; deu numa pedra e deu na água com noiva e tudo. A noiva chegou toda molhada na igreja (risos). (Dona Eunice)
- 8- A natureza foi destruindo e o rio foi alargando. Meus avós atravessavam de calça enrolada, igual esse igarapé da Praia Grande. (Seu Orlando)
- 9- Antigamente na Prainha era o Trampolim, tinha um trampolim de concreto. Quem construiu foi um promotor da comarca de Soure. Era uma diversão. (Seu Orlando)
- 10- A gente saía daqui, tinha umas praias que encostavam, hoje não tem, só tem esse porto aí. Começavam daqui e ia embora, tinham umas duas praias pr'ali que encostavam, é bem lá na frente, ali onde hoje tem um cais de arrimo que tá começando a cair que

fizeram. Os pescador deixavam sua montaria lá. E era daí que a gente saía pra pescar.  
(Seu Cabo)

11- A Praia Grande tinha grandes ajuruzais, não tinha essa destruição de barraca, essas coisa toda. Que é só pra destruir e poluir. Antigamente era como uma praia deserta, você ia tranquilo tomava seu banho... (Seu Orlando)

12- Diz que lá moravam os cabano<sup>25</sup> (na mata da Praia Grande). (Dona Eunice)

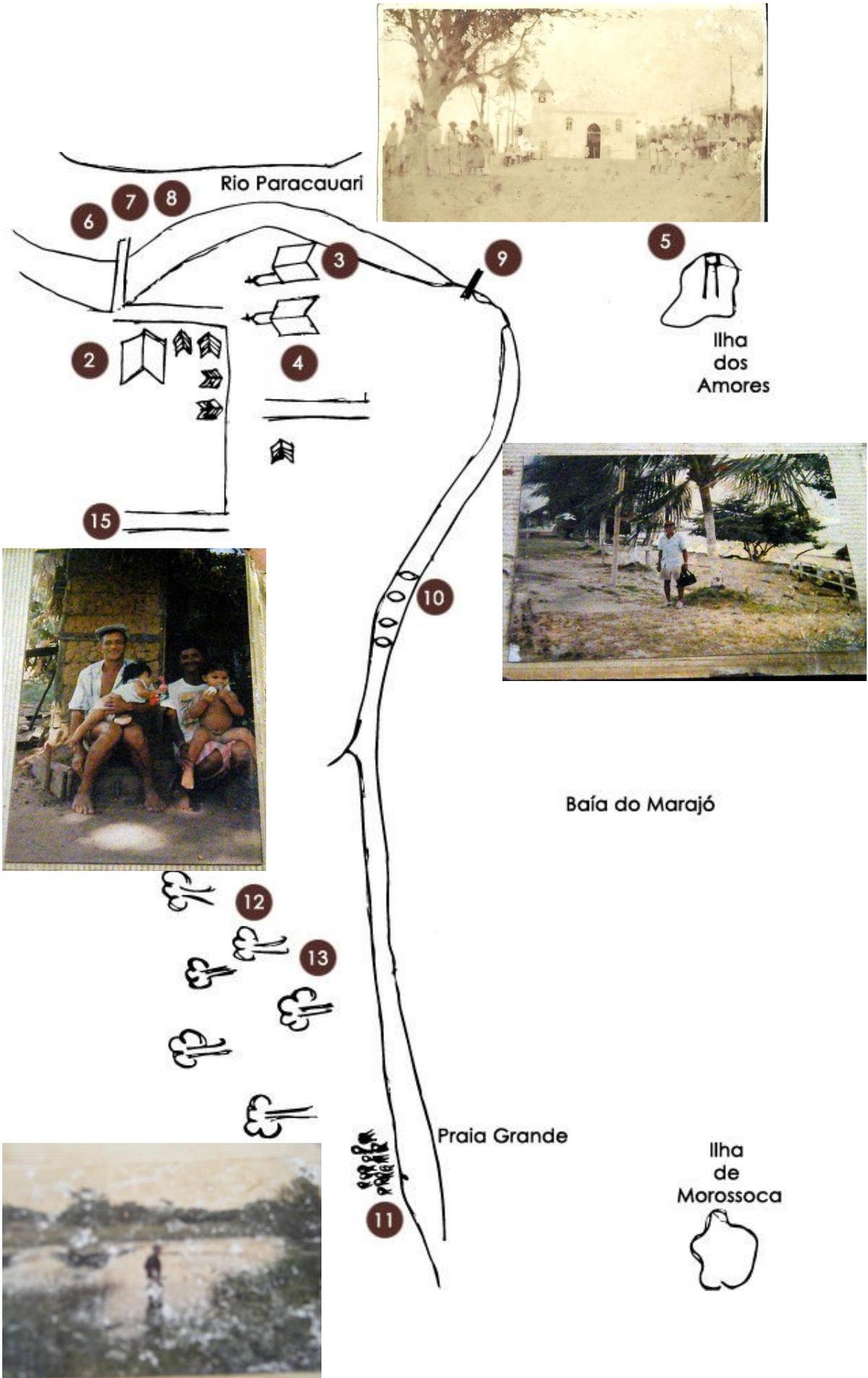
13- Aqui pra onde era a Praia Grande, nós chamava Trincheira. Era um tucumanzal que tinha, que tarde da noite o pessoal não passava que tinha muita visera, no caminho da praia. O pescador corria de noite. (Damasceno)

14- Esse conjunto que tem aí, todinha essa área, o nome disso se chamava Trincheira, só era mato. Trincheira, por quê? Na época da segunda guerra era aí que o exercito se entrincheirava pra atacar o inimigo. Ficava tudo entrincheirado. Aqui era o maior visão dos inimigo, era a ilha do Marajó. Todo mundo queria. Muitos estrangeiro vieram morar aqui depois da segunda guerra, depois foram tudo expulso daqui, alemão japonês...(Seu Orlando)

15- Aqui era o vilarejo né, que a gente chamava: Vila de Salvaterra. Era dominado ali por Soure né, na época era dominado por Soure. Tá fazendo 51 ano, 90, 80, por aí, assim. Veio dois sinhô de Belém, um que era advogado. Aí se interessaram lá tirar de Soure pra fazer a cidade de Salvaterra, mas primeiro era um povoado de Soure, tudo era dominado por Soure. Era um povoado pequeno, a maior parte foi fundado por cearense, essa rua aí que chama a Rua Cearense, que trabalhavam na agricultura. (Seu Cabo)

---

<sup>25</sup>A Cabanagem foi uma grande rebelião popular que eclodiu na província do Pará, em 1835. Foi assim denominada porque dela participou a população pobre que viviam em cabanas à beira dos rios, e que eram chamados de cabanos, como também ficaram conhecidos os participantes da revolta.



Posso ter lhes passado a palavra, mas os relatos e descrições só estiveram inteiros na experiência presencial. Foram acompanhados por gestos, entonações, encenações, que corporificaram o contado. Estão imbricados nessas lembranças, os conhecimentos empíricos acerca do lugar praticado e a imaginação sensorial de quem viu, tocou, pisou, sentiu o espaço. Para Márcia Bezerra o corpo, mãos, dedos, pés operam como instrumentos de exploração, de verificação, de construção de conhecimento (2013, p. 114). O empenho desses instrumentos também no ato de narrar reitera essa assertiva e remete a interação física e simbólica dessas pessoas com as coisas contidas nesse ambiente.

Um exemplo claro disso é Damasceno, homem que nada vê, mas tudo percebe. Uma cegueira o acometeu quando jovem, sem poder ver o que está na sua frente anda pela cidade de pés descalços para não errar o caminho, da época que podia ver lembra-se de todos os detalhes da cidade, das esquinas, das cores, dos mercados, os rostos e fez questão de me descrever a Salvaterra que ficou na memória. Hoje Salvaterra são seus cheiros, a rugosidade dos asfaltos, a voz dos moradores, Damasceno nunca se perde por suas ruas, nem tropeça por terrenos acidentados porque anda descalço, inscreve-se no lugar como o lugar se inscreve nele.

Assim como os lugares inscrevem-se nas palavras, e se tornam “lugares-ditos|” (MAFFESOLI, 1994, p. 65), os grupos que habitam a cidade inscrevem-se nos lugares, evidências do processo de formação contínua e intersubjetiva no qual estão inseridos (ibid, p. 66; INGOLD, 2012, p. 31). As mudanças espaciais, as marcas do tempo, a arquitetura das casas, a localização de uma árvore e mais uma infinidade de detalhes e marcas contam um pouco da história dos grupos dali pertencentes e é dessa “capacidade mais ou menos grande dos territórios de exprimir (ser a expressão de) a(s) comunidade(s) que os habita(m) é que faz do espaço físico o espaço vivido” (MAFFESOLI, 1994, p. 65). O território da cidade é constituído por esses “lugares emocionalmente vividos” (ibid.).

É essa cristalização do espaço-tempo que configura a paisagem, “os lugares, sendo transfigurados em espaços sociais, coadunam-se com o tempo que costura e recostura as imagens mentais de acordo com as categorias nativas” (SILVEIRA, LIMA FILHO, 2005, p. 40). Só com os relatos dos moradores o croqui ganha vida, com a imaginação do leitor é possível imaginar as ruas citadas, se deixar transportar e viajar através do tempo. As imagens se referem em sua maioria às mudanças ocorridas em terra. O que não significa o rio como as cercas da cidade, as mudanças ocorridas na água são mais sentidas em relação à escassez do pescado. O que também não indica que não haja histórias dentro d’água – porque existe uma infinidade de narrativas de experiências vividas no rio, em alto mar, dentro dos igarapés – mas

que pela ausência de edificações físicas e alterações espaciais, os relatos sobre os rios versam mais sobre edificações culturais, e episódios experienciados nesses domínios, como alagamentos, viagens, visagens, pescaria, etc.

O rio no croqui não deve ser entendido como um não-lugar (CERTEAU, 2012, p. 195), mas um papel de mediador e agente, assim como a praia, ou qualquer outro lugar distinguido pelas linhas do lápis que usei. Seus contornos são junções e separações, as linhas são comunicadores entre o que distingue, o espaço do entre. “Símbolo narrativo de intercâmbios e encontros” (ibid.), na relação entre todas as coisas há sempre o espaço do vácuo, que permite sua expansão. Os lugares habitados não são somente aqueles que abrigam as construções arquitetônicas em sua materialidade, mas também é possível habitar esse vazio enquanto “uma abertura do dentro para seu outro” (ibid. p, 197).

### 1.3 Água-morada

Quem nasce em Salvaterra é “filho” de lá, “nós semo natural e filho daqui” me disse Seu Domingos; quem a escolhe para viver, ali “se planta”; a criança quando acaba de nascer está “verdinha”. Falamos da terra que salva ou do que salva a terra? Essa questão ninguém soube me responder. Sobre isso só sei que foram os rios que habitaram de pessoas aquela terra, e ainda que “esse rio vai embora, rio Paracauari, nós tamo dentro, Soure e Salvaterra, dentro do rio, não sei se você já ouviu falar”, como me disse dona Oneide. Da relação primordial que trouxe a vida ao território só podemos constatar a íntima relação entre os dois elementos.

Heidegger, na conferência intitulada “Construir, habitar, pensar” aponta a relação dos atos que dão título ao discurso como relação originária do ser do homem no mundo. Para ele existir “consiste em habitar e, isso, no sentido de um de-morar-se dos mortais sobre essa terra. ‘Sobre essa terra’ já diz, no entanto, ‘sob o céu’. Ambos supõem *conjuntamente* ‘permanecer diante dos deuses’ e isso ‘em pertencendo à comunidade dos homens’” (HEIDEGGER, 2001, p. 03). É a partir da relação de pertencimento desses quatro elementos que o autor desenvolve a noção de *quadratura*, é quando há o resguardo a ela, quando nos demoramos nos deixamos agir por ela: acontece o habitar. A vida vai se constituindo, a melodia vai acontecendo, as árvores crescendo, e assim por diante, como no trecho citado anteriormente de Virginia Woolf. E é por essa fusão que há vida na terra, como diz Ingold: “não pode haver vida onde o céu e a terra não se misturam” (INGOLD. 2012, p.320).

Todo material que há entre terra e céu possui essa potência primordial de habitação. Porém as águas estão infiltradas pela atmosfera, principalmente quando pensamos na umidade amazônica, por toda superfície e subterrâneo terrestre, elas em sua potência de vida também vibram e seguem seu vigor. “Sem a água ninguém vive, né. Sem o líquido”, me disse Seu Martinho. É inerente à água a característica de dissolução e mistura, o úmido, o líquido tem o poder de mover e umedecer os materiais, a água move e umedece o real (CUNHA, 2000, p.16), os tornam passíveis de ligação. É aí que está sua potência de habitação que dá fluidez a todas as coisas, pois são todas elas compostas, permite que *vazem* (INGOLD, 2012, p. 29) como nos contornos do *sfumato*.

Os moradores de Salvaterra erguem como planta de terra, mas também de água. Como habita, a água se deixa ser habitada, percebendo isso é possível ver a expansão dos limites da cidade da faixa de terra para a água e vice-versa. A cidade está nas águas porque está nas pessoas, as constituem biológica e simbolicamente. A água é também morada da terra, do céu, da comunidade e seus deuses. “Todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa” (BACHELARD, 1978, p.200), por isso a água também é morada, “o não-eu que protege o eu”, segundo Bachelard (BACHELARD, 1978, p.200): o verdadeiro ponto de partida da imagem.

O caráter cósmico das lembranças orgânicas não deve, aliás, surpreender-nos desde que compreendamos que a imaginação material é uma imaginação primordial. Ela imagina a criação e a vida das coisas com as luzes vitais, com as certezas da sensação imediata, isto é, escutando as grandes lições cenestésicas dos nossos órgãos (BACHELARD, 1997, p. 126).

Eu consigo levar uma embarcação só o piloto pilotando e eu dizendo aonde é que ele tem que entrar até na vila onde eu nasci. Só com as lembranças do que eu via tudinho eu lembro (Damasceno).

“O ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive em casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos” (BACHELARD, 2008, p. 25). É um convite à livre imaginação. Sempre que tinha oportunidade perguntava as pessoas que imagem em sua opinião mais representava a cidade. Foi curioso perceber que as imagens descritas falavam muito sobre o observador, suas ocupações diárias, etc. os pescadores em especial foram os que me chamaram mais atenção. Respondiam, em unanimidade: a cidade vista do mar, a cidade que se revela por detrás do farol. A pesca dá bases para a demarcação

de territórios objetivos e subjetivos, representa o cenário onde são estabelecidas relações e construídas essas subjetividades.

Não coincidentemente o ponto de quem observa essa imagem é um ponto em comum de caminho para pesca de todos os pescadores artesanais da cidade. A partir deste ponto se encaminham em diferentes direções. Quando de volta à cidade, em épocas de luz elétrica escassa, era esse farol que indicava a proximidade de casa. Rumo ao farol vão ao encontro do habitar das águas, habitar da terra, ao elo da relação de humanos e espaços habitados, seus lugares. Em uma tarde de maio conheci Silvando, comerciante dono de uma loja de materiais de construção, pescador de coração, ao me descrever a imagem me ofereceu uma carona à configuração de sua paisagem, me levou ao farol para que de lá visse a cidade. Agarrei a oportunidade, me deixando levar pela apreensão das paisagens do outro através das experiências ricas e sensíveis em campo.



Os pescadores descreveram imagens de quem olha a cidade da água e através dela entendem Salvaterra, evidenciando uma imagem compartilhada, um ponto de vista, um ponto de identificação e pertencimento constituído pelo olhar de cada um. As imagens que nascem do seio da relação com o território são narrativas (ACHUTTI, 1997, p.14) que transmitem informações objetivas sobre o lugar e sobre a pessoa que o habita, mas também evoca um universo subterrâneo, o imaginário. Seu Domingos acostumado à pescaria de curral nos arredores do farol é quem diz:

Nós sempre fazia um ponto ali na ponta do farol, é uma ponta, um ponto muito visagento, a gente já viu muita marmota lá. Lá aparecia um padre, na ponta.

Aí quando foi uma madrugada eu já tinha a primeira minha companheira tinha um filhinho verdinho e o negócio tava pegando pro nosso lado. Aí ele, de madrugada eu me acordei e chamei meus irmão pra nós ir fazer marisco. Aí, eles, nenhum quiseram me acompanhar. Ai como eu já tinha aquela responsabilidade eu enfrentei a chuva que tava caindo, era umas duas horas da madrugada eu sai de baixo da chuva, tarrafa, o remo e a sacola.

Eu cheguei lá no trampolim, só tinha uma montaria lá do Sandovar, mas nós era conhecido, aí eu botei ela pra água e fui me embora pra ponta. Cheguei na ponta eu amarrei, saltei e fui tarrafear. Nisso que eu cheguei na ponta a chuva passou, quando a chuva passou eu fui encostando, ai eu saltei e joguei a tarrafa, no que eu joguei a tarrafa, nesse tempo dava muito peixe por aí, pratiqueira sobre tudo.

Aí eu agarrei joguei a tarrafa e tinha bem peixe de baixo da tarrafa e eu tava desengatando sobre as pedra, ai que quando eu ouvi aquela conversa pra banda do farol: “hum, hum, hum”. Levantei a cabeça vinha duas pessoas andando. Todos dois de calça comprida, de sapato, camisa de manga comprida abotuada assim no pulso. Ai eu disse:

- Mas não é possível não tem montaria nenhuma aqui, ah não...

Aí eu me alembrei da marmota, né. Aí eu peguei, meti-lhe a mão na tarrafa assim na porrada e joguei dentro da sacola, cheguei lá desmanchei a montaria e empurrei pra fora. Quando eu empurrei pra fora eles tavam bem assim na beira d’água. Aí disseram assim:

- A sua Valença.

- Como?

- A tua Valença! – ai eu disse:

- É se tu não pegasse tu não vai pegar mais.

Aí meti-lhe o remo e vim-me embora. Cheguei ai na beira, encostei, deixei a montaria no lugar onde tava e vim-me embora pra

casa. Cheguei em casa eu contei pro papai, aí eu conversando com o Martinho e outras pessoas que eram mais antigo também, o finado Centenário... diversas pessoas que já viram isso, essa marmota, aí eu conversando contando eles disse:

- Não, isso é um padre que sempre aparece eles lá.

Agora eu não sei o que significa esse padre lá.

Seu Domingos enfrentou todas as dificuldades por sua precisão, chegando ao farol ainda teve de enfrentar o dono da morada. Mesmo sem saber ao certo o significado de sua aparição Seu Domingos acaba desenvolvendo a partir desse contato modos de fazer que respeitem as vontades desse dono. O fato de ter compartilhado o ocorrido com pescadores antigos é sinal de um mútuo aprendizado e compartilhamento de experiências, Para Agnes Heller (1992, p.20) “o individuo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico”, e é no grupo que o aprendemos os elementos da cotidianidade (HELLER, 1992, p. 19). Isso é imprescindível para compreender como são construídas as noções e saberes que determinam as formas de agir no e com o espaço.

Mas não só a pesca constitui seus sentidos:

Tu sabe como é o nome desse farol aí? Chamam de Ilha dos Amores, o pessoal vai pra lá namorar (risos).

Assim disse Dona Eunice. O farol está localizado em frente à cidade em uma pequena ilha, além das histórias da pesca o farol também guarda muitas histórias sobre os amores de Salvaterra, abriga há muito tempo romances clandestinos. Todas as pessoas que fizeram parte desta pesquisa estão ligadas aos rios de alguma maneira, são herdeiros de um extenso e peculiar conjunto de conhecimentos relacionados aos rios. A experiência de cada narrador com a água está embutida nas narrativas, elas podem ser vistas como reflexo dessas experiências, individuais e coletivas. Essas narrativas não representam somente a cidade, mas também os que a habitam, suas relações, seus afetos, perspectivas e o que os ligam uns aos outros. A demarcação dos pontos de observação de cada interlocutor representa a demarcação dos territórios dos grupos onde são estabelecidas suas relações e construídas suas subjetividades, assim como o papel dos rios em suas vidas. O espaço da cidade é vivenciado de variadas maneiras, portanto é constituído a partir da complexidade dessa diversidade.



Dona Oneide também me alertou:

Nós temo o farol bem ali, naquele farol - ninguém acredita! Eu disse: tu quer acreditar tu vai lá no farol e fica sentada lá até meia-noite – criança chora e o galo canta. Você diz: você já foi lá? Já! Uma senhora, ela já morreu, ela era espírita, ela disse:

-Vocês querem ouvir ou vocês querem ver?

Aí nós éramos umas quantas né, namorado essas coisas. Aí nós fomos, atravessamos pra lá na maré seca, meia-noite, mana. Você jurava que você via criança chorar, cachorro latir, e galo cantar. Dava medo? Não. Você procurava todo, o farol inteiro rodando, onde você achava cachorro e gato? Não sei.

A paisagem é sempre constituída em apreensões sinestésicas. As paisagens sonoras alimentam o olhar, Dona Oneide, não é pescadora, mas experienciou o farol, sentiu, escutou, a palavra é a prova. Naquela época, os antigos falavam você escrevia, ou ouvia, e hoje? Ela preferiu escutar, senhora das escolhas. Ouviu e seguiu as palavras da senhora espírita, sua

palavra deve ser prova, documento também para quem a escuta. Essa multiplicidade de olhares e perspectivas sobre um mesmo ponto é que vão compondo o imaginário local e o território da cidade não só de usos como de sentidos. O farol além de ser importante elemento para uma vida positiva, ou seja, a partir da sua funcionalidade para a navegação, guarda os sentidos de um passado que se projeta e constrói simbolicamente as paredes de casa. É nesse sentido que Bachelard fala sobre a sensibilização dos limites do abrigo, o farol é um importante elemento de localização das paredes impalpáveis que essas pessoas constroem em torno de sua casa, dentro da qual podem sonhar em resguardo.

Para compreendermos melhor essa ideia temos a contribuir as noções de “aqui dentro” e “lá fora”. Concebidos para servir de alerta aos navegantes de que estavam a se aproximar da faixa de terra, o farol também é sinônimo da proximidade de casa. Os termos posteriormente citados são usados comumente como referência espacial dos episódios narrados, principalmente por pescadores. Os termos tem origem na pescaria, a pescaria de dentro é a pescaria próxima à faixa de terra da cidade, nos domínios dos rios. A pesca de fora designa a pescaria de alto mar, em que o pescador se afasta da linha de costa a perder de vista. “Lá fora”, portanto faz referência aos episódios ocorridos no mar, e “aqui dentro” aos ocorridos nas proximidades da cidade, tendo sempre o farol como referência, ou para dentro dos rios, braços e lagos no sentido do interior do arquipélago.

Não por acaso a maior parte das epifanias tem origem no território habitado, poucos foram os episódios narrados sobre visagens em alto mar. Mas os igarapés, as ilhas ao redor da cidade, os braços de rios que levam ao interior são povoados pelas encantarias. As imagens ligadas ao “lá fora” em sua maioria têm ares terríficas e amedrontadores. Como é o caso da expressão “o mar não tem cabelo”, o mar não oferece suporte, “não tem onde se segurar” quando acontece um alagamento ou acidente.

É como se “dentro” e “fora” indicassem os limites de casa, que estão para além da faixa de terra. Apontam, ainda, certa unidade entre os caminhos aquáticos que percorrem as Ilhas do Marajó, ligando em um sentimento de pertença – podemos pensar também em vizinhança – as várias localidades. Dentro dessa perspectiva o farol indica com seu foco as cercas imaginárias de uma casa, até onde se pode perceber sua luz, às pessoas estão em casa. Para Bachelard (1978, p.201) a casa, juntamente com os quatro elementos: água, fogo, terra e ar, “é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos” humanos. E o princípio que os liga é o devaneio. No caso aqui estudado água e terra compõem as dimensões conexas casa.

## 2. A CIDADE É UM DESEJO

De uma cidade não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas as respostas que dá a nossas perguntas (Ítalo Calvino, *As cidades Invisíveis*, 1990, p. 44).

Na Amazônia, o termo cidade não pode dizer respeito somente à porção de terra ocupada, habitada pelo humano em aglomeração. Deve dizer respeito à porção do território – seja terra, água ou densa floresta – habitada também pelos sonhos, pelo devaneio, pela imaginação que constituem o humano na cidade, o humano enquanto coisa. Do lado de lá, em um dos vários Marajós, há cidades erguidas literalmente sobre as águas, como é o caso de Afuá. Como aplicar a essas cidades conceitos secos, destituídos de fluidez e mobilidade, que só a água traria? Cidades ribeirinhas, assim costumam chamá-las, é uma forma aproximada de falar da intimidade da relação de humanos e águas. Mas essa intimidade pouco é refletida nas palavras que a evocam. Poucos conseguem atravessar pontes como a de Salvaterra e perceber a cidade que é refletida na água, que se expande por ela.

Apolo, ao mirar-se na água enxergava o que queria enxergar na difusão da imagem incerta, era o mais bonito porque assim o desejava. Quem procura um espelho deseja ver-se, compreender-se, nas formas móveis pela ondulação das águas:

Ora, a água está na matriz da seqüência espelho - reflexo – reflexão - pensamento. A liquidez da água, seu caráter essencialmente móvel sugere o movimento das idéias, e o seu objetivo: ser espelho fiel da realidade. Assim, a água como espelho, produzindo a reflexão - o sair de si e voltar a si - é símbolo por excelência do pensamento (BRUNI, 1993, p.59).

Só não podemos esquecer que a realidade é constituída a partir da sua relação com a ficção, é construída, como a cidade. Portanto o que podemos ver através do reflexo da cidade nas águas é “um espaço fantástico onde se manifesta um perpétuo recomeçar de um querer-viver coletivo” (ROCHA, 2009, p. 16). A cidade em realidade é, portanto, construída da ficção e do desejo de ser, de estar, de sair de si e estar no outro, com o outro, vendo a si mesmo a partir dele em um movimento reflexivo que pressupõe a alteridade. A cidade inscreve-se nesse “desejo irreprimível de estar-junto que se estrutura a partir e em torno de um território” (MAFFESOLI, 2001a).

É importante salientar, pela observação das formas como exprimimos esse desejo na região, como estão amalgamados em nossos corpos chamados amazônidas, que ele antecede em muito a imposição de um sonho de civilização do Mundo Novo e independe de sua

forçada implementação. Este desejo diverso e peculiar irrompe descontinuamente através do processo evolutivo de homogeneização modernizante das cidades, perfurando-o de vida-morte e reinvenção. Não só na Amazônia, mas no Brasil como um todo, qualquer cidade não pode ser compreendida somente pelas paisagens caóticas de um urbano doente, por sua solidez material (ROCHA, 2009, p. 16), ou ainda pela corrida sem freios com destino a um progresso duvidoso.

A vida de lugar algum é exprimível somente a partir de uma lógica de um tempo linear em que a história de todas as coisas possui sentido e direção únicos. Há os modos de proceder da criatividade cotidiana com suas táticas de resistência. Essa resistência ergue-se tradicionalmente frente aos conflitos e imposições por que passam cada grupo e, de acordo com Maffesoli, ela deve-se a recorrência de uma memória espacial e funciona como uma “reserva de energia insondável e misteriosa” (2001a, p. 81) que não pode ser subestimada.

É por essa incapacidade de dar conta da imprevisibilidade da potência de tal resistência, além da dificuldade da captação das *infinitesimais* formas que pode vir a tomar, que ao teorizarmos vestimos as vestes do estrangeiro, muitas vezes opressor, e caracterizamos o que não conseguimos explicar como caos. Ou, simplesmente aplicamos modelos prontos que não dão conta dessa diversidade, e nem estão abertos aos mistérios do porvir. Por isso é difícil compreender os processos de urbanização das cidades na Amazônia, tão acostumados estamos com as dicotomias que também impõem formas de ver o urbano que não levam em consideração os usos e apropriações que as populações locais fazem dos conceitos externos.

No decorrer desse estudo me vi frente a um dilema maior ainda, eu que vivo na região, familiarizada com algumas das formas tomadas pelo o urbano a partir de minha experiência, em um afastamento metodológico incorporava as visões totalizantes impostas ao povo do qual faço parte, legitimando eu mesma um padrão ideal de cidade homogeneizada e higienizada com a qual nunca me deparei. Passei a opor tempos de tradição e modernidade, a nostalgia do passado e a aspiração do futuro, entre outras coisas. Fui perceber só posteriormente, retomada minha habitualidade, que eram essas formas coexistentes, e não excludentes, a cidade. Ao contrário do que muitos afirmam, negando inclusive os próprios passos, o modo de vida nas cidades amazônicas não são como chama a defínhar, viver na Amazônia é experimentar a descontinuidade, um emaranhado de trajetórias que se entrecruzam em diferentes espaços e tempos.

Por isso, me detenho sobre leituras que percebem a cidade enquanto uma das maneiras pela qual a espacialização da socialidade toma forma, no sentido simmeliano do termo (MAFFESOLI, 2001a, p. 88). É o lugar onde ocorre a sociação que afronta a passagem do

tempo, sedimenta as histórias passadas, é o lugar que reúne as pessoas em rituais diários que os enraízam para dinamizar o espaço na densificação das relações sociais. Como afirma Maffesoli:

[...] a cidade ou a casa, como sedimentação das histórias passadas, do tempo passado, serve assim de pólo de atração, constituindo sólidas fortalezas nessa luta permanente que é o afrontamento do destino. É aí que deve ser buscado o fundamento do apego afetivo ou passional que liga o indivíduo ou o grupo ao território, qualquer que seja (ibid. p.57).

São os afetos, conflitos, a série de dramas sociais vividos no lugar que o delineiam, para além de toda a infraestrutura que a cidade proporciona. A cidade antes de ser constituída pelas entidades e instituições é composta de interações e sensações somente isoladas abstratamente (FRIAS, 2001, p. 30). Os habitantes da cidade não são meros espectadores das transformações e imposições de um urbano devastador. É antes como escritura, onde autores e leitores se confundem e se entrecruzam “em fragmentos de trajetórias e alterações de espaços” (CERTEAU, 2012, p.159). A cidade é constituída dos caminhos tomados diariamente por seus habitantes em direção ao estabelecimento de seus laços, aos (des)encontros.

## 2.1 A navegar

Como já foi dito a primeira rua de Salvaterra, de acordo com Dona Oneide, era a que hoje tem origem na frente da Igreja e dá para a praia dos Barcos, ou vice-versa, passando pela frente da Colônia dos Pescadores. Atualmente esta rua nem sequer entra na contagem que dá nome às ruas da cidade, que obedecem a uma sequência numérica, as ruas são 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> ..., e são cortadas por travessas, também 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup>.... tanto as ruas como as travessas começam do contato com os rios. No início da formação urbana, quando Salvaterra ainda era uma pequena vila, as construções eram dispostas ao longo da beirada, como ainda podemos ver em muitas comunidades ribeirinhas na Amazônia.

As famílias, casas e instituições foram se multiplicando, quando emergiu a necessidade da expansão da cidade por terra, em ruas. E a organização dessas ruas por números. Mais tarde, nomes de personalidades Salvaterrenses foram dados a algumas delas, mas ouvi de Seu Miranda sobre a Rua Victor Engelhard “não sei que butaram esse nome nessa rua, mas pra mim é 4<sup>ª</sup>”. A cidade foi se metamorfoseando, como é possível perceber através do mapeamento da seção anterior, novos caminhos foram abertos para novos encontros. Mas a impressão que tenho quando estou lá ainda é a mesma, as ruas ainda dão

para o mesmo lugar, mesmo a PA154, liga o rio Camará ao rio Paracauari, recomeça em Soure e dá para o mar. A água é seu maior destino.

A fixação no território se deu ao longo dos rios, assim foram se organizando os povoados, se intensificando as casas, dispendo-se as ruas. “*La marche constitue sans doute l’activité élémentaire a partir de laquelle la rue se met à vibrer et à prendre corps*”, disse Jean-Paul Thibaud (2006-2007, p. 117). Os fluxos de movimentação dos corpos pelo território são os principais responsáveis pela agitação das ruas, da cidade e do processo de mudança do ambiente urbano. A ligação entre os diversos povoados que anteriormente se dava somente pela via dos rios, com o tempo foi se estabelecendo também por terra, também em decorrência da diversificação dos meios de transportes.

Porém, mesmo com a interiorização da ocupação urbana e o crescimento demográfico do interior do município, Salvaterra não perdeu seu caráter de ilha. E de acordo com Diegues (1998, p. 89) “as ilhas, ainda que parcialmente isoladas, não se desenvolvem em sistemas fechados; vivem, ao contrário, em ritmos alternados de abertura e fechamento”. São os rios os principais comunicadores na região. Disse Dona Oneide:

Esse rio vai embora, rio Paracauari, nós tamo dentro, Soure e Salvaterra, dentro do rio, não sei se você já ouviu falar. Mas nunca incheu, o mar nunca subiu, Soure é pra lá, você vai por aqui e por aqui, Salvaterra você vai por aqui e por aqui. Daqui desse canto você vai pro Amapá, eles dizem, pro Amapá, pro Amazonas, aí você pode ir num bote desse, lá em cima no bote durmindo que a maré num mexe. O rio é rio, vai embora, nadinha de maresia.

As deambulações dos cidadãos são pontuadas, cada uma de sua perspectiva, “que ao mesmo tempo bastam a si mesmas e estruturam por meio de seus ritos o espaço cotidiano” (MAFFESOLI, 2001a, p. 154). Na procura por relatos de movimentos nas transcrições percebi que os deslocamentos relatados não eram somente na terra em menção a caminhadas, em sua maioria revelam as caminhadas anfíbias, as ruas dos encontros sociais e as ruas dos encontros com a água, que por sua vez também proporcionam os primeiros, existem também os relatos de deslocamento em água, que também pressupõem tais encontros. Do caminhar ao navegar os moradores de Salvaterra vão “esculpindo o tempo” (ROCHA, 2003, p. 120) da habitação, da casa, da cidade. Dessa forma os rios não são vistos como barreiras ou fronteiras,

mas como caminhos de expansão e para realização de trocas materiais e simbólicas (DIEGUES, 1998, p. 88), como as ruas.

Outra vez eu sai só pra ver esse marisco, eu saía daqui às vezes onze hora, meia noite, sozinho. Descia aí na praia e ia-me embora (Seu Domingos).

A naturalidade, organicidade e dinamicidade como são vistas as caminhadas e navegações e suas intersecções revelam as formas tomadas pela relação dessas pessoas com os rios e com o externo ao seu território. Para Diegues no livro *Ilhas e Mares*, “o ilhéu atravessa fronteiras e limites não percebidos pelo continental e isso está ligado à necessidade de se desenvolverem estratégias para a solução dos muitos conflitos que se originam no pequeno espaço” (1998, p. 97). Como exemplo dessas estratégias o autor aponta os labirintos que podem ser formados pelas ruas no interior da ilha, mas no caso de Salvaterra, percebi ao contrário a disposição simples das vias e a chegada ao mar como perfeita estratégia. Não como rota de fuga, mas como terceira via de entendimento que apazigue certa claustrofobia que pode ser ocasionada pela paisagem insular<sup>26</sup>.

Para Diegues, a atmosfera da ilha, do ambiente pequeno e de certo modo fechado, acaba criando a necessidade do prolongamento de vias, da abertura de portas e caminhos em resposta a finitude dos espaços. Nas ruas são nossos próprios pés e pernas e veículos como carroças, carros e bicicletas que nos levam aos encontros e desenham a cidade, nos rios nos deslocamos pelo nado, ou com embarcações dos mais variados tipos e tamanhos. Esses veículos transportam pessoas, mercadorias, pescado, mas também toda a carga simbólica que cada uma dessas coisas e mais uma centena delas carregam, além da sua própria e ainda a história de sua popularização. São também responsáveis pelas formas tomadas pelos caminhos que traçam trilhas, estradas, rodovias e, no caso dos barcos, a marola que ocasionam. Funcionam eles próprios também como comunicadores também, vias e portas.

Mesmo com o adensamento da malha rodoviária o principal meio de transporte no Arquipélago do Marajó ainda são as embarcações, única via de ligação das ilhas que o compõem com o continente. Segundo o Padre Giovanni Gallo, que fez uma breve reflexão

---

<sup>26</sup> Neste livro Diegues distingue o conceito de *insularidade* – “os fenômenos sociais resultantes do relativo isolamento dos espaços insulares que podem ser quantificados (distância do continente etc.)” – de *ilheidade* – “as formas de representação simbólicas e imagens decorrentes da insularidade que se expressam por mitos fundadores da ilha e de sua sociedade. Ilheidade diz respeito também ao vivido pelos ilhéus, aos comportamentos induzidos pela natureza particular do espaço insular” (1998, p.89).

acerca dos nomes que batizam as embarcações, aí está o labirinto. Mas diferente das formas labirínticas que tomam as ruas nas ilhas de Diegues, este é formado pelos inúmeros tipos de embarcações e toda uma sabedoria por trás de escolhas, que vão dos pormenores da construção à escolha do nome que irão carregar (GALLO, 1981, p.49). Longe de um estudo minucioso, mas atenta às simples observações que abrem também caminhos que desvelam os aspectos multifomes dessa realidade (ibid.), o seguinte diálogo me chamou atenção:

Dona Eunice: Tem o Manjaba o Manjabinho, e o Manjabão.

Lanna: Da onde vem esse apelido?

Manjabão (filho de Dona Eunice): Porque meu pai tinha duas canoa que se chamava São Sebastião e Iemanjá. Então é de Iemanjá, vem de Iemanjá. Aí, o pessoal colocaram o apelido. Porque aqui em Salvaterra o pessoal só conhece a gente assim, por causa da embarcação.

Manoel (filho de dona Eunice): Desde nove anos que a gente pilota canoa aí, a vela, motor, nós conhece toda a onda, entendeu?

Falávamos nessa ocasião sobre os apelidos dos filhos de Dona Eunice que tiveram origens nas embarcações do pai, o “falecido Centenário”, pioneiro no transporte de pessoas entre Soure e Salvaterra, inclusive, na incorporação dos barcos com motor na travessia. Esse diálogo evidencia uma série de questões pertinentes à discussão aqui estabelecida. A começar pelos nomes das canoas que carregam todo o sincretismo religioso já tocado anteriormente neste trabalho, depois é importante pensar sobre como as embarcações muitas vezes são como as próprias extensões de seus donos na travessia e vice-versa, afinal muitas vezes, essas pessoas passam grande parte da vida na água, amparadas por suas embarcações. Da mesma forma como os donos dão nome a elas, nomes que refletem suas crenças, desejos e afetos, as embarcações também lhes nomeiam e contribuem a constituição de suas próprias identidades.



Nesse sentido, essas embarcações funcionam como metáforas no sentido oposto do proposto por Certeau (2012, p.182), quando propõe que os relatos de espaço tenham o nome de *metaphorai*, nome dos transportes públicos na Atenas contemporânea, apontando a íntima relação entre narrativa e espaço. A locomoção, a transposição no espaço é metafórica, já que a metáfora é justamente a manifestação das maneiras de se passar a outro, de se transfigurar. As embarcações, como os relatos, todo dia “atravessam e organizam lugares; os selecionam e reúnem em um só conjunto, deles fazem frases e itinerários” (ibid.), praticam o espaço. A metáfora implica o conhecimento das estruturas que viabilizam o sentido literal e o ultrapassa através de uma comparação subentendida, recorre a um sistema de significação peculiar pra que possa dele escapar.

## 2.2 Paisagem urbana

É no dia-a-dia vivido nos espaços da cidade, que são constituídas redes de relações complexas entre os diversos atores sociais que pressupõem trocas subjetivas e objetivas que vão compondo os espaços da cidade, o que Almeida (2008) chama de processo de territorialização, que redesenha a superfície da cidade de acordo com conteúdos sociais condizentes com as maneiras, segundo as quais se relacionam, organizam e autodefinem os sujeitos sociais. Constitui-se um “território-paisagem” (ECKERT, 2009, p.88) do agir no lugar, o que revela um conjunto de interpretações e afetos, mesmo que constituídos em diferentes trajetórias, um sentido do estar na cidade.

A experiência está embutida nas paisagens que compartilham, elas podem ser vistas como reflexo dessas experiências, individuais e coletivas, constituindo um sentimento de estar no território que o unifica a partir das relações estabelecidas na cidade. A paisagem é então como um sinônimo da cidade, esses termos são “ressemantizados como território de unidade e de sentidos” (ECKERT, 2009, p.88), dos que a habitam, suas relações, seus afetos, perspectivas e o que os ligam uns aos outros. Da apreensão estética, portanto, sensível, constituem-se representações, imagens. Mesmo em uma paisagem natural – que pressupõe um ambiente em que não são encontrados elementos vinculados a ação humana – há humanização da paisagem quando a categorizamos, segundo representações construídas sobre o ambiente. Paisagem é um fenômeno cultural já que o olhar cultural determina sua perspectiva não só sobre o conceito de paisagem, mas sobre seu enquadramento. A paisagem é uma construção, é um recorte feito na natureza através do olhar. Sobre isso diz Gerog Simmel:

A natureza humana, que no seu ser e no seu sentido profundos nada sabe de individualidade, graças ao olhar humano que a divide e das partes constitui unidades particulares, é reorganizada para ser a individualidade respectiva que apelidamos de paisagem (2009, p.07).

O olhar é afetado e afeta o ambiente da existência cultural e do lugar ocupado. Toda natureza é humana porque são os olhos humanos que a enxergam. Toda e qualquer paisagem é constituída por aqueles que contemplam e a transformam, portanto aí consiste a duplicidade da ação de quem a constrói e é a paisagem (SILVEIRA, 2009, p.71). Corroborando assim à concepção de pessoa enquanto autor e sujeito do mundo. Assim, para Boaventura de Sousa Santos o mundo que é visto pela ciência moderna como social ou natural se torna ambos, “visto[s] como um texto, como um jogo, como um palco ou ainda como uma autobiografia” (SANTOS, 2008, p.72).

Para Bachelard, antes de um fenômeno consciente qualquer paisagem é experiência onírica, quando despertamos de um sonho, enquadrados a paisagem com o olhar, não “um quadro que se povoa de impressões, mas uma matéria que pulula” (BACHELARD, 1997, p.05). Damasceno, um dia abriu os olhos e não pode ver. A Salvaterra de Damasceno é constituída das lembranças que guardou e repassa com minuciosos detalhes, depois ele passou a configurar a paisagem através dos outros sentidos, os rastros deixados por essa apreensão mútua são deixados na areia pelos pés, que como em braile inscrevem Damasceno na paisagem citadina.

Damasceno, me foi indicado para uma conversa por diversas vezes, homem de muitas estórias, logo fiquei sabendo de sua fama. Foi reconhecido recentemente pelo Governo Federal como mestre da cultura popular. Damasceno já tinha virado mestre em minha imaginação muito antes disso, antes até do primeiro encontro. Conversando em uma esquina me avisaram: “lá vai o Damasceno, chama ele”. Quando o vi, homem simples, pés descalços, camisa no ombro, short amarelo, caminhava sozinho e tranquilo.

As ruas de Salvaterra que eu conheço, conheci, quando eu era bom da vista Salvaterra não tinha as ruas que tem. Só que ao decorrer dos caminhos eu fui me adaptando e consigo andar nas ruas quase que toda, só não nas invasão. Mas aqui o centro... eu ando, e ando descalço pra me adaptar ao chão. Porque se eu andar de sandália, a não ser que eu ande com alguém, se não o risco é os carro me bater.  
(Damasceno)



Conhecê-lo me fez sentir o quanto a paisagem é a integração totalizante dos elementos contraditórios e sensíveis, expressos e experimentados corporalmente, um universo experimentado, meio em que o homem se sente conectado (SIROST, 2010, p. 7). Trata-se de, não só compreender, entender, investigar, mas perceber, sentir, mergulhar, nas águas, e nos sentidos que a experiência do mergulho no cotidiano nas paisagens, por meio das narrativas de seus moradores podem proporcionar. “As place is sensed, senses are placed; as places make sense, senses make place” (Feld and Basso 1996, 91 apud PINK, 2007, p. 240).

Perceber as coisas é entender e reconhecer o caminho que as conduziu até nós e que permitiu que se perpetuassem (SANSOT, 1983, p. 28). De acordo com Silveira:

A percepção de paisagens está imersa em um processo cognitivo vinculado ao jogo sutil de adesão às imagens que a mesma suscita e, assim, a uma perspectiva estética, uma vez que toda paisagem implica a presença de uma dimensão sensível e emocional por parte do humano (SILVEIRA, 2009, p.72)

Adentramos no campo de uma sócio-antropologia do mundo sensível, aos moldes do que nos dizem Michel Maffesoli e Anibal Frias, que se entende a partir da pluralidade do que se pode designar pela palavra grega *aisthesis*, ou seja, compreender a cidade a partir da materialidade de sua existência social, da diversidade da experiência sensorial: visual, olfativa, tátil, auditiva, gustativa; o papel do corpo na socialização (FRIAS, 2001, p.16; MAFFESOLI, 1994, p. 59).

A ação da mão define o vazio do espaço e o cheio das coisas que o ocupam. Superfície, volume, densidade, peso, não são fenômenos ópticos. É com os dedos, é na concavidade das mãos, que o homem primeiro os conhece. Mede o espaço, não com o olhar, mas com a mão e o passo. O tacto enche a natureza de forças misteriosas. Sem ele ela seria semelhante às encantadoras paisagens da câmara escura, ligeiras, planas e quiméricas (FOCILLON, s.d., 111).



### 2.3 A apreensão do instante

Em minha primeira viagem a Salvaterra – quando ainda nem vislumbrava o caminho que seguiria nessa pesquisa – decidi abrir mão de qualquer recurso, achei melhor visitá-la, conhecê-la, conversar com seus habitantes sem as amarras de blocos de notas, câmeras fotográficas ou gravadores. Dessa viagem só sobraram os registros que fiz quando cheguei em Belém. Salientando meu processo de rememoração dessa experiência, é importante perceber como e o que lembrei, como e o que absorvi. Dessa viagem ficaram imagens gravadas em minha memória, o ambiente me pareceu tão milimetricamente encantado como se fizesse tudo parte de uma pintura, com cada traço pensado. Mas uma imagem em especial foi como o primeiro impulso do que viria a desenvolver tempos mais tarde.

Era uma menina, que hoje não me recordo o nome, tinha aproximadamente 8 anos, morena, cabelos lisos, olhos curiosos. Conversamos em frente à casa em que ela morava na 1ª Rua, ela estava sentada sobre um mirante de madeira e me falava, apontando o lugar no rio, sobre um boto que vira certa vez. Quando a olhei por um instante percebi que seu rosto tinha como fundo a água, naquela ocasião azul, e seus cabelos esvoaçavam como sobre a terra. Percebi a menina como a imanência dos dois elementos, e ela própria emanava sua existência sobre eles. Outras imagens naquela viagem ficaram na memória, mas essa, por sua composição, pelos elementos contidos ali em frente aos meus olhos, naquele enquadramento que me falava tanto, por ele mesmo, sem que necessitasse de nenhum esforço interpretativo ressoou em mim de uma forma mais inquietante. Porém em momento algum lamentei que não tivesse a câmera fotográfica em mãos, ficou o momento.

Foram desses momentos não fotografáveis que nasceu interesse pela fotografia. Há pouco tempo ouvi de Miguel Chikaoka<sup>27</sup>, fotógrafo que muito admiro, que a fotografia para ele é o momento, o que o levava a fotografar cada vez menos em relação há outros tempos. Para ele é preciso em primeiro lugar viver o momento, para descobrir como eternizá-lo. Há momentos que devem ser respeitados e guardados somente no segredo da memória e seu trabalho silencioso. Porém, anos depois daquela primeira viagem a campo, ainda não consigo, e creio não ser possível, definir em palavras como cada instante deve ser apreendido e, ainda mais, com que formas eternizá-lo. Creio que a resposta quem dará será sempre o instante.

---

<sup>27</sup> Fotógrafo natural do Estado de São Paulo, que vive e trabalha no Pará desde a década de 1980.

A compreensão do instante pressupõe uma sensibilidade empregada na experiência, viver o momento em sua intensidade. Portanto, primeiro me detive a abrir as portas e sensibilizar as formas de olhar e daí cheguei ao estudo do imaginário. O imaginário diz respeito ao aspecto sensível da vida social, é constituído por ele, portanto só uma abordagem metodológica sensível nos leva até ele. Foi essa abordagem que me levou também à fotografia. Esse interesse foi evoluindo junto com o trabalho a ponto de se tornar parte integrante e indivisa, essencial a pensar como as imagens repercutem em nós, atestando como as coisas repercutem em nós, que falam e nos induzem a pensar (BARTHES, 2012, p.41).

Foi através da fotografia que pude materializar a afirmação de Maffesoli (2001b) de que o “imaginário é uma realidade”. Para ele o imaginário enquanto comunhão é sempre comunicação, a fotografia materializa a forma como a coisa, “necessariamente real, sem a qual não haveria a fotografia” (BARTHES, 2012, p.72), a imagem dela propriamente dita, repercute em seu produtor e ainda ressoa no espectador. Essa repercussão é resultado de um amálgama da experiência individual e das referências sociais em que está imerso o sujeito que olha. A fotografia enquanto técnica alimenta e é alimentada pelo imaginário, “a técnica é um fator de estimulação imaginal” (MAFFESOLI, 2001b, p. 80). Com técnica Roland Barthes (BARTHES, 2012, p. 75) nos estimula a pensar a fotografia:

A partir do dia em que uma circunstancia científica (a descoberta da sensibilidade dos sais de prata à luz) permitiu captar e imprimir diretamente os raios luminosos emitidos por um objeto diversamente iluminado. A foto é literalmente uma emanção do referente. De um corpo real, que estava lá, partiram radiações que vêm me atingir, a mim, que estou aqui; pouco importa a duração da transmissão; a foto do ser desaparecido vem me tocar como os raios retardados de uma estrela. Uma espécie de vínculo umbilical liga a meu olhar o corpo da coisa fotografada: a luz, embora impalpável, é aqui um meio carnal, uma pele que partilho com aquele ou aquela que foi fotografado.



Ingrid, filha adotiva de Dona Mica, no terreiro em dia de “trabalho”. A fotografia tem a vibração do instante.

Enriqueço ainda a discussão com uma observação de Barthes sobre o simbolismo deste processo: “o corpo é imortalizado pela mediação de um metal precioso, a prata (monumento e luxo); ao que acrescento a ideia de que esse metal, como todos os metais da Alquimia, está vivo”, e acrescentaria ainda mais por conta própria: por que *vaza* e escorre em mim. É por isso que as imagens construídas desse encontro não serão provas da veracidade do “eu estive lá”, mas do “eu estou aqui”, “imagens especulares da vida cotidiana” (ROCHA, 2003, p. 120), estou aqui impressa também de corpo inteiro nas páginas que sustentam palavras e imagens. Assim assimilo toda a reflexão sobre a construção ética e estética que funda a própria narrativa antropológica que surge com a antropologia visual (ROCHA, 1995, p. 113).

O que implica no entendimento da fotografia mais como porta, no sentido simmeliano do termo, “que cria por assim dizer, uma junção entre o espaço da pessoa e tudo que se encontra fora dele, abole a separação entre interior e exterior” (SIMMEL, 1996, p. 03). Para Simmel, a porta é um comunicador de mão dupla, onde se entra e sai, ao contrário da janela, que remete a uma relação meramente visual, de onde se olha para fora, do interior para o exterior (SIMMEL, 1996, p. 04), o ser que olha é apenas receptor do mundo. Nesse sentido, é fundamental a noção de jogo à que recorre Vilém Flusser (2002, p. 75), para este autor só através dele é possível exercer nossa liberdade frente ao aparelho fotográfico, afim de que seu operador não se torne um refém. Estendendo-a percebo que no que se refere à antropologia é

fundamental o jogar no processo fotográfico em todos os níveis: na introdução do aparelho em campo; em seu manuseio técnico; e por fim na tessitura da narrativa etnográfica.

Encontrei Mônica enquanto caminhava pela Praia dos Barcos, ela acompanhava o avô que é pescador e enquanto ele trabalhava em seu barco ela e outras crianças colhiam Siris para uma possível farofa. Fui me aproximando e ela logo se interessou pela câmera, ensinei algum manuseio básico e ela saiu fotografando ao seu redor. Nessa ocasião a câmera fotográfica foi indispensável fator de aproximação e instrumento de curiosidade mútua. A seguir as fotos tiradas pela menina.



Os materiais audiovisuais são olhares sobre o mundo, levados pela intencionalidade de uma pessoa, que destina sua mensagem visível a outro olhar, procurando dar significação a

este mundo (SAMAIN apud ACHUTTI, 1997, p. 36). A porta fala e há quem a escute, quem a interprete, quem a recrie. De acordo com Mead e Bateson “os materiais visuais, antes de serem cópias da realidade, são ‘textos’, afirmações e interpretações” (MEAD; BATESON apud ACHUTTI, 1997, p. 25). É como instrumento de experimentação e interpretação da relação dialógica entre a palavra e a imagem, que insiro as linguagens audiovisuais neste trabalho, abrindo mão do esforço inútil de tentar domesticar a *poésis* que as sustenta. Entendendo-as como importantes instrumentos de exploração e interpretação de dinâmicas sociais.

As palavras e as imagens, “em seus entrelaçamentos, querem garantir a circulação dos significantes” (BARTHES, 2007, p. 05), considerando a existência de um pensamento visual com sua especificidade poética de especial eficácia (GURHAN, 1995, p. 214). Portanto as imagens não ilustram meu texto, ou minha experiência em campo, tampouco as palavras às comentam. “Trata-se de reforçar que, mesmo sendo fundamental o verbo, o convívio deste com outras formas de construção narrativa virá enriquecer as enunciações antropológicas (ACHUTTI, 1997, p.65)”. O que contribui também ao questionamento sobre as formas de fazer o trabalho de campo e, também, a forma de como e para quem apresentá-lo (ACHUTTI, 1997, p. 26).



Conheci esta menina em uma tarde na comunidade quilombola Mangueiras, ela e outras meninas se apossaram das câmeras que levávamos, na ocasião desta foto havia me surpreendido mirando a câmera em minha direção insistentemente. Na falta de afinidade com a pose, já que normalmente estava sempre por detrás da câmera, resolvi apontar a câmera que estava comigo em sua direção também, numa troca de olhares. Todas as crianças fotografadas me fizeram prometer voltar para mostrar as fotos que tirei, que tiraram. Como já disse anteriormente, promessa é dívida em Salvaterra. Segue uma sequencia das muitas fotos tiradas pelas meninas de

mangueiras naquela tarde, infelizmente não posso precisar a autoria de cada uma delas porque a câmera se movimentou com incrível velocidade em suas pequenas mãos.





### 3 “SALVATERRA É SEGREDO”

Salvaterra, 23 de janeiro de 2014

Fomos encantados. “Quinta feira é dia de tambor”, disse Bira. Eu, há tempos procurava um terreiro, mães ou pais de santo que me contassem suas histórias. “É só vocês saírem por aí procurando o som do tambor que vocês vão achar, aqui nessa rua tem um”, disse ele. Seguimos essa incerta indicação e fomos eu e mais quatro amigos que estavam comigo por conta do projeto “D’água-palavra”. Andamos vários quarteirões ouvindo somente o ruído das televisões, perguntamos para várias pessoas se conheciam o pai de santo indicado e nem sinal. Até que nos lembramos de Dona Mica, nos haviam falado dela na Casa de Iemanjá, uma casa que vende artigos religiosos, banhos, etc. Seguimos mais uma vez outra incerta indicação, até que encontramos sua casa. Em busca do som dos tambores saímos e encontramos o que queríamos, mas no silêncio. Não os ouvimos até deixarmos de querer encontrá-los. Ela nos recebeu em sua casa, nos pediu que sentasse, sentamos, ouvimos o som do tambor que parecia vir de uma rua próxima. Algo nos guiou até lá. Era como um livro, realismo fantástico. Tudo tão naturalmente mágico.

Aquela mulher estava distante das bondosas senhoras fortes, tradicionalistas e conselheiras que esperávamos encontrar, que o “dona” inspirava na imaginação. Olhar que não encara, sempre atravessado, olhar mandingado, desconfiado. Sotaque carregado, carregava o “lh”, o “nh” era quase tudo que se ouvia. De uma malandragem interiorana, para não dizer marajoara, ela não era filha dali – não era, porque agora é. Corpo inquieto, as pernas não paravam em um balanço ansioso. Cabelos pretos desgrenhados; era morena, negra, índia, era cabocla; nariz largo, grande, curvado; boca pequena, quase sem lábios; cicatrizes; pele oleosa. A fala era para ela, para dentro, não sei se o som saía do nariz ou da garganta, as palavras? Quem quisesse que fosse buscá-las.

Mariana a sombreou enquanto ainda estávamos na frente de sua casa, ela sentiu que os encantados tinham algo a nos dizer, pediu que entrássemos em sua casa, preparou o ritual, ela desceu, era Tereza Légua, cabocla da areia, nada mais auspicioso. Dona Mica virou cavalo<sup>28</sup>. A roupa mudou, a voz mudou, os trejeitos mudaram, quando tudo terminou percebi que já nem me lembrava mais como era antes da cabocla chegar. Foi no interior da casa dela – chão batido, cachorros, galinhas, tijolos a mostra e aquele cheiro de pano molhado, madeira

---

<sup>28</sup> Cavalo é como são chamadas as pessoas que incorporam os caboclos.

molhada, cimento molhado, havia em tudo umidade – que aquele sentimento me ocorreu, antes era enfrentamento, medo, resistência, restantes dos anos enfiados nas igrejas. Ali dentro virou respeito e o medo não era só meu. A cabocla baixou e falou de nós, para nós, mas também muito sobre aquele lugar da encantaria, das visagens, dos feitiços, das tensões, do bom e do ruim que em tudo há.

Ela ensinou também que o medo era sentimento que tinha de ser respeitado, um lugar do desconhecido, o úmido é a proliferação dos desconhecidos que preserva. Adentrar as paisagens do outro é também compartilhá-lo. Os espaços sagrados o são também porque preservados, e o medo é um dos mecanismos que garantem a preservação, nem a curiosidade do pesquisador pode violá-los. Antes eu estava ávida por conhecê-los, fotografá-los, descrevê-los, mas algo me afastava de lá, o destino sempre colocava barreiras entre nós. Dona Mica me ensinou que era melhor assim, não pude visitá-los talvez porque eles me tenham afastado.

Devassá-los não cabe a esta pesquisa, que não tem por objetivo a tradução ao suposto racional, muito menos desmistificar o que me foi confiado, mas tem a reverência à narrativa, ao imaginário, de respeito a esses saberes e formas de viver os mistérios.

### **3.1 O espaço dos encantados**

Há os espaços e tempos das encantarias, esses espaços e tempos só podem ser interpretados a partir da diversidade dos caminhos de um pensamento simbólico (DURAND, 2008), em que ao contrário da regularidade e monotonia do tempo do relógio e espaço da geometria (ibid. p. 44), estão sob o véu da pluralidade dos sentidos, o que requer não entendimento, ou compreensão, mas um decifrar, que consiste não somente em ligar fatos (ibid. p. 46) translúcidos, mas considerá-los em sua profundidade e mergulhar no vivido social, beber seus mistérios. Por isso seu Martinho me disse: “Encantado é, é o segredo, né”.

Encantado é uns ambiente que... eu acho que é da parte de deus ou é do credo, porque só aparece naquelas hora morta, assim que não tem ambiente nenhum, não tem zuada, não tem ninguém por aqui.

Completa seu Domingos, que assim como os outros interlocutores dessa pesquisa compõe as “paisagens fabulatórias” (SILVEIRA, 2004, p.182), que denotam “aos vínculos humanos com os ambientes manejados ao longo do tempo” (ibid.). É essa atmosfera de mistério descrita por ele, onde estão submersas as infinitas possibilidades da emergência “da parte do

invisível”, para usar uma expressão utilizada por seu Orlando. “É os invisíveis, a gente não sabe quem é. É altas horas da noite, são os espíritos invisíveis, você acha que conversa, de repente some”, ele ainda me disse. São seres ocultos fora da atmosfera descrita e que podem se manifestar em vários lugares e sob as mais variadas formas, peixes, cobras e também pessoas. Sobre isso me contou dona Marcília:

Em Joanes que tem um igarapé de quem vai pra Condeixa. Quando chegou nesse igarapé ela (irmã do ex-marido) disse que veio um rapaz numa bicicleta seguindo ela e conversando, querendo dar o anel dele pra ela. A bicicleta dele bonita, bonita e ele muito bonito. Aí ele veio seguindo até no Cururu, daí ele ficou todo tempo seguindo ela, se ela ia mudar roupa ele sentava na cama ...

Ele se encantou esse rapaz quando ele era pequeno, ele foi buscar sal na casa da vizinha, chegou no igarapé e lá se encantou, só acharam a roupa dele e um peixe do lado do outro ali. Quer dizer, vai pra lá some, né. O sumiço do corpo. Aí quando foi uma vez ele falou pra ela se ela tinha coragem de desencantar ele, que se ela desencantasse ele, ele casava com ela, até hoje ela conta isso.

O que era pra ela fazer? Era pra ela ir lá na praia levar umas flores e quando ela visse ele era pra jogar as flores e se abraçar com ele, era pra ela abraçar ele como ele tava, ia aparecer numa serpente, muito grande, grossa, grossa. Mas ela disse que não, que não ia ter coragem. Então é isso que é se encantar. Até hoje a família dele tá lá. Aí ele sumiu.

Porque às vezes eles se transformam em outras crianças e convida pra tomar banho, aparece, aí cai na água nem vem ele, nem quem convidou.

Narrativas como essa revelam toda a riqueza da apreensão da experiência pelos que praticam o espaço, e da relação do humano com os outros elementos contidos no ambiente em que está inserido. “O espaço praticado e a expressão da memória dos passos perdidos vão se tornar expressão ‘do poder eufêmico do pensamento’ (DURAND, 1984, p. 472) de seus habitantes, na perspectiva de uma comunidade narrativa” (ROCHA, ECKERT, 2012, p. 26). É quando o espaço vivido e experimentado se revela como um conjunto de lugares atrelados

(DURAND, 2008, p. 47) a uma infinidade de qualidades, boas e ruins, conectadas a partir das trajetórias experienciais. Como afirmam Ana Luiza Rocha e Cornelia Eckert, é:

[...] sob o plano desse registro, que as cidades comportam topologias fantásticas, reveladas indiretamente por todos aqueles que nela habitam, expressas em seus atos de narrar a cidade e urdidas no bojo de uma dialética temporal em que o tempo pensado e o tempo vivido se consolidam numa sobreposição (ROCHA, ECKERT, 2012, p. 26).

São essas trajetórias narradas que vão compondo o tecido do véu que recai sobre os espaços dos encantados. Essas narrativas escondem ricos silêncios, evocam histórias sem palavras, criam os espaços (CERTEAU, 2012, p. 173) recipientes dos elementos misteriosos, propiciadores da manifestação dos encantados. Por isso, espaços como igarapés, ilhas, praias, matas e rios, geralmente pouco modificados pela ação humana ou inóspitos, e muitos pela indócil natureza frente à domesticação. As narrativas se inserem no cotidiano dos moradores da cidade como portas de entrada a essa e dessa natureza, “mais uma manifestação de sua potência subterrânea na conformação de ‘espaços imagísticos’ em que o fantástico une o humano e o seu meio” (SILVEIRA, 2004, p. 51).

Seu Orlando me disse sobre os invisíveis: “é a natureza, coisa da natureza, o povo do além”. Por natureza não entendo, nesse contexto, como um polo da relação homem e natureza ou natural e sobrenatural, essa noção vai literalmente além das dicotomias e reúne uma infinidade de narrativas que relatam encontros, que transformam os mais variados espaços em espaços de habitabilidade (CERTEAU, 2012, p. 173).

Há relatos sobre os invisíveis em diversos lugares, o que demonstra seu trânsito entre as esferas, pressupondo a comunicação entre os espaços, porém os espaços descritos acima funcionam como morada, e possibilitam a epifania dos mais variados tipos de encantados. O “encante” (MAUÉS, 2005, p. 265), local onde foram encantados, ou ainda, onde os mais variados seres passam a viver no “mundo dos invisíveis” – podendo envolver metamorfoses ou não –, para onde atraem pessoas para o encantamento, processo conhecido como “mundiação” e onde estão fadados a viver até que passem por um processo de desencantamento, como o descrito por dona Marcília anteriormente.

Dona Marcília se auto-intitula como uma pessoa “tola”, sensível aos mistérios, “marmotas”, como dizem os interlocutores de Salvaterra. Narrou-me por horas os vários episódios em que estivera em contato com eles. Sobre uma dessas vezes me disse: “se a visagem me pegasse me levava pro mato ou pra praia”. O que identifica esses lugares como espaços de contato por excelência. São também os encantados divididos de acordo com sua

área de atuação, existem os encantados da floresta e das águas e os que transitam entre os dois ambientes. Como é o caso da Oiara descrita por seu Orlando, que transita entre o Igarapé e a floresta, tem os pés virados para trás como os do Curupira para enganar pessoas na mata. Há ainda os encantados que encontram morada em outros ecossistemas, nos manguezais, por exemplo, como é o caso do encantado Ataíde na região nordeste paraense (SOUZA, 2013). Porém, não mencionados no âmbito desta pesquisa, o que aponta a maior relevância dos espaços citados no cotidiano dos moradores, em decorrência das diversas atividades neles desenvolvidas.

### *A praia*

“Por que a praia?”, tantas vezes perguntei, “porque a praia é um lugar invisível”, me disse seu Orlando. “O mar faz muita visagem à noite. Essa Praia Grande é cheia de marmota”. Você vê as pessoas, você pensa que é gente conhecido, você chega perto e some. Já vi isso acontecer, cheguei perto e cai fora”, completou. A praia é um ponto de convergência, comunicação entre o mundo terrestre e o mundo aquático, um ponto de intersecção e trânsito. Território limite, ou do vazio, como diz Alain Corbin (1989), mas um vazio preñado de significações. O mar que banha a areia traz consigo resquícios do mundo, e o barulho do mar guarda todas as vozes. Em Salvaterra as águas mestiças mesclam as heranças trazidas do grande oceano com as memórias locais dos rios que percorrem o continente, a água salobra é rica também dos sentidos impregnados nessas trocas.

### *O igarapé*

Assim como a praia os igarapés são outros pontos “visagentos”, como disse seu Orlando:

Encantado tem, aqui no Malato. Quem vai pra Boa Vista, no igarapé. Uma Oiara. É uma sereia, ela tava sentada no pau, eu vi ela e quando ela percebeu ela caiu na água. Eu vi ela de costa, ela branca, cabelo comprido, enrolado. Dá medo porque é coisa assombrosa, coisa que a gente não vê. Dá muito essas coisas no igarapé, no igarapé da muita coisa, é povo do além.



Os igarapés são pequenos cursos de água de pouca profundidade, geralmente navegáveis por pequenas embarcações e cercados por florestas. Em decorrência da pouca profundidade dos lençóis freáticos na região, surgem muitos olhos d'água que infiltram a terra em muitos pontos, aí se localizam os igarapés, como fontes. Também como as fontes a eles são atribuídas características de cura e encantamento. De acordo com Dona Mica, uma série de rituais são feitos nesse espaço, conforme a enfermidade e os “guias”<sup>29</sup> que orientam o tratamento. Os igarapés têm águas doces e geladas, esta última em decorrência da pouca luminosidade que a sombra das árvores propicia. O que cria toda uma atmosfera à epifania fantástica.

As Oiaras, ou Iaras, geralmente habitam igarapés, poços artesanais, mangues ou braços de rio, através das narrativas pude perceber que se manifestam ora como sereias, apresentando metade do corpo de mulher e da cintura para baixo o corpo de peixe, ora como mulheres comuns, ou com os pés virados para trás, como já exposto anteriormente. Geralmente as que são vistas em igarapés e mangues possuem pernas em decorrência da

---

<sup>29</sup> As enfermidades cujo tratamento envolve o igarapé geralmente são as que foram obtidas naquele lugar, como por mau-olhado de bicho (WAWZYNIAK, 2003, p. 45). E os “guias” que auxiliam na cura são encantados, geralmente, também provenientes dos espaços em que a doença foi adquirida (MAUÉS, 2005).

necessidade do trânsito entre os ecossistemas. As encontradas nos rios geralmente possuem nadadeiras, como relatado certa vez por Damasceno, cujo sogro foi encantado e retornou para lhe contar a experiência, estão mais ligadas às profundezas, possuem reinos subterrâneos visitados por humanos encantados com alguma frequência. Em comum apresentam a os atributos da sedução e atração, que pode ocasionar a perda da vítima na floresta ou no rio, ou as levam para o fundo do rio em que habitam, podendo ou não retornar à superfície ou ao caminho correto.

Muitos desses espaços, principalmente igarapés e furos são constituídos visualmente como passagens, portais para outras dimensões, e somente isso já garante a curiosidade dos desavisados de seus mistérios. Seguir por seus caminhos, no caso dos furos, e trilhas na mata que dão para templos, como percebo os igarapés, é um convite à experiência fantástica que alimenta a imaginação.



### *A ilha*

Já as ilhas são atreladas à imagem de um “mundo em miniatura” como afirma Diegues, microcosmo permeado de segredos, “símbolo polissêmico, com vários conteúdos e significados. Centro espiritual primordial, imagem completa e perfeita do cosmos, inferno e paraíso, liberdade e prisão, refúgio e útero materno” (DIEGUES, 1998, p. 01). “Porque essas ilhas tudo são encantada. Algum segredo, né, que existe nela”, afirmou seu Martinho. Em volta do território da cidade há uma série de ilhas menores pouco ou nada habitadas, que funcionam mais como ponto de apoio aos pescadores, que recorrem a elas para descanso da pesca e preparo de alimentos. Desse contato e das experiências de habitação foram se compondo narrativas de “habitabilidade” (CERTEAU, 2012, p. 173). As ilhas mais mencionadas pelos moradores de Salvaterra são a Ilha Cagada e a Morossoca, a primeira

localizada em frente ao Cururu, na localidade de Jubim, e a segunda pode ser vista da orla da cidade.

Passando de Água Boa é o Cururu, o Cururu onde tem uma ilha grande assim na beira, onde tudo quanto é pássaro dorme lá. Tem uma ilha que chamam Ilha Cagada lá. Disque mora um sapo lá, aquela ilha dizem que é encantada, lá que disque sai um navio de lá. Eu tenho uma sobrinha que uma vez ela foi na praia e ela viu. Ela viu aquilo, ai foi, tornou a voltar de novo, seguiu pra banda de lá, porque essa ilha é encantada lá. Porque tudo quanto é pássaro mora lá, é peixe, tudo mora lá. Chega a ser branca de tanto pássaro fazer cocô.



Não vê ali a Morossoca? Ali da ribanceira você enxerga ela. Esses navio que vem de Belém, eles passam do lado daqui dela. Teve um tempo que já morou gente lá, fazia currau, pegava peixe. Ai depois, com o tempo, ela caiu tudinho, ficou só areia, aí tá, aí o pessoal se mudaram, caíram fora de lá. Com o tempo tornou a aparecer de novo mato lá, uma ilha de novo, aí sumiu de novo, agora tornou a aparecer, já tá tudo grande, tem árvore alta mesmo, rápido, rápido.

Em decorrência dos limites geográficos que as águas delineiam aprofundando um isolamento, as ilhas apresentam certa especificidade tanto biológica quanto cultural. O que confere ao ambiente insular a característica de um sistema fechado, um templo ou santuário, misterioso, principalmente aos que a contemplam de longe, ou estabelecem algum contato esporádico, com regras próprias de convívio e habitação entre as diferentes espécies de seres vivos nele existentes. Esse aspecto guarda tanto a fragilidade quanto a proteção desse ambiente, em que qualquer desequilíbrio pode significar seu desaparecimento, mas os mínimos sinais deles já alertam e castigam afastando sua causa.

As pequenas ilhas do entorno do município de Salvaterra me parecem miniaturas das ilhas maiores que compõem o Arquipélago do Marajó em termos ecossistêmicos, mas também culturais, simbólicos. Dá pistas à interpretação das formas de viver no Marajó, as narrativas sobre seus espaços e sua ocupação. E, principalmente, o papel das águas que as cercam e permeiam enquanto elementos de comunicação, proteção e ameaça nos mais diversos sentidos.

### 3.2 “Tudo é respeito, sabe?”<sup>30</sup>

Carregamos na casa nossos deuses  
domésticos (BACHELARD, 1978, p. 200)

A proteção dos espaços mencionados anteriormente envolve uma série de mecanismos e estratégias que garantem sua preservação. Esses mecanismos e estratégias estão baseados em sentimentos muitas vezes contraditórios, como o de amor, devoção, terror ou ódio (DIEGUES, 1998, p. 58). Dão bases a um respeito na forma de lidar com as coisas que compõem o território e encharca as imagens propagadas nele, e sobre ele. É nesse ponto que as “mães” ou “donos” dos lugares desempenham papel fundamental. “Ela que administrava aquela ilha”, me disse seu Orlando sobre “a sapa” da Ilha Cagada, o que demonstra, em acordo com Wawzyniak (2003, p. 45), que a palavra “dono” significa antes uma responsabilidade do encantado com o local, do que sua posse. Alguns encantados são conhecidos popularmente como “mãe” ou “dono” dos espaços que habitam, estabelecendo uma série de regras de “acesso e uso dos espaços e dos recursos naturais ali existentes” (WAWZYNIAK, 2003, p. 39).

---

<sup>30</sup> Frase de seu João Japão sobre a erosão na orla da cidade.

Porque toda parte – tem muitas pessoas que não dá valor – por toda parte tem esse negocio de mãe. Cavava um poço, depois de pronto aquele poço já tinha uma mãe. Ali a gente já respeitava. A gente tinha como uma devoção. Às vezes a gente butava um peixe ali dentro daquele poço quando não, de vez em quando a gente butava uma carcaça, uma coisa qualquer, pra ir aguentando aquela barra ali. E era sempre assim, sempre assim toda, agora não, é como eu to lhe dizendo. Se a gente for falar hoje em dia pra essa rapazeada nova ninguém acredita. Por isso que ta acabando tudo.

O respeito a esses seres, exemplificado pela fala de seu Domingos, e consequentemente aos lugares habitados por eles, se dá em decorrência tanto das dádivas por eles concedidas, no que diz respeito à fertilidade e fartura nos “encantes” e também a ajuda e auxílio nas horas difíceis. Mas também em decorrência de um temor frente às possíveis sanções que os abusos cometidos com as coisas do lugar podem ocasionar. A permanência, tanto dos recursos, quanto das próprias pessoas no lugar “fica condicionada a uma atitude de respeito e ao compromisso de não ‘abusar’” (WAWZYNIAK, 2003, p. 44). As atitudes de respeito dependem muito do temperamento de cada encantado e dão origem a ritos seguidos à risca pelos que acreditam em seu poder. Como por exemplo, as orações, pedidos de permissão e licença para entrar na água, pescar e nadar, e, até mesmo, presentear o encantado por um pedido atendido, procedimentos relatados tantas vezes em campo pelas pessoas.

Sobre o respeito à cobra-grande e o desrespeito que ocasiona a erosão da costa, seu Martinho me disse:

A mãe do rio né. Que eles falam é as cobras que se criam no fundo. Uma cobra grande que mora lá naquela ponta, lá do outro lado que atravessa. Inclusive veio um pessoal de uma pesquisa de petróleo, uns americano aí e viram ela lá na casa dela, no poço dela, morada dela. Com o tempo vai caindo, com o tempo já caiu um bom bucado, é ela que derruba, disque. Porque ela talvez vai crescendo, fica com raiva do movimento que passa lá por cima, zuada de motor. Naquela época não tinha isso, né, era sossego, né. Não tinha motor, era só remo. Hoje é zuada de motor pra cima e pra baixo. Na travessia, pra quem vai pra Mãe do Rio, pras fazenda.

O silêncio é uma das formas de cuidar e respeitar a mãe do rio e sua morada, esse local inclusive ganhou o nome de Sossego, em referência ao descanso da cobra, cuja fúria poderia levar ao fundo Soure e Salvaterra. Como observou Wawzyniak (2003, p.45) no caso dos ribeirinhos do rio Tapajós, também no Arquipélago do Marajó há um empenho em decifrar e identificar a personalidade e o comportamento dos encantados para prevenir de castigos e determinar as formas de proceder nos espaços encantados. Falar aqui em personalidade significa dizer que, mesmo que muitas vezes corporalmente diferentes, esses seres possuem “intencionalidade análoga à humana” (ibid.) e traços típicos que constituem seu perfil psicológico.

Conhecer esses traços envolve a dedicada observação cotidiana das relações ocorridas no e com o espaço, e as mudanças que nele ocorrem ao longo do tempo, mas também se deve a uma importante figura de intermédio nas relações de humanos e “invisíveis”, os/as pajés, xamãs cuja crença está baseada no culto aos encantados (MAUÉS, 1994, p. 73). A seguir um excerto da conversa com Dona Oneide sobre este assunto:

Aí, essa e outras coisas, existe cobra grande? Existe! Eu nunca vi, mas quando eu tinha meus 25 anos ou 30, o papai, a gente era chamado, nós éramos muito da igreja e somos ainda, a gente cantava o negocio da ladainha, missa essas coisas, pras fazendas onde tinha ferração de gado, a gente ia. Aí teve uma vez que foi um barco, nós fomos num barco, quando se aproximamo duma cachuera, ai o rapaz disse:

- Ah não vamo aguentar, nós vamo esperar a maré encher pra gente poder passar na cachuera, porque ela com a maré grande é muito capaz que a gente esbarre lá, que o barco era grande, porque a correnteza chamava, aquela correnteza parece um funil.

Fomos e viemos e não aconteceu nada, aí quando nós passamos pela cachuera, um pedaço, um senhor da fazenda que era pajé, disse pro rapaz assim:

- Para a força do motor aí – ai ele disse:

- Por quê?

- Para!

Aí ele parou, era a hora da maré pra gente vir né, aí ele disse:

- Rapaz a cobra tá com o colo dela ali no meio do rio – aí ele disse:

-Meu deus do céu, o que é isso?

E a gente tudo agasalhado dormindo, né. Aí ele disse:

- É, vamo ter que obedecer, vamo ter que parar, esperar, ela, se tiver com vontade do corpo dela ela vai, se não tiver, vou ver o que eu posso fazer.

Ele era curador, aí ele ficou lá bem na ponta mermo do coisa da canoa, acendeu um tauarí desse tamanho assim, pegou um lenço branco que ele trazia numa caixa, aí pegou o cigarro, defumou o lenço, fechou com uma fumaça assim, aí pegou o tauarí, deu três assoprada de tauarí, aí pegou o lenço, soltou o lenço, o lenço rodou, rodou, rodou, rodou, mana, incrível, vou lhe falar. Parece que abriu, mana, quando a gente olhava assim parece que tinha aberto um lençol, aí de repente você viu, a gente se sentiu, ele disse:

- Obrigado!

Pros orixás, pro povo do mar sagrado. Ela entrou pro colo dela, aí o rapaz disse:

- Dá força no motor, não muita força!

Aí deu força no motor e nós aberamos aí fomo, fomo, quando passou do local onde ela tava aí ele mandou dar força no motor, aí que deu força e graças a deus não aconteceu nada com nós.

E quem viu cobra-grande? Nós não vimos, ele viu. Porque ele tinha o dom, entendeu? Mas existe lá.

O relato de Dona Oneide sobre sua experiência com a cobra-grande é fundamental para percebermos, não somente o papel do pajé no trato com os encantados, como todo um proceder dos ritos e práticas religiosas na região, e sua estreita ligação com o ambiente. Os religiosos da Igreja Católica são chamados para orações e bênçãos não sozinhos, mas sempre acompanhados de pajés ou mães/pais de santo, o que demonstra o sincretismo dessas práticas. No que diz respeito aos encantados é o pajé que toma a frente.

No convergir de saberes e crenças a população estabeleceu os limites identitários que, a partir de então, vem sendo moldados de acordo com mudanças de fluxos por que passam no território. Como nos diz Salles (1980), “nada é essencialmente indígena, africano ou europeu,

na Amazônia. Tudo é experiência de vida, de seus habitantes”. Levando-nos a refletir que este processo de formação a partir da convivência, nem sempre pacífica, desenvolveu um saber-fazer muito característico, em conversa, e por vezes conflito, não só com o território, mas entre as diferenças culturais que desaguaram na região em determinados momentos históricos.

Os conhecimentos de como proceder são repassados quando os pajés são incorporados por eles; em sonhos; por meio do repasse da tradição oralmente e no cotidiano de terreiros; mas principalmente por meio da relação sensitiva, “o dom” de que fala dona Oneide, de sentir, perceber, escutar, ver, o que normalmente não vemos. É através do conhecimento dos encantados que os pajés também desenvolvem um profundo conhecimento sobre os ciclos da natureza, sobre os rios, a lua, as matas, e demais ambientes. Esse conhecimento é repassado tanto através da oralidade, quanto por acontecimentos como esse, em que as pessoas que não tem o “dom” presenciam os rituais que podem ser de cura, para abrir caminhos e até para “malinezas”, o que depende da linha seguida pelo pajé, assim como da ocasião. E este “dom” é legitimado pela crença dos que não o tem, o que faz com que a questão dos encantados vá além do ver, como disse Dona Oneide.

Por meio dos relatos dos moradores de Salvaterra sobre sua relação com os encantados – os “donos” ou “mães” – foi possível perceber que eles se caracterizam como uma espécie de “espírito da natureza”, em analogia com o que entendemos como o espírito humano, tanto em um sentido de uma entidade sobrenatural, quanto no sentido de serem dotados da “coisa” que anima a vida. Por isso, a importância dos encantados para esse estudo, os encantados do “fundo” das águas são o espírito delas, uma das formas pelas quais se manifestam e comunicam.

### **3.3 “Se o povo não respeita, a natureza vai lá e toma”<sup>31</sup>**

Lá eles chamam Ilha Cagada, minha mãe dizia que quando a maré tava cheia parece que era um batuque que tinha na praia e o galo cantava, o boi urrava o cavalo linchava, diz que que era um monte de gente, silêncio e eles batendo o tambor. Mas o sogro dele [do irmão], quando era vivo, dava muito pássaro, mas muito pássaro, o velho ficou assim na beira da ribanceira, mirou bem na ilha e deu um tiro

---

<sup>31</sup> Continuação da frase que dá título à seção anterior de Seu João Japão.

pra lá. E subindo pra olhar lá pra dentro tinha bem uma bacia, assim essas pedra bem lisinha, né, e tinha uma sapa lá dentro.

Mamãe dizia que o olho da sapa era uma conta, que era a mãe da ilha, né, a mãe da ilha. Outro dia eu perguntei pra uma pessoa “e a sapa que tinha lá na ilha?”, “acho que não tá porque nós olhemo e ainda não vimo”. Não, porque o velho deu um tiro pra lá. E canoa né, que vinha vender cachaça em Salvaterra, em Joanes – porque lá fica como se fosse uma ponte pro navio, aquele caminho de pedra vai embora pra fora – então quando as canoa vinham, quebrava as canoa e perdiam tudo que tinha, isso não aconteceu mais depois que ele atirou. Assustou tudo, assustou, os pássaro, tudo. Acabou com tudo. Não vê sair navio, não canta mais nada lá.

Eles moravam em Belém e foram praí. Eles achavam que nada tem dono, mas tudo tem dono, né. Se você passar no igarapé, você – mania nossa do interior – tem que se benzer ou pedir licença porque tudo tem dono.

Foi assim que dona Marcíria contou sobre o desfecho da história da Ilha Cagada e de seus habitantes. Ela foi a única que negou que a ilha continuasse encantada, e “a sapa”, a mãe do lugar ainda estivesse lá. Eu preferi não ir até a ilha, não cabe a mim a verificação da veracidade de cada narrativa. Esse desfecho indica toda uma sabedoria acerca dos desequilíbrios que a ação humana pode causar aos ecossistemas e, ainda, uma cadeia causal dos acontecimentos, que revela as ligações de sentido e uma forma de pensar que dona Marcíria representa. Por um elemento de desequilíbrio, oriundo de ação antrópica, todo um ecossistema foi prejudicado. Em outro momento da conversa que tivemos dona Marcíria me conta o seguinte episódio sobre o igarapé na Praia Grande:

Quando ele fica cheio, que dá muita chuva, ele vira um lago, aí fica cheio, cheio, cheio e vai enchendo, que vai enchendo pra praia, então tem que deixar ele mesmo abrir! Quando foi um ano, foi ano retrazado. Aquele primeiro bar atravessando a ponte, ele abriu. Aquilo caiu tudinho, tudo, tudo, tudo, que era muita gente pra olhar. Ele abriu o igarapé forçado! Não pode mexer, deixa a natureza abrir por ela mesma! Ele fica cheio até a altura dele der pra ir pro mar, né, pra ele

sair. A praia foi abrindo derrubando tudinho, aquelas casa dele já é outra que ele fez. Pois é, foi abuso da natureza, ele foi querer abrir.

Os encantados estão relacionados à experiência com os elementos naturais, que envolve não somente o uso, mas também a observação, a contemplação e a interpretação dos sinais dados por eles. O movimento das coisas, como a sazonalidade, a maré, os ciclos e tempos são estudados diariamente por meio do contato físico e intelectual dos que habitam esses espaços, o que lhes confere um conhecimento profundo sobre eles. Isso envolve também uma adaptabilidade não somente das águas, plantas e outros animais às ações humanas, mas das ações humanas aos movimentos das outras coisas. Estabelece-se assim, uma comunicação. Esses movimentos, além das respostas dadas às investidas humanas de toda espécie sobre o espaço, são mensageiros e/ou mensagens interpretadas e decodificadas. O que pressupõe não somente a agencia do humano sobre as coisas, mas das coisas sobre os humanos, nós próprios em interação.

Na narrativa de dona Marcíria sobre a Ilha Cagada também esta implícita a sacralidade conferida à ilha, o tiro dado pelo senhor devassou um templo e afastou seu encanto. A desobediência às regras dos espaços encantados nunca fica impune. As consequências dizem respeito à dessacralização do lugar, afastamento dos encantados e banalização de uso e acesso aos recursos ali existentes, ocasionando o desequilíbrio que pune as pessoas através da escassez, erosão, etc. Mas outras punições de caráter mais individual também existem, o que denota graus de intervenção no ambiente mais e menos aceitas por donas e donos do lugar, também indicação das regras e saberes nele necessários. Sobre isso me disse seu Orlando sobre a Ilha de Morossoca e depois sobre a Ilha Cagada:

Seu Orlando: Ainda mais quando começa a perseguir, né. Pra querer já fazer o que deus não quer, né. Já quer fazer o que a natureza não permite. Não é verdade? Aí sim a dona, o dono se invoca “ah já quer fazer o que eu não quero, né”. Por exemplo, chega lá um quer construir, né, só que aquilo lá não é pra construir nada ali, sobretudo negócio de moradia. Aquilo é uma coisa, uma encosta, encosta pescador lá, passa dias fazendo ponto.

A ilha Cagada, lá tem um poço, dentro daquela ilha. Lá mora um sapo, é o dono de lá. Lá não se mexe nada, olha, mas não se mexe

nada, se não a pessoa tem algum problema desagradável, nem que seja uma dor de cabeça ele leva.

Lanna: E já aconteceu alguma coisa com o senhor?

Seu Orlando: Não porque a gente não mexe. Chega lá você olha, a pior é que vai mexer, jogar pedra no bicho, aí se zanga, né. Ele se zanga, ele malina. Já sabe o que é, da onde vem.

Essas punições<sup>32</sup>, como diz Wawzyniak, são resultantes do “descumprimento de convenções que orientam como os indivíduos ou o grupo devem portar e circular em determinados espaços, horários, a quantidade de animais a serem abatidos na caça ou na pesca” (2003, p. 45). Algumas dessas punições exigem tratamento realizado por pajés, outras são pontuais, outras irreversíveis, no caso das pessoas que, encantadas, não voltam mais ao convívio na comunidade sob forma humana. O que mostra que os elementos simbólicos funcionam também “como mecanismos de regular o uso e realizar a proteção de ambientes aquáticos” (MARIN, 2005, p. 3), contribuindo com a (re)produção da vida e da cultura local.

É quando “os espíritos efetivamente agem como agentes de proteção ecológica.” (POSEY, 2001, p. 283 apud DEVOS, 2003, p. 21). Identifico em Salvaterra, o que diz Rafael Devos (2003) sobre os “espíritos” no Bairro Arquipelago, na Região Metropolitana de Porto Alegre: os encantados revelam a apreensão social dos recursos naturais e uma “postura ética de uso do ‘bem comum’ que essas narrativas veiculam” (DEVOS, 2003, p. 21). Porém ao contrário do que pensa sobre o caso gaúcho, penso que esses espaços devem ser sim pensados como espaços de natureza, já que é assim que pensam seus habitantes sobre eles, o que não inviabiliza sua concepção enquanto um espaço público de uso comum, como o autor sugere no trabalho citado. No que diz respeito a essa questão é necessário uma reformulação da noção de natureza, e o encantamento da noção de espaço público de uso comum, e ainda, que as duas noções imbricadas permitam que em nossos trabalhos a noção do espaço fantástico vá além de um mero conceito.

Está no cerne da narrativa de dona Marcéria a explicação para a gradativa diminuição das “marmotas” em Salvaterra. A luz, o movimento, o barulho, são identificados pelos antigos

---

<sup>32</sup> É importante ressaltar que não é só por meio de punições que os encantados se manifestam, há outras formas importantes não abordadas nesse estudo, mas que também adquirem relevância no trato com os recursos naturais. Como, por exemplo, quando o encantado se agrada de alguém, no caso do boto e da Iara, ou através de pedidos, troca de fazeres, contratos em geral. Cada uma dessas manifestações envolve uma série de particularidades, para saber mais sobre o assunto, vide trabalhos de Wawzyniak (2003) sobre os ribeirinhos do rio Tapajós.

como inibidores do “invisível”, como o tiro em direção à ilha. A ideia do “afastar” aqui é importante, a diminuição desses episódios na cidade não significa o fim dos encantados, ou da crença neles. Os antigos me dizem que o crescimento da cidade “afasta as visagens”, elas não somem, mas são afastadas para lugares de abundância de elementos naturais, áreas rurais ou pequenos povoados afastados de áreas de maior concentração urbana. E, além disso, são invocados, seja por pajés ou através das orações de pessoas comuns a qualquer instante. O que demonstra que, como me disse seu Orlando, sobre as visagens na Praia Grande: “ah! isso acontecia, até hoje ainda acontece”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS - TUDO DESÁGUA NO MAR

Quando fui pela primeira vez a casa de dona Oneide passamos mais de duas horas conversando em sua varanda, ela me lembrou minha avó, que tinha morrido um mês antes. A senhora usava uma camisa do Círio de Nossa Senhora da Conceição com a gola e as mangas cortadas, tal qual minha avó fazia com suas inúmeras camisas de círios, procissões, etc. Dona Oneide falou sem cerimônia, me deu conselhos, narrou a história da cidade e sua história na cidade. Tive que prestar muita atenção ao que ela me falava, tão complexas eram as teias de significados que ela construía, ali na minha frente. Tive que ouvir a gravação da entrevista e ler sua transcrição por diversas vezes, tive ainda que voltar, esclarecer pontos e trajetórias. Ela com paciência e algum humor sempre me atendia. Mas uma coisa ainda falta ser dita dessa experiência.

Dona Oneide, às vésperas do Círio de Salvaterra em 2012, me falou que foi à igreja, que na época comemorava o centenário da primeira paróquia. Após a missa surgiram imagens na parede “parecia uma coisa mágica”, disse ela, porque não podia ver de onde vinham. As imagens apresentavam a história da igreja. As imagens encantaram dona Oneide a ponto de lhe fazer chorar. Esse relato de imediato me lembrou da magia no início do cinema. As imagens a fizeram recordar de seus pais e avós que tanto lhe falaram sobre aquela história, por isso as imagens falavam também sobre ela própria, sobre sua história. A senhora queria muito poder me mostrar para que eu entendesse o que sentia. Na ocasião não lhe disse, mas não precisei ver o que ela viu para entender a emoção que me descreveu. Enquanto dona Oneide falava as imagens afloravam em mim, as sentia com todos os sentidos, falavam através dela e das narrativas sobre a vida na cidade, sobre a minha vida, minha família, minha história.

Como já dito em outras páginas conhecer Salvaterra me abriu as portas de um horizonte teórico, metodológico, experimental. As senhoras e senhores, seus moradores de um modo geral, foram os que me abriram as portas. A partir dessa experiência conheci mais sobre a região em que moro, as raízes e metamorfoses entranhadas na forma de viver esse lugar. A cada convite que me faziam para sentar em suas varandas, para viajar com eles em seus barcos, para experimentar um prato típico dali, me mostravam que suas, e posso dizer até certo ponto nossas, formas de viver passam longe de serem explicadas a partir do ponto de vista de quem (n)os olha do lado de lá de um abismo, partindo de um luso-início, findando na perda catastrófica e homogeneizadora da identidade. Tão pouco há de idílico em suas paisagens, sempre moventes, sempre dinâmicas, um movimento que resiste às fôrmas folcloristas.

Salvaterra é segredo porque é sempre surpresa. Estas linhas versam sobre uma tentativa minha de conexão e construção de sentidos possíveis da experiência com esse trabalho, seguindo os passos dessas velhas e velhos contadores de histórias. Empenhei-me por fazer emergir imagens de quem lê essas páginas, tal qual dona Oneide fez emergir em mim.

O universo desta pesquisa se apresentou a mim como um oceano de possibilidades de vivências, experimentações e interpretações. Salvaterra se apresentou para mim em sua infinidade de formas e sentidos, estas páginas falam somente sobre alguns deles. Longe de tentar apreender a riqueza que constitui a vida na cidade e sua relação com as águas, aprendi ali a respeitar a imensidão. Toda a discussão aqui proposta e os caminhos trilhados foram escolhidos depois do contato com o lugar e com sua gente, seus olhares, gestos, palavras, paisagens e imagens. Imagens que agora compartilho com eles – são matéria do que também eu sou feita –, porque somos essencialmente criaturas de imagens (MANGUEL, 2001, p. 21). A constituição imaginária é sempre uma construção poética, nela se entrelaçam reprodução e criação, pertença e liberdade.

É partindo disso que nesse trabalho aposto no fantástico da memória no trabalho antropológico em sua função imaginante, que o extrapola, contribuindo a sua ficcionalidade consciente. Entendendo ficção como construção, considero finalmente que este trabalho, assim como minha relação com a cidade está e se manterá sempre inconclusa. Hoje, sob Mercúrio em Câncer, o deus da comunicação sobre a constelação das memórias úmidas que nos encharcam, termino mais uma etapa desta relação que, todavia, não finda aqui.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHUTTI, Luis Eduardo R.. **Fotoetnografia**. Um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca, 1997.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas**. Manaus: pgsca–ufam, 2008.
- ARAUJO, A. Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 7-13, 2009.
- AUMONT, J. Do visual ao imaginário. In: **A imagem**. Campina: Papirus, 2006.
- BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- \_\_\_\_\_. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. São Paulo : Abril Cultural, 1978.
- \_\_\_\_\_. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Editora Cultrix. 1977.
- \_\_\_\_\_. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Inéditos I: teoria**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O Império dos Signos**. São Paulo. Martins Fontes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **S/Z**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BENJAMIN, Walter. Pequena História da Fotografia. In: **Walter Benjamin**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- BEZERRA, Marcia. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da amazônia. In.: **Revista de Arqueologia Pública**, n.7, julho 2013.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRAZ, Vera. Belém: o estuário, o saneamento e a balneabilidade. In: CASTRO, Edna (org.). **Belém de águas e ilhas**. Belém: Cejup, 2006.
- BRUNI, José Carlos. A água e a vida. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 5(1-2): 53-65, 1993.

- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2ª ed. Brasília (DF): Paralelo 15, 2000.
- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- CERTEAU, Michel de. Andar en la ciudad. In.: **Bifurcaciones**. nº7, 2008.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CORBIN, Alan. **O território do vazio**. A praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- CRAPANZANO, Vincent. El dilema de Hermes: La máscara de la subversión em las descripciones etnográficas. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George (orgs.). **Retóricas da antropologia**. Madrid: Ediciones Júcar, 1991.
- CRAPANZANO, Vincent. Horizontes imaginativos e o aquém e além. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 48, n. 1, June 2005.
- CUNHA, L. No mar: conhecimento e produção. In: DIEGUES, A.(org.). **A Imagem das Águas**. São Paulo: HUCITEC, 2000.
- DEVOS, Rafael Victorino. "Pra lá pra aquele lado lá tudo é assombrado": memória, narrativa, espaço fantástico e a questão ambiental. In: **V Reunião de Antropologia do Mercosul**, 2003, Florianópolis SC. V Reunião de Antropologia do Mercosul. Florianópolis: Nova Letra, 2003.
- DIEGUES, Antônio Carlos. **Aspectos sócio-culturais e políticos do uso da água**: Plano Nacional de Recursos Hídrico MMA. São Paulo: NUPAUB-USP, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Ilhas e Mares**: simbolismo e imaginário. São Paulo: Hucitec, 1998.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Ciência do homem e tradição**. São Paulo: TRION, 2008.
- \_\_\_\_\_. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- \_\_\_\_\_. Situação atual do símbolo e da imagem. In: **A fé do sapateiro**. Brasília: editora da UnB, 1995.
- ECKERT, Cornelia. As variações paisageiras na cidade e os jogos da memória. In: SILVEIRA, Flávio; CANCELA, Cristina. (orgs.) **Paisagem e cultura**: dinâmica do patrimônio e da memória na atualidade. Belém: EDUFPA, 2009.

- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza. Etnografia de rua. **Iluminuras** – Banco de imagens e efeitos visuais, Porto Alegre: UFRGS, n. 44, 2001.
- ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. Lisboa: Edições 70, 1969.
- ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser Afetado** – trad. Paula Siqueira. In: Cadernos de Campo, nº13. São Paulo: FFLCH/USP, 2005.
- FERNANDES, J. **Pés que andam, pés que dançam**: memória, identidade e região cultural na esmolação e marujada de São Benedito em Bragança (PA). Belém: EDUEPA, 2011.
- FERREIRA, Alcyline Maria Cabral. A Linguagem Originária e o Silêncio. **Discurso**, São Paulo, n. 30, 1999.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FOCILLON, Henri. O mundo das formas/O Elogio da mão. In: **A vida das formas**. Lisboa: Edições 70, s.d.
- FOULCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1979.
- FRIAS, Anibal. Une introduction à la ville sensible. In.: **Recherches em anthropologie au Portugal**. nº7 - 2001.
- FURTADO, Lourdes Goncalves; SOUSA, Maria Alice Martins de. Belém, ocupação humana e uso de recursos no estuário. In: CASTRO, Edna (org.). **Belém de águas e ilhas**. Belém: Cejup, 2006.
- GALLO, Giovanni. **Marajó; a ditadura da água**. Belém: Edições “O nosso museu”. Santa Cruz do Arari, 1981.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de uma paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Campanhia das Letras, 2003.
- GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. Mapa Social dos Municípios Paraenses: Salvaterra. Sepof, 2011.
- GUIMARÃES ROSA, João. A terceira margem do rio. In: ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- GURHAN, Milton. Entrevista **horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 1, nº 2, p. 209-219, 1995.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

- HARTMANN, Luciana. Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 11, n. 24, Dec. 2005.
- HEIDEGGER, Martin. "Construir, habitar, pensar". In: **Ensaio e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HELLER, Agnes. Estrutura da vida cotidiana. In: **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- HESSE, Hermann. **Sidarta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- INGOLD, Tim. Footprints through the weather-world: walking, breathing, knowing. **Journal of the Royal Anthropological Institute**. s.n.:121-139, 2010.
- \_\_\_\_\_. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, June 2012.
- \_\_\_\_\_. Sobre a distinção entre evolução e história. In.: **ANTROPOLÍTICA**. Niterói, n. 20, p. 11-16, 1. sem. 2006.
- ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- LEÃO, Cláudia. **Imagem Suspensa - A (re)constituição comunicacional das lembranças de mulheres esquecidas em asilos**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2003.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- LEROI- GOURHAN, André. **O gesto e a palavra**. 2 – Memória e ritmos. Lisboa: Edições 70, 2002.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Um Sopro de Vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica – uma poética do imaginário**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.
- \_\_\_\_\_. Meditação e devaneio: entre o rio e a floresta. **Somanlu**, ano 3, n. 1/2, jan./dez. 2003.
- MAFFESOLI, Michel. **A Conquista do Presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001a.
- \_\_\_\_\_. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. O poder dos espaços de celebração. **Revista Tempo Brasileiro**, v. 1 – nº 1, Rio de Janeiro, 1994.

\_\_\_\_\_. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n. 15, 74-82, 2001b.

MANGUEL, A. O espectador comum: a imagem como narrativa. In: **Lendo Imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, PP. 15-33.

MARQUEZ, Juan Carlos Peña. **Mitú Vaupés: A participação dos índios na construção do urbano na Amazônia**. Campinas, SP: 2008.

MARIN, Rosa Acevedo. Quilombolas na ilha de Marajó: território e organização política. In: GODOI, Emilia Pietrafesa; MENEZES, Marilda Aparecida; MARIN, Rosa Acevedo (orgs.). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades**, v.1. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

\_\_\_\_\_. Uso, condições de acesso e controle dos recursos hídricos em comunidades quilombolas do município de Salvaterra (ilha de Marajó, Pará). In: **Anais Seminário Internacional Águas da Pan-Amazônia: Institucionalização de marcos regulatórios, visões de atores sociais e estratégias**, 2005, Belém.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Medicinas populares e "pajelança cabocla" na Amazônia. In: ALVES, PC., MINAYO, MCS. (orgs.). **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994.

\_\_\_\_\_. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 19, n. 53, Abril, 2005.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. São Paulo: Cosac Nayfi, 2003.

NASCIMENTO, Ivete. Tempo de fartura e tempo de fome no litoral do Pará. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Belém, v. 1, n. 2, p. 23-33, maio-ago. 2006

NASCIMENTO, R. **Charles Baudelaire e a arte da memória**. Alea, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, Junho, 2005 .

NICHOLS, Sallie. **Jung e o tarô – Uma jornada arquetípica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1988.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém**. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 1994.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

- PESSOA, André Vinicius. A alquimia do silêncio. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 1, n. 2, 2009.
- PINK, Sarah. Walking with video. **Visual Studies**, 22(3): 240-252, 2007.
- PINTO, Marilina. A Amazônia e o imaginário das águas. In: I Encontro da Região Norte da Sociedade Brasileira de Sociologia, 2008, Manaus. **Anais do I Encontro da Região Norte da Sociedade Brasileira de Sociologia**, 2008.
- RABOT, J. L'image, vecteur de socialite. **Sociétés**, n. 95, 2007.
- ROCHA, Ana Luiza. Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos. In: **Horizontes Antropológicos, Antropologia Visual**. Ano 1, vol. 2, 1995.
- \_\_\_\_\_. A poeira do tempo e as cidades tropicais, um ensaio interpretativo do patrimônio e as dinâmicas da cultura em sociedades complexas. In: SILVEIRA, Flávio; CANCELA, Cristina. (orgs.) **Paisagem e cultura: dinâmica do patrimônio e da memória na atualidade**. Belém: EDUFPA, 2009.
- \_\_\_\_\_. Tecnologias Audiovisuais na Construção de Narrativas Etnográficas, um percurso de investigação. In: **Campos**, 4:113-134, 2003.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. In: **Revista Rua**. Campinas, n. 16, volume 1, junho de 2010.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Cidade e processos museais: saberes sobre os tempos e seus arranjos nas metrópoles contemporâneas. In.: MAUÉS, Heraldo. MACIEL, Maria Eunice (orgs.). **Diálogos Antropológicos: Diversidades, patrimônios, memórias**. Belém: L&A Ed., 2012.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais. In: **Política e trabalho - Revista de Ciências Sociais**, n. 34 Abril de 2011.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: Saberes E Práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI César Augusto Barcellos (orgs.). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.
- ROCHA, Gilmar. Etno poética do olhar. **Sociedade e Cultura**. Goiânia, v. 4, n. 1, jan./jul. 2001.
- RICOER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- RUIN, H.; FOGEL, G.; SCHUBACK, M. S. C. **Por uma fenomenologia do silêncio**. Rio de Janeiro, RJ: IFCS-UFRJ/ Sette Letras, 1996.

- SALLES, Vicente. **A música e o tempo no Grão-Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultural, 1980.
- SANSOT, Pierre. **Les formes sensibles de La vie sociale**. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo Cortez. 5ª ed. 2008.
- SCHAAN, Denise Pahl. Arqueologia, público e comodificação da herança cultural: o caso da cultura marajoara. In.: **Revista Arqueologia Pública**, São Paulo, nº 1, 2006.
- SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. As complexidades da noção de fronteira, algumas reflexões. **Caderno Pós Ciências Sociais**. São Luís, v. 2, n. 3, jan./jun. 2005.
- \_\_\_\_\_. A paisagem como fenômeno complexo, reflexões sobre um tema interdisciplinar. In: SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da; CANCELA, Cristina. (orgs.) **Paisagem e cultura: dinâmica do patrimônio e da memória na atualidade**. Belém: EDUFPA, 2009.
- \_\_\_\_\_. **As paisagens fantásticas e o barroquismo das imagens**. Estudo da memória coletiva de contadores de causos da região missioneira do Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2004.
- SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Por uma antropologia do objeto documental: entre a "a alma nas coisas" e a coisificação do objeto. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, June 2005.
- SIMMEL, Georg. **A filosofia da paisagem**. Tradução de Arthur Mourão. Covilhã: LusoSofia-press, 2009.
- \_\_\_\_\_. A Ponte e a Porta. In: **Política e Trabalho João. Pessoa-PB**, 1996.
- \_\_\_\_\_. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). **Sociologia**. São Paulo: Ed. Ática, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Sociabilidade** – Um exemplo de Sociologia Pura ou Formal. In: MORAES \_\_\_\_\_ **Sociologie**. Etudes sur les formes de la socialization. Paris, 1999.
- SIROST, Olivier. Le sens paysager. In: **Sociétés**. 3(109): p5 -10, 2010.
- SOUZA, Camilla. **Relações de gênero em Bacuriteua (PA): imaginário do homoerotismo masculino entre coletores de caranguejo**. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia). Universidade Federal do Pará. 2013.
- SOUZA, Elton. **Manoel de Barros a poética do deslimite**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.
- FILHO, Evaristo de (org.). **Sociologia**, São Paulo: Ed. Ática, 1983.

- TEDESCO, J. **Nas cercanias da memória**: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF: Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- THIBAUD, Jean-Paul. La fabrique de la rue en marche : essai sur l'altération des ambiances urbaines. In: **Flux**, 2006/4-2007.
- TODOROV, Tzvetan. Comprendre une culture: du dehors/du dedans. **Extrême-Orient, Extrême-Occident**. n° 1, 1982.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado - História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.
- VASCONCELOS, J.A. **Quem tem medo de teoria?** A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.
- WAWZYNIAK, João Valentin. "Engerar": uma categoria cosmológica sobre pessoa, saúde e corpo. In: **ILHA**. Florianópolis, v.5, n.2, dezembro 2003, p. 33-55.
- WOOLF, Virginia. **Rumo ao farol**. Tradução: Luiza Lobo. Rio de Janeiro: O Globo. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec/Educ, 1997.